

# UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ CAMPUS DE MARABÁ FACULDADE DE EDUCAÇÃO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

TAMIRES PEREIRA VIEIRA

JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO NO CAMPO: QUE PERFIL DE SUJEITO?

MARABÁ-PA 2018

#### TAMIRES PEREIRA VIEIRA

### JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO NO CAMPO: QUE PERFIL DE SUJEITO?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como exigência para obtenção do título de Licenciatura Plena em Educação do Campo sob a orientação da Prof. Ma. Maria Celia Vieira da Silva.

MARABÁ-PA 2018

# Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) Biblioteca Josineide da Silva Tavares/UNIFESSPA. Marabá, PA.

Vieira, Tamires Pereira. Juventude e Ensino Médio no campo: que perfil de sujeito? / Tamires Pereira Vieira; orientadora, Maria Celia Vieira da Silva. — 2018.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Marabá, 2018.

Educação rural – Currículos – Estudo e ensino - Pará.
 Educação - Aspectos sociais.
 Aprendizagem.
 Ensino médio - Currículos.
 Juventude rural - Educação.
 Prática de ensino.
 Silva, Maria Celia Vieira da, orient.
 Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.
 Título.

CDD: 22. ed.: 370.91734098115

#### TAMIRES PEREIRA VIEIRA

### JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO NO CAMPO: QUE PERFIL DE SUJEITO?

Data da defesa: Marabá - PA _	/
Conceito:	
BANCA EXAMINADORA	
	Prof <sup>a</sup> Ms. Maria Celia Vieira da Silva- Orientadora Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
	Prof <sup>a</sup> . Dra. Rosani de Fátima Fernandes Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
	Prof <sup>a</sup> Ms. Maura Pereira dos Anjos Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Dedico este trabalho a quem conduziu meus primeiros passos como pesquisadora seu HONORIO, DONA MARIA e Seu DOMINGOS (Tapioca).

**AS MULHERES**: Minha Mãe, Silvandira, Mayara, Maura, Margarida, Glaucia, Célia

As maninhas Laiane e Larissa e ao maninho Lailson, amor fraternal

#### IN MEMÓRIA:

Lorena Lima vitima do feminicidio e violência contra mulher. Lorena Vive!

Lara e Mayara jovens que foram levadas pelas águas do Araguaia, mas que seus sonhos e sorrisos permanecem vivos. Lara e Mayara Vivem.

#### **AGRADECIMENTOS**

O que a memória amou ficou eterno Adélia prado

A memória ama aqueles e aquelas que passaram deixando a sua contribuição, por tantas contribuições em minha vida:

Agradeço a **DEUS** por me manter firme nesta caminhada cheio de percalços e de conquistas.

Sou eternamente grata a meu **PAI** pela simplicidade das palavras ditas através dos olhares, pelas vezes que me transportou na sua moto em dias de chuva e de sol.

Sou grata minha MÃE (verdadeira mulher) por ser a pessoa que mais me cobrou e cobra, nesta vida, mostrando-me o sentido de ser Mulher, mostrando a beleza do colo acolhedor.

Não poderia esquecer **GABRIEL**, meu primo-irmão que sempre com doçura de criança aguardava ansiosamente o momento de brincar, ler e assistir filme juntos.

Agradeço a **THIAGO** que para alem de namorado foi motorista, guia, verdadeiro companheiro desde minha chegada a Marabá, demonstrando seu amor em todos os gestos para comigo. Não podendo esquecer agradecer sua mãe dona **ANA** e seu pai **JÓSOMO** a quem me acolheu, nos cuidados com minha alimentação e estadia.

Gratidão as madrinhas (mães de coração) **NELZIRA** por ter me acolhido em sua casa, proporcionando um teto, um lar, e **SILVANDIRA** por ter me mostrado o caminho da solidariedade com os "outros"

Aos Amigos do curso de Licenciatura em Educação do Campo, turma 2013 que foram a família que encontrei, em especial agradeço a **ERICK**, **KALINE**, **CLAUDERI** por compartilharem as alegrias e tensões de ser estudante do curso ênfase nas Ciências Humanas e Sociais e a **NAÉLIA**, amiga que sempre compartilhou os desafios da academia e da vida, sendo amiga-irmã, me apresentou a poesia, a música, trazendo a beleza e leveza que estas artes dão em nossa vida. Aos amigos do Centro Acadêmico dos Estudantes de Licenciatura em Educação do Campo (CAEC)

A ELANE, YUKARI e MYLENA que na reta final do TCC compartilharam dores, alegrias, e inúmeros lanches, recheados de café e biscoito.

Gratidão aos PROFESSORES do curso de Licenciatura em Educação do Campo por me mostrarem a importância de estar neste curso, especialmente a MARGARIDA, GLAUCIA e AMINTAS de antemão preocupando-se comigo.

A PROFESSORA **MAURA** que desde 2013 me acompanha como estudante, sendo amiga fiel, nas cobranças e trabalhos, tornado-se parte da família.

A minha orientadora professora **MARIA CÉLIA** pela paciência e compromisso em seguir nessa empreitada de angustias, desesperos e alegrias.

Aos AMIGOS DA PJ minha primeira escola formativa feita de jovens e para os jovens.

Aos estudantes, professores e demais funcionários da escola municipal Cilira Vieira de Sousa, escola estadual José Martins Ferreira. Em especial aos estudantes **HÉLIO**, **CLAUDIA**, **SANIEL**, **LAÍS**, **DORATE**, **ODAILSON**, **JEOVANE**, **DIVINA**, **VINICIUS**, **JEOVÁ** por serem os verdadeiros atores e construtores deste trabalho a partir de suas vivências, tensões e experiências, deram voz a vários jovens da comunidade.

Gratidão a todos os moradores da Vila São Raimundo do Araguaia demonstrarão o verdadeiro sentido da palavra *RESILIÊNCIA*.

#### LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA</b>	-	1: Est	rutura	fisica	a	da	Vila		São	R	aimundo	o do	
Araguaia												26	
<b>FIGURA</b>													
Araguaia												29	
Araguaia													
Araguaia												31	
<b>FIGURA</b>		4:	Fest	a	tradi	cional		da		Qua	drilha	na	
Escola												32	
<b>FIGURA</b>	5	: Esco	ola :	Estadual	Ċ	le l	Ensino	N	Médio		José	Martins	
Ferreira												35	
<b>FIGURA</b>	6:	Estud	antes	da t	urma	do	$2^{\circ}$	da	E E	E	José	Martisn	
Ferreira												81	
<b>FIGURA</b>	<b>7:</b> S	ocializaçã	o dos	trabalhos	dos	estuda	intes o	do 2º	ano	da E	E José	Martins	
Ferreira												86	
<b>FIGURA</b>				Jovem/estudante			tra	abalha	como				
leiteiro												91	
<b>FIGURA</b>	9:				Estudantes					aprsentando			
cartazes											-	99	
<b>FIGURA</b>	10:	Sociali	zação	com	a t	urma	do	2° a	ano	EE	José	Martins	
Ferreira												100	

#### LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Dados sobre a matricula e censo escolar dos estudantes do ensino médio da 4
URE de Marabá nos anos de 2015 a 201746
QUADRO 02: Dados sobre vagas disponíveis, matriculas e censo escolar da escola estadua
Lício Solheiro de 2015 a 201746
QUADRO 03: Matriz Curricular do SOME de 201148
QUADRO 04: Cronograma das atividades
QUADRO 05: Perfil dos estudantes do 1º ao 3º ano do ensino médio da Escola José Martins
Ferreira74
QUADRO 07: Cronograma das aulas para a turma do 2º ano da escola José Martins Ferreira
QUADRO 08: Perfil dos egressos do ensino médio da Escola José Martins Ferreira: referente sexo, idade, com quem mora, estado civil, se possuem filhos, e deslocamento até a escola
QUADRO 09: Sexo e Descrição das atividades realizadas dentro e fora de casa pelos jovens egressos do ensino médio
QUADRO 10: Papel da escola na opinião dos egressos do ensino médio da escola José Martins Ferreira
QUADRO 11: Resposta dos egressos sobre os professores do Ensino Médio da Escola José
Martins Ferreira
QUADRO 12: Respostas dos egressos acerca da avaliação e contribuição do EM da escola
José Martins Ferreira112
QUADRO 13: Dificuldades e sugestões de melhorias descritas pelos egressos da escola José
Martins Ferreira113
OUADRO 14: Opinião dos egressos do 2º ano sobre como deveria ser a escola115

#### LISTA DE SIGLAS

UFPA - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

UNIFESSPA - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

**SOME** - Sistema de Organização Modular de Ensino

URE - Unidade Regional de Ensino de Marabá

SEDUC - Secretaria Estadual de Educação -

FREC - Fórum Regional de Educação do Campo

**SEI** – Sistema Educacional Interativo

#### Vislumbrando a cidade

Nessa estrada que sigo
Onde o mato balança
Estendo o braço ao horizonte
Onde se formam os montes
Para esticar a mão calejada
Que de dor latejava
De tanto balde de leite
Água, fruta e farinha ensacada.

Meu caderno simples
Carregado em sacolas
Escrevo a minha
Passagem para uma
Universidade
Saindo dessa escola
Fugindo do sofrimento de andar
Igual jumento com
O sol lhe metendo peá
Sentindo ódio na veia
Para estudar sem muita vontade

No caminho inverso
Numa estrada sem
Fim, me esperava
Uma enxada para derrubar
O capim.
Comia depressa para não tardar
Observando o semblante
De meus pais cansados de labutar

Como quero estudar E sair deste lugar O mundo ganhar e Uma melhor vida a Meus pais irei dar.

Não esquecerei da roça Pois aqui é meu lugar Contudo, tenho que na cidade Morar para poder estudar.

Yukari Moreira

#### **RESUMO**

O presente trabalho denominado "Juventude e Ensino Médio no campo: que perfil de sujeito? Objetiva refletir sobre o ensino e a formação ofertada pelo Ensino Médio nas escolas do campo, tendo em vista o Sistema de Organização Modular de Ensino - SOME, problematizando seus objetivos de formação, bem como, compreender o perfil de jovens inseridos nesta modalidade de ensino, percebendo as provocações/influencias/contribuições do trabalho realizado na EEEM José Martins Ferreira, Vila São Raimundo do Araguaia-PA. A vila São Raimundo do Araguaia está localizada no município de Brejo Grande do Araguaia, estado do Pará às margens do rio Araguaia. Mobilizamos como referencial teórico: Bourdieu (1983), Leão, Dayrell e Reis, (2011) Dayrell, Carrano e Maia (2014) sobre o conceito de juventude numa perspectiva ampla. Em Leão e Rocha (2015), Stropassolas (2006) sobre juventude do campo algumas caracteristicas que demonstram sua identidade. Entendendo que para a analisar a juventude é necessário compreender o contexto em que esta utilizamos Martins (1997) e Hébette (2004) no debate sobre a região do sudeste paraense; Discutindo sobre currículo, ensino médio e juventude utilizamos; Arroyo (2011), Silva (2006), Hage (2006), Freire (1996) Dayrell, Carrano e Maia (2014). Utilizamos como metodologia a pesquisa de campo a partir de abordagens qualitativas e quantitativas, mobilizando também a pesquisa bibliográfica, bem como o estágio docência IV do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Percebemos a partir do estágio que os jovens do ensino médio enfrentam inúmeras dificuldades seja no sentido pedagógico com falta de matérias didáticos, estrutural com relação a escola que se encontram em péssimas condições, bem como na forma curricular nas relações com os professores, com os conteúdos escolares. Identificamos, a partir de questionários aplicados aos estudantes, que são jovens na faixa etária dos 17 aos 23 anos. Percebemos o quanto os jovens do campo não são reconhecidos com suas identidades camponesas, assim como, o Estado nega a sua existência, não possibilitando ao jovem cursar o ensino médio na sua localidade, alem de não reconhecer a existência da escola anexa.

PALAVRAS CHAVES: Juventude do Campo, Currículo e Ensino Médio

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO	12
CAMINHOS METOLÓGICOS	23
CAPITULO 1: O LUGAR DA PESQUISA: A VILA SÃO RAIMUNDO	) DO
ARAGUAIA	26
1.1 A ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO JOSÉ MARTINS FERREIRA	31
1.2 REFLEXÕES SOBRE O CURRÍCULO DA EEEM JOSÉ MARTINS FERREIRA	36
1.3 O ENSINO MÉDIO NO SUDESTE PARAENSE: UMA ANÁLISE SOBRE A 4	a URE
DE MARABÁ E OS DESAFIOS DO ENSINO MODULAR	43
CAPITULO 2 JUVENTUDE: DE QUEM ESTAMOS FALANDO?	53
2.1 JUVENTUDE DO CAMPO E O TERRITÓRIO DO SUDESTE PARAENSE	58
2.1.2 Os jovens do campo: suas especificidades e problemáticas	60
2.2 JUVENTUDE DO CAMPO E O ENSINO MÉDIO DO SUDESTE PARAENSE	66
CAPITULO 3: APROXIMAÇÃO COM AS TURMAS DO 1º AO 3º ANO DO EN	SINO
MÉDIO DA ESCOLA JOSÉ MARTINS FERREIRA	72
3.1 A EXPERIÊNCIA DA PESQUISA E ESTÁGIO DOCÊNCIA NA EE JOSÉ MAI	RTINS
FERREIRA	78
3.2 O TRABALHO E A ESCOLA NA VIDA DO JOVEM: COMO SE ARTICULAM?	89
3.2.1 A pesquisa feita pelos jovens estudantes do ensino médio na vila	95
3.2.2 Os resultados da pesquisa realizada pelos estudantes	95
CAPITULO 4: REFLEXÕES SOBRE O CURRÍCULO DO ENSINO MÉD	IO E
JUVENTUDE NO CAMPO	100
4.1 A EXPERIÊNCIA DO ENSINO MÉDIO A PARTIR DOS EGRESSOS DA ES	COLA
JOSÉ MARTINS FERREIRA	105
4.2 O CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO: QUE PERFIL DE JO	VENS
EGRESSOS?	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS	128

#### INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma continuidade dos trabalhos de pesquisas e estágios realizados durante o curso de Licenciatura em Educação do Campo na Vila São Raimundo do Araguaia. A partir do estágio de intervenção IV no ensino médio, sentimos algumas dificuldades na realização das atividades com os jovens dessa modalidade.

Identificamos que quase todos trabalham durante o dia e estudam à noite, tornando inviável propor qualquer atividade aos estudantes durante o dia. Observamos que alguns dos estudantes do ensino médio tinham sérias dificuldades em ler e escrever, não conseguindo responder atividades e trabalhos deixados para casa pelos professores.

Percebemos que alguns jovens egressos dessa modalidade que permanência na vila tendiam a cursar universidade particulares, no entanto, alguns estudantes que permaneciam na comunidade, se dedicavam a trabalhar em fazendas como leiteiros, juquireiros, dentre outros e casavam muito cedo além outros jovens constituírem família ainda quando cursavam o ensino médio. Contudo, os jovens que migravam da comunidade para as cidades vizinhas, tais como Araguatins e Marabá sempre retornam para visitar os pais com frequência. Os jovens que migram para cidades mais distantes como Goiânia, tendem a retornam poucas vezes a vila. Percebemos que os jovens migrantes alguns dedicam-se a continuar os estudos, no entanto grande maioria dedica-se a trabalhos formais ou informais.

Constamos que as vivencias e experiências dos jovens egressos do ensino médio serão diversas, influenciando nas escolhas que os jovens tenderão a fazer. No entanto, não representa a unidade, pois teremos jovens que não sem da comunidade e não casam, ou jovens que saem da vila e tendem logo a casar, terem filhos, ou continuar os estudos em universidades públicas. Várias serão as situações em que encontraremos os jovens.

Além disso, notamos que a escola enfrenta inúmeras dificuldades na sua estrutura, bem como, em adquirir os materiais didáticos e a merenda escolar. Neste sentido, a escola de ensino fundamental sempre contribuiu com a escola de ensino médio, fornecendo materiais pedagógicos, merenda e o transporte escolar. Os professores do ensino médio, por não serem da comunidade, sempre passavam trabalhos difíceis para os estudantes, tendo em vista que não tinham tempo durante o dia para fazê-los. Além disso, os pais pouco participavam da escola, dificilmente os víamos na escola buscando saber sobre seus filhos.

Neste sentido, foi este conjunto de problemáticas, tendo destaque as dificuldades sentidas em realizar o estágio com os jovens, que motivou esta pesquisa, denominada: "Juventude e Ensino Médio no campo: que perfil de sujeito?". Dessa forma, temos como

objetivo geral: Analisar do Ensino Médio ofertado nas escolas do campo problematizando seus objetivos de formação quanto ao sujeito que almeja formar, bem como, compreender o perfil de jovens inseridos nesta modalidade de ensino, considerando as provocações do trabalho de estágio docência realizado na EEEM José Martins Ferreira, Vila São Raimundo do Araguaia-PA.

Os objetivos específicos são: i) Compreender quem são os jovens do campo que estão no Ensino Médio; ii) Descrever o processo histórico da vila São Raimundo do Araguaia e da EEEM José Martins Ferreira; iii) Analisar os objetivos da formação do ensino médio proposto na escola do campo de Ensino Médio a partir do Some, bem como, iv) produzir uma reflexão sobre o processo curricular das escolas do campo considerando as experiências construídas ao longo do curso de Licenciatura em Educação do Campo.

A partir das pesquisas de tempo comunidade pudemos compreender a constituição do processo histórico da vila e da escola José Martins Ferreira, no qual possibilitou a realização dos trabalhos de pesquisa e intervenção com os jovens do ensino médio. Considerando a organização curricular do curso de Licenciatura em Educação do Campo em alternância pedagógica, ao longo do percurso formativo realizamos as pesquisas socioeducacionais na comunidade Vila São Raimundo do Araguaia, pertencente ao município de Brejo Grande do Araguaia – estado do Pará. O *locus* da pesquisa está localizado às margens do Rio Araguaia fazendo divisa com o estado do Tocantins. Distante a aproximadamente trinta e quatro quilômetros da BR – 230.

Utilizamos como referenciais teóricos: para compreender o conceito de juventude e uma discussão sobre geral sobre esta Bourdieu (1983), Leão, Dayrell e Reis (2011); sobre a conceituação de juventude do campo, políticas públicas e ensino médio, Stropassolas (2006), Marinho (2016), Castro (2012) e Leão e Rocha (2015), Ribeiro (2011), Sposito e Carrano (2003), Nosella (2011); para situar a discussão sobre juventude a partir de um contexto da região do sudeste paraense, utilizamos Martins (1997) e Hébette (2004). Discutindo sobre currículo, educação e juventude utilizamos; Arroyo (2011), Silva (2006), Hage (2006), Freire (1996) Dayrell, Carrano e Maia (2014). Além dos teóricos citados, destacamos a importância dos relatos da comunidade, dos professores e estudantes.

Vale ressaltar que foi a partir das pesquisas do tempo comunidade na vila São Raimundo do Araguaia, e dos estágios de observação e intervenção realizados nas escolas de ensino fundamental e ensino médio, a possibilidade esse novo olhar de pesquisadora, repensando uma nova perspectiva de compreender a comunidade e suas relações.

Neste sentido, o Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA é resultado da luta dos agricultores, movimentos sociais, a partir do acúmulo de lutas nesta região do sudeste do Pará, em pressão ao poder público na melhoria da qualidade de vida, bem como a garantia de sustentação, reprodução e permanência na terra, e de direitos fundamentais a vida humana, como saúde, educação, e etc.

Nesta perspectiva, o curso propõe a formação de educadores e educadoras dos assentamentos e comunidades rurais, a partir dos princípios defendidos pela educação do campo, que atuem a partir da realidade local, bem como uma educação que valorize os saberes das comunidades, a partir desta intervenção na escola. O curso é constituído de uma formação comum, que compreende os três primeiros semestres e uma formação específica por área do conhecimento, a partir da opção dos estudantes. São ofertadas quatro áreas: Ciências Humanas e Sociais - CHS; Ciências Agrárias e da Natureza - CAN; Letras e Linguagens - LL e Matemática – MAT, na perspectiva interdisciplinar.

O curso foi institucionalizado em 2009, quando constituiu a primeira turma. Assim, o curso funciona em alternância pedagógica, ou seja, há alternâncias de tempos e espaços educativos. O Tempo Espaço Universidade (TU) ocorre nos meses de janeiro e fevereiro e julho e agosto; é o período em que os estudantes se dedicam ao estudo mais intenso, além de realizar atividades de socialização dos trabalhos que realizaram nas comunidades e assentamentos,

O Tempo Espaço Localidade, também nomeado de Tempo Comunidade é realizado nos meses de março a junho e de setembro a dezembro. Os estudantes voltam para as localidades onde residem e desenvolvem atividades de pesquisas socioeducacionais e os estágios docências. Com o recurso adquirido pelo Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO, 2012), a faculdade conseguiu em articulação com os movimentos sociais garantir o espaço de alojamento, alimentação, e reprografia dos textos durante o TU dos estudantes.

A Comissão Política Pedagógica é formada com o intuito de construir junto com os estudantes, a organicidade destes espaços, além de realizar outras propostas formativas como: Cinema Itinerante, Noite Cultural, Debates Temáticos, e etc. Essas atividades são compreendidas como formativas além das aulas, pois pensam os sujeitos do campo em sua completude, com direito a comida, diversão e arte. Além disso, as tarefas de organicidade do espaço: como limpeza, lavar louça, preparação de eventos são todas compartilhadas em Núcleos de Base (NBs) que levam o nome de mártires e sujeitos revolucionários, que ousaram

pensar outras formas de relação no seu tempo em contramão aos projetos de desorganização da sociedade propostos pelo capital.

Dessa forma o curso possibilitou-nos essas vivencias formativas no período do TU, nas organizações estudantis, além de garantir os espaços formativos de estudo da teoria na articulação com a pratica no período do TC. Foi a partir da alternância entre espaços formativos, a participação na universidade e na comunidade, as pesquisas e os estágios, possibilidade da construção desse acumulo teórico e prático de conhecimentos, sistematizados nesse trabalho de conclusão de curso. No entanto, além da experiência do curso atrelado a outros espaços formativos anteriores ao curso, espaços da militância, possibilitaram a continuação do trabalho com os jovens do campo.

Sempre estudei nas escolas da comunidade desde a infância até minha adolescência e juventude. Vivenciei todos os níveis de educação formal desde a creche até o ensino médio nas escolas da vila São Raimundo do Araguaia, local onde resido até hoje. Contudo, fui alfabetizada em casa pelos meus pais, em especifico, pela minha mãe. Aprendi as primeiras letras, as silabas, escrever o meu nome, com minha mãe que estudou até a 5ª série do ensino fundamental.

Minha família materna é composta por migrantes vindos do Maranhão, onde residiram no estado de Goiás (atual estado do Tocantins) por um tempo, até chegarem na Vila São Raimundo. Vieram em busca de terras no Pará em que pudessem viver com suas famílias, produzindo sua existência material a partir da agricultura. A minha família paterna nasceu e cresceu na vila, às margens do rio. Seu sustento era provido através da pesca no rio e das atividades de agricultura.

Minha mãe não continuou os estudos porque se dedicava aos trabalhos de casa, tendo em vista que minha bisavó era parteira e sempre estava viajando realizando partos naquela região. Meu pai também ingressou logo cedo nos trabalhos de casa e da roça, tendo que contribuir no sustento da família ainda na infância. Assim, meus pais não conseguiram terminar o ensino fundamental por inúmeros fatores, dentre os que já foram citados, resaltamos a própria escola que ofertava somente os anos iniciais, no qual quem buscasse continuar os estudos haveria de sair da comunidade estudar nas cidades vizinhas.

Nesse sentido, por ser filha única sempre fui estimulada por meus pais a estudar bastante, sendo cobrada também por professores e colegas. Por ser inserida na igreja católica da comunidade, perpassei por inúmeros movimentos da igreja como a Pastoral da Criança e as Comunidades Eclesiais de Base – CEBs. Participei de várias formações acerca da igreja enquanto povo, até conhecer a Pastoral da Juventude com a qual logo me identifiquei.

A PJ foi um espaço em que me encontrei enquanto jovem, pois comecei a perceber inúmeras problemáticas vivenciadas por mim e por vários jovens, sendo problematizados por nos mesmos. Comecei a participar de espaços de formações, no qual acabamos organizando um grupo de jovens na comunidade. Realizávamos missões na vila, discutíamos a partir de encontros sobre a vida da juventude, perspectiva de melhoria e permanência na comunidade, trabalho, o extermínio de jovens, temas sobre a sexualidade, família dentre outros assuntos em que outros espaços como a escola e a própria igreja não se discutem. Dessa forma, acabei me tornando uma liderança do grupo de jovens com apensas 15 anos de idade.

Dessa forma, comecei a assumir outras instancias da PJ da Diocese de Marabá, saindo do grupo de jovens e assumindo a coordenação diocesana da Área Araguaia correspondendo as paróquias de Senhor Bom Jesus (Brejo Grande do Araguaia), Sagrado Coração de Jesus (Palestina do Pará), São Domingos de Gusmão (São Domingos do Araguaia) e São João Batista (São João do Araguaia). Minha tarefa era de acompanhar os grupos de jovens existentes nestas paróquias, promovendo encontros e formações que os articulassem de maneira geral, além de representa-los a nível diocesano nos encontros promovidos pela PJ e outras pastorais sociais e movimentos. Foi nesses espaços que ampliei meus conhecimentos sobre a vida da juventude, questões sobre extermínio de jovens, políticas públicas, dentre outros debates acerca da juventude, além de ter a oportunidade de conhecer outras pessoas e viajar para outras cidades e estados que me inquietaram em problematizar questões sobre a juventude.

Esse período de coordenação na PJ coincidiu com meu ingresso no ensino médio. Um fato a destacar é que meus pais sempre viveram da agricultura, dos alimentos produzidos na roça e na comercialização destes. Sempre colocavam roças em "terras dos outros" dividindo com o dono da terra o que produziam. Entretanto, somente depois de anos de intensas mobilizações ao INCRA de Marabá conseguem um lote no Assentamento Castanheira II localizado no município de Brejo Grande do Araguaia, distante aproximadamente 9 km da vila São Raimundo do Araguaia e da Vila Santa Rita. Morávamos na vila São Raimundo do Araguaia durante a semana período em que eu estava na escola e aos finais de semana eu e meus pais íamos para o lote, fazer plantação dos alimentos na roça, cuidar dos animais dentre outras tarefas.

Ao ingressar no ensino médio no período noturno, passamos a ficar mais tempo no lote, no qual a noite eu pegava o transporte escolar para poder ir a escola. Todavia, eu tinha que caminhar um mais de 2 km para pegar o transporte escolar, pois este não ia até o lote de minha família me buscar. Fazia esse trajeto todos os finais de tarde, sendo que a noite por

volta da 23h30min meu pai me buscava na sua moto e íamos para o lote. Tornava-se pior, no período de chuvas em que as estradas tornavam-se intrafegáveis, tendo que muitas vezes passar a semana na vila para estudar e aos finais de semana retornaria para o lote junto a minha família. No entanto, cabe ressaltar que havia finais de semana em que eu tinha que participar dos encontros da PJ, as vezes passando de dois finais de semana fora de casa.

Em 2011 finalizei o ensino médio na vila, e meus pais já estavam articulando minha possível saída da comunidade para a cidade as cidades próximas, onde eu pudesse cursar o ensino superior. No ano de 2012 uma amiga nos escreveu no Processo Seletivo Especial (PSE) do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Realizamos a prova e a entrevista sendo aprovadas para o curso. Ao ser aprovada no PSE meus amigos e família ficaram extremamente felizes, por ser filha de uma agricultora, migrante e dona de casa e de um agricultor, pescador e funcionário público era a primeira de várias gerações da minha família materna e paterna a ingressar na universidade, carregando muita responsabilidade. Para meus amigos representei um exemplo de estímulo ao ingresso na universidade pública.

Todavia, eu teria que migrar para a cidade, tarefa que no início foi fácil por acreditar que a cidade iria me proporcionas as coisas que eu não tinha na vila. Mas ao chegar em janeiro de 2013 na cidade de Marabá, era tudo novo, mas ao mesmo tempo complicado, pois eu tinha 17 anos e já estava cursando a universidade pública. Além disso, tinha as tarefas com a PJ e o acompanhamento dos grupos de jovens no qual não poderia abandonar o serviço a qual havia assumido. O primeiro ano na universidade foi bastante tenso, pois tinha que me organizar nos estudos e garantir minha participação na PJ, além de ter que contribuir com minha família.

Depois de um período de adaptação e de organização consegui dividir meu tempo aos estudos, militância e família. O curso funciona em alternância pedagógica, o TU quando passamos dois meses estudando na universidade e o TC quando continuamos os estudos e realizamos pesquisas e estágios na comunidade. Eu não trabalhava e ficaria difícil conseguir um emprego tendo em vista que durante 4 meses no ano não poderia trabalhar, além disso, os trabalhos de tempo comunidade exigem bastante dedicação. Dessa forma, optei por tentar conseguir um bolsa pela universidade que possibilitassem que eu continuasse meus trabalhos na comunidade, alem de garantir minha permanência no curso.

Ate tentei conseguir trabalho em algumas escolas de Marabá e na vila, mas não tive êxito, por que eu tinha que me ausentar nos períodos do estudo, sendo que foi uma das dificuldades que as escolas colocaram. No entanto, no segundo semestre de 2013 em contato com uma professora Maura dos Anjos do curso de Licenciatura em Educação do Campo

consegui ingressar no projeto do Núcleo Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação do Campo (NECAMPO)¹ articulado do Fórum Regional de Educação do Campo (FREC SUPA) através do GT de Formação de Professores e Educação Básica, tinha dentre outros objetivos: contribuir no processo de materialização do curso de pedagogia e na Licenciatura em Educação do Campo no desenvolvimento das atividades disciplinares da educação do campo; Realizar estudos sobre Currículo, Formação Docente e Educação do Campo; Realizar atividades de formação continuada para os educadores e profissionais que atuam em comunidades camponesas da região a partir do GT de Formação de Professores e Educação Básica.

Realizava minhas atividades na bolsa durante alguns dias da semana, sendo que os demais eu ia para São Raimundo do Araguaia desenvolver as pesquisas, além de aos finais de semanas participar das atividades da PJ. Vale ressaltar que foi no projeto onde tive oportunidade de realizar leituras essenciais para minha formação, além de realizar ações junto a universidade como a construção de eventos, publicação de artigos via outras universidade, onde enriqueceram minhas experiências formais dentro da universidade em interação com outros sujeitos de outras universidades e movimentos. No entanto, o projeto encerrou-se em 2014, sendo que ainda neste mesmo ano a professora Maura dos Anjos em conjunto com outros professores conseguem aprovar o subprojeto Pidid Diversidade.

O Pibid Diversidade<sup>2</sup> foi um projeto em articulação da UFPA com a UNIFESSPA que tinha como objetivo promover a iniciação à docência dos estudantes do curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo através de práticas educativas que problematizem o currículo dessas escolas nas diferentes áreas do conhecimento envolvendo professores, estudantes e a comunidade dos assentamentos na intenção de articular e fomentar práticas da educação do campo no sudeste do Pará. A atuação do Pibid Diversidade na UNIFESSPA ocorreu com a escolha de algumas escolas e respectivos estudantes do curso que moravam na vila em que a escola estava situada, ou já atuava na escola para desenvolver ações de iniciação a docência junto a estas.

Neste sentido, foi através do Pibid Diversidade em que tive minha inserção com a escola e com a comunidade a partir de propostas sobre leitura escrita, cultura, dentre outras temáticas o exercício da docência. Foi possível articular a teoria e a pratica no Pibid

-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Núcleo Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação do Campo (NECAMPO) nasceu a partir da parceira que foi forjada entre os movimentos sociais do campo no sudeste do Pará e a Universidade Federal do Pará, desde 1999 foram realizados um conjunto de projetos financiados pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Ver mais em ANJOS (2013)

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Ver mais em EDITAL N°066/2013/CAPES.

Diversidade, pois as ações realizadas sempre era um fazer e refazer pedagógico que os professores devem estar abertos ser. Tivemos problemas no Pibid acerca dos materiais e recursos financeiros que nunca foram repassados, tendo que optar por coisas mais simples na produção de matérias e contando com apoio das escolas. Minha participação no Pibid possibilitou a ampliação dos conhecimentos e trocas de experiências com outros sujeitos, alem de poder apresentar trabalhos em outros lugares, como uma forma sistemática da produção das ações realizadas.

Assim, minha participação e envolvimento da PJ assumindo os debates e a coordenação da mesma, bem como o ingresso no curso de Licenciatura em Educação do Campo, alem dos espaços de participação enquanto bolsista contribuíram para amadurecer minha proposta de pesquisa resultando neste trabalho de conclusão de curso. Poder transitar nesses diferentes espaços formativos tendo como base o apoio da minha família foi fundamental para a construção do ser humano que sou, bem como das vivencias que fui adquirindo a partir da experiência do construir e desconstruir como uma pratica de melhoria naquilo que me proponho a fazer.

No entanto, o contato com a comunidade com esse olhar diferenciado, o de me fazer pesquisadora, foi algo significativo em minha construção como docente. Foi esse contato diário, com a pesquisa, com os sujeitos, com os saberes e com as problemáticas que me inquietaram a levar em frente o debate sobre juventude do campo, por também ser fruto dessas experiências. Ainda me recordo do primeiro tempo comunidade que fui realizar na vila, o mais marcante em minha opinião. Tínhamos que construir histórico da comunidade a partir de entrevistas orais, exercitar a pesquisa na pratica. Consultei meus pais para saber as pessoas mais antigas de São Raimundo do Araguaia que pudesse me dar tais informações e este me sugeriram 3 pessoas: Seu Honório um dos primeiros barqueiros da vila; Dona Maria (minha avó) que migrou para esta região bem novinha; Seu Domingos mais conhecido como Tapioca, um negro descente dos quilombolas da Ilha de São Vicente, localizada as margens do rio Araguaia, próxima a São Raimundo do Araguaia.

Como eu já convivia com estas pessoas foi fácil entrar em contato com elas, mas não foi fácil entrevista-las, tendo em vista que eu não sabia como fazer as perguntas certas nos momentos corretos. Contudo, com muita paciência, falaram da sua experiência de vida possibilitando a construção do histórico da vida deles e da comunidade. Foi a partir dessa experiência que tive a certeza de que continuaria a realizar trabalhos na comunidade, dedicando-me a docência. Neste sentido, seu Honório, Dona Maria e seu Domingos Tapioca me ensinaram que um pesquisador deve estar disposto a escutar e olhar para eles e para a

comunidade não como um laboratório de analise, mas como um campo de conhecimento e troca deles. Dessa forma continuei minhas pesquisas e estágios na comunidade, sempre escutando e partilhando experiências com crianças, jovens e adultos, tendo em vista "meus primeiros entrevistados".

Neste sentido, este trabalho está estruturado em quatro capítulos. O primeiro apresenta o lócus de pesquisa, ou seja, a constituição do histórico da vila São Raimundo do Araguaia, bem como o histórico da escola estadual José Martins Ferreira. Compreenderemos a experiência das pesquisas socioeducacionais e estágios docência, em específico o estágio de intervenção no ensino médio IV enquanto metodologias de trabalho constituídas ao longo da pesquisa e do estágio realizado com os estudantes, bem como, analisaremos os dados coletados na 4ª URE de Marabá.

No segundo capitulo abordamos um debate teórico acerca do conceito de juventude partindo das várias concepções sobre este conceito, bem como entendendo a juventude do campo na e sua relação com o ensino médio. O terceiro capitulo discutimos a experiência de trabalho no ensino médio nas turmas do 1º ao 3º ano, analisando algumas características desses jovens estudantes a partir da pesquisa/ estagio realizado com eles no ano em 2016.

O capitulo quarto abordamos a experiência dos estudantes egressos do ensino da escola estadual José Martins Ferreira, refletindo sobre o perfil desses estudantes que saem do ensino médio, assim como algumas reflexões sobre o currículo do ensino médio da modalidade modular.

Nesta perspectiva, desejamos uma leitura agradável e inquietante, contribuindo no reconhecimento dos sujeitos do campo e seus territórios, cumprindo seu papel social de fazer com que os sujeitos do campo tenham visibilidade, em específico a juventude, no qual possam contribuir e discutir sobre a educação do ensino médio que querem, respeitando seus tempos e suas identidades, contribuindo na construção de projetos de vida baseado nas certezas da juventude poder dizer a sua voz.

#### **CAMINHOS METOLÓGICOS**

Este trabalho é resultado das pesquisas socioeducacionais e estágios de observação e intervenção construídos ao longo do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Neste sentido, cabe ressaltar que ele foi sendo construído desde as primeiras pesquisas realizadas na vila São Raimundo do Araguaia, perpassando pelas escolas de ensino fundamental e médio. Dessa forma, foi a partir do acúmulo de dados quantitativos e qualitativos que consolidamos este trabalho.

No entanto, foi a partir a partir do estagio docência IV que fomos afunilando para a consolidação dele. Nos meses de setembro a dezembro no ano de 2016 realizamos o trabalho de pesquisa/estagio com a turma do 2º ano na escola estadual José Martins Ferreira. Nosso foco foi de realizar um trabalho com os estudantes dessa turma discutindo sobre juventude, trabalho e escola, no qual aprofundaremos no segundo capitulo deste trabalho. Assim, em 2016 iniciamos leituras acerca dessa temática, como Nosella (2011) e Ribeiro (2011). Buscamos Thiollent (2002), Miranda e Resende (2006), leituras que nos ajudassem sobre a compreensão da metodologia acerca pesquisa-ação. Vale ressaltar que durante o estágio docência em 2016 realizamos entrevistas com os estudantes, no qual utilizamos neste trabalho.

Em março de 2017 intensificamos o levantamento bibliográfico para este trabalho que discutem sobre a temática juventude e juventude do campo, como Dayrell, Carrano e Maia (2014) e Leão e Rocha (2015), dentre outros. Ainda neste mês de março realizamos a reorganização da proposta de pesquisa, tendo em vista que partimos da proposta realizada no estagio, para a iniciação da construção deste trabalho, no entanto fomos afunilando acerca do que iríamos discutir neste trabalho de conclusão de curso, elencando as leituras necessárias dentre outras ações.

Dando sequência a leitura no mês de abril de 2017, aprofundamos sobre a temática do ensino médio a partir de pesquisas na internet acerca da legislação que rege esta modalidade, bem como sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996. Nos meses de maio ate outubro de 2017 realizei todas as leituras necessárias para a construção desse trabalho, tal como Bourdieu (1983); Leão, Dayrell, Reis (2011) sobre juventude; em Stropassolas (2006) Leão e Rocha (2015) a discussão sobre juventude do campo; Arroyo (2011) Silva (2006) no debate sobre currículo.

Neste sentido, no mês de outubro realizamos pesquisas junto a escola estadual Licio Solheiro<sup>3</sup> sobre o funcionamento da escola, matricula dos estudantes, alem de conversas com a direção da escola. Alem disso, realizamos pesquisas na internet, em especifico no portal da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA), a modalidade ofertada na escola Licio Solheiro bem como dados acerca da matrícula dos estudantes dos anos 2016 a 2017 para fazer uma comparação acerca do aumento ou não dos estudantes nesta escola. Assim, alem dessas informações, identificamos os municípios atendidos pela 4ª Unidade Regional de Ensino com sede em Marabá-PA, informações sobre as modalidades de ensino ofertadas pela 4ª URE, que são Regular, Modular e Mundiar<sup>4</sup>.

A partir dos dados coletados, iniciamos a escrita do primeiro capitulo deste trabalho, finalizando ainda em outubro. Todavia, sentimos a necessidade de conhecer as relações entre os professores e a 4ª URE, alem de saber como esta se organiza. Sendo assim, elaboramos em novembro um questionário direcionado a direção da 4ª URE. Fizemos contato por e-mail com esta, marcando datas de visitas ao espaço e coleta de dados. Realizamos 3 visitas no mês de novembro a 4ª URE, conseguindo informações sobre as escolas localizadas no campo e na cidade, bem como quais eram as modalidades de ensino ofertadas por elas, alem de números de matricula dos estudantes nas respectivas escolas, tendo como foco a escola estadual José Martins Ferreira.

No entanto, sentimos dificuldade em coletar dados juntos a 4ª URE devido a pouco autonomia que esta possui em ceder as informações, fazendo referencia a Seduc-PA como a portadora das informações. Nas visitas realizadas, identificamos informações incompletas, bem como algumas não foram cedidas, tais como: a relação de professores contratados e concursados lotados nesta, alem de entrevistas com a direção da 4ª URE, dificultando a construção desse trabalho. Finalizamos em novembro esta pesquisa junto a 4ª URE de Marabá.

Começamos a sistematização dos dados coletados em dezembro, no entanto percebemos que ainda haviam dados essenciais para serem coletados para o trabalho. Assim, finalizamos a sistematização das informações ate meados de dezembro, em sequencia elaboramos um roteiro de entrevistas para os professores do ensino médio que tivesse atuado

\_

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> A Escola Estadual de Ensino Médio Licio Solheiro esta localizada na cidade de Brejo Grande do Araguaia. Atende os estudantes do município ofertando o ensino médio na modalidade regular. A escola Licio Solheiro é a escola polo do município, tendo duas escolas anexas a ela: escola José Martins Ferreira da vila São Raimundo do Araguaia e a escola da vila São Rita.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> **Mundiar** é o nome de um programa implementado pela SEDUC-PA em parceria com a Fundação Roberto Marinho que utiliza metodologia de tele-aula com o objetivo de corrigir distorções idade/série. O programa tem recebido inúmeras críticas, e denúncias, principalmente a partir o Fórum Regional de Educação do Campo do Sul e Sudeste Paraense (FRECSSUPA). Ver mais em <a href="http://www.seplan.pa.gov.br/">http://www.frm.org.br/</a>

na modalidade do SOME na Vila São Raimundo do Araguaia, alem de questionário aos estudantes egressos do ensino médio.

Em janeiro, conseguimos identificar a professora que havíamos atuado em 2016 no estagio do ensino médio, no qual fizemos uma conversa, pois não permitiu a gravação da entrevista mesmo tendo apresentado um termo de confidencialidade. Alem desta professora, realizamos as entrevistas com o gestor e professor de português da escola Licio Solheiro, além de um ex-professor do SOME que atuava na disciplina de geografia. Vale ressaltar que nossa intenção era de entrevistar professores que houvessem atuado no SOME, e na vila São Raimundo do Araguaia, no entanto como não conseguimos identificar os professores, optamos por realizar entrevistas como estes professores.

Ainda em janeiro realizamos o questionário com os estudantes egressos<sup>5</sup> do ensino médio. Neste sentido, em janeiro realizamos a transcrição das entrevistas com os professores, bem como a sistematização do questionário com estudantes. Tendo finalizado a sistematização das entrevistas e questionário, partimos para a escrita do 2º capitulo desse trabalho em final de janeiro. Este capitulo demandou bastante tempo de escrita, tendo em vista que as leituras feitas necessitaram ser retomadas, bem como análise dos dados requereram uma dedicação maior, finalizando a escrita em início de março.

Partimos para a escrita do terceiro capítulo deste trabalho, pois a apresentação deste seria ainda neste mês. Como ficou um capitulo extenso pelo acumulo de informações e análises o este capitulo foi divido totalizando quatros capítulos no neste trabalho. Assim este trabalho ocorreu de março de 2017 a março de 2018 sendo feito em 1 ano.

Destacamos que este trabalho de maneira geral, utilizamos vários caminhos metodológicos, tais como abordagens qualitativas e quantitativas, a utilização das pesquisas, entrevistas, dentre outros elementos que demonstram o quanto foi um trabalho que demandou tempo e esforço. Reforçamos que foi um trabalho construído ao longo de um ano, mais que foi sofrendo mudanças quando necessário, trazendo informações de pesquisas anteriores, tornando este trabalho uma sistematização do que foi produzido em anos anteriores.

Neste sentido, o capitulo que segue abordará sobre a constituição do histórico da vila São Raimundo do Araguaia a partir das entrevistas com os moradores, bem como o histórico da escola estadual José Martins Ferreira. Alem disso, apresentaremos como ocorreu a experiência da pesquisa/estagio realizado nesta escola no ano de 2016.

.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Os estudantes escolhidos foram os que havíamos atuado durante o período do estagio em 2016, no qual identificaríamos questões quando estudavam no ensino médio e a avaliação enquanto egressos dessa modalidade. Aprofundaremos sobre tais questões no terceiro e quarto capitulo deste trabalho.

# CAPITULO 1 - O LUGAR DA PESQUISA: A VILA SÃO RAIMUNDO DO ARAGUAIA

São Raimundo do Araguaia, quanto tempo já passou
Da época dos bananais, da colheita do arroz
Da broca e derrubadas, e as quebradeiras de coco.
No tempo da Rio Impéc, formou-se acampamento
O São Raimundo de cima desceu, hoje é o presente
Foi a norte americana, que levou os mognos da gente.
(Poesia: "Cultura de nossa região: passado e presente"
Prof. Raimundo Nonato, 2014)

A construção de uma história é movida por palavras. Muito mais do que a escrita, o saber da palavra é fundamental na construção de sua história. Mas a construção de qualquer história é regida por interesses, sejam de evidenciar determinados fatos, seja de apagar e até esconder determinadas histórias. O poder de dizer sua palavra, também está em constante disputa

Figura 1: Estrutura fisica da Vila São Raimundo do Araguaia



Fonte: Google Maps, 2018.

A vila São Raimundo do Araguaia é situada no município de Brejo Grande do Araguaia a trinta e quatro quilômetros da sede, às margens do rio Araguaia, na divisa entre o estado do Pará e o Tocantins. Possui uma população de aproximadamente 1.100 habitantes, residentes na vila, podendo-se alterar este dado com as pessoas que moram nas vicinais e ilhas às margens do rio. Esta alteração no dado populacional pode ser ainda maior, tendo em vista que muitas pessoas estão saindo de São Raimundo, no entanto, tantas outras estão chegando para a vila.

Na constituição histórica da vila São Raimundo do Araguaia utilizamos algumas entrevistas de moradores mais antigos, por entendermos ser importante que estes sujeitos

contem a história do lugar onde residem, bem como a sua própria história. Esta opção se faz necessária quando buscamos evidenciar fatos que ocorreram na comunidade e que não está escrita em nenhum livro didático, ou qualquer outro livro de história. São nessas histórias que vão se entrelaçando a construção da juventude da vila, no qual contam a sua trajetória a partir deste lugar, suas dificuldades, sonhos, anseios, articulado a escola como um espaço importante na sua vida.

A vila São Raimundo do Araguaia vai se constituindo a partir da relação dos moradores com as religiosidades, em específico os festejos a santos e santas da Igreja Católica. Os moradores festejam os santos, o que vai dar origem a constituição do nome da comunidade. Sua primeira formação vai se dá a partir da chegada de algumas famílias que moravam no estado do Tocantins (anteriormente estado de Goiás) tais como cidades de Araguatins:

E aqui ficou sendo [...] por causa do povoado né mudaram o São Raimundo mais pra baixo por que trouxera a imagem do santo, e porque o povoado era maior, la não tinha povoado, era só uns morador pra qui pra cular, ai a Dominga Henrique festejava o São Raimundo todo ano, por isso colocaram o nome da vila, e o povo falava "eita santo grande danado" ai o São Raimundo vinha até o Prejuízo. (Morador 1, entrevista concedida em 2013).

Outro morador reafirma a influência de matrizes africanas nas religiosidades que existiam na comunidade: "religião era só aquela igrejinha e os terecô pra qui pra culá, era a gente tem que falar né? [...] Acabou o negócio de terecô, ficou mesmo só a igreja, não tinha um crente aqui, quando eu vim ganhar a Dominga, quando eu vim ganhar o Vicente, cheguei já tinha uns 30 crente" (Moradora 3, entrevista concedida em 2013).

Acreditamos que as influências das religiões africanas na constituição da comunidade não acontecem por acaso, pois próximo à comunidade moram descendentes de quilombolas, na ilha de São Vicente. Em trabalho de pesquisa realizado na ilha de São Vicente, observamos que a relação dos moradores da ilha com os moradores da comunidade, sendo recíproca, principalmente quando afirmavam participar ativamente dos festejos em São Raimundo, ou na comercialização dos bens que produziam nas roças.

Observando o período em que chegam algumas famílias para a vila, essa afirmação não se torna distante: "[...] os morador aumentava, ai quando nos vinhemos la de cima pra, vinhemos e compramos aqui, e esta casa aqui já foi o neto que comprou pra mãe dele, ai os primeiro morador que chegou foi meu pai que chegou aqui em 1908, meu pai vei pra cá, ai nunca mais saiu" (Entrevistado 1, entrevista concedida em 2013).

Acreditamos que as falas demonstram existência da relação de troca entre moradores de São Raimundo e da ilha de São Vicente, consolidada em relações profundas entre seus

moradores, primeiro por serem locais próximos, e segundo devido alguns moradores de ambas as partes circularem por estes locais. Entretanto, com alguns moradores que vieram migrando dos estados do Tocantins, Minas Gerais foram construída outras relações com os moradores da vila, no qual as relações estabelecidas com os quilombolas da ilha de São Vicente, acabaram sendo distanciadas.

Entretanto, antes tinha sua primeira formação mais acima do rio, muda de lugar a partir da chegada uma madeireira chamada Rimpéz por volta da década de 1960, montando acampamento no lugar que mais tarde seria a Vila São Raimundo do Araguaia. Com a chegada da madeireira para aquela região alguns moradores foram trabalhar nesta devido conhecerem bem as matas e onde encontrar as madeiras.

Neste sentido, as famílias foram se aglomerando próximo do acampamento da madeireira, buscando facilidade quando necessitavam viajar para Araguatins ou Brejo Grande: "Era uma companhia que tirava mogno madeira, ai quem fez estas estradas tudim foi ela, porque tinha chefe daqui da Rimpez que era inté aquele Borlelau que era chefe, Borlelau ai funcionou São Raimundo, chamou aqui de acampamento, por causa da firma, depois foi que isso aqui mudou pra ser São Raimundo" (Entrevistado 1, entrevista concedida em 2013).

Com o tempo, a madeireira foi embora e as pessoas que trabalhavam nela e moravam com suas famílias próximas ao acampamento resolveram permanecer na pequena comunidade. Devido à extração da madeira, estradas foram abertas até a Rodovia Transamazônica BR-230, facilitando o acesso por terra as cidades de Brejo Grande do Araguaia, Palestina, pois antes para ir à cidade o acesso era pelo rio:

O primeiro transporte era de canoa, o primeiro transporte era de canoa menino, o Daniel comprou a fazenda ali na Santa Hilária e ai o motorzinho carregava o leite 4 da madrugada ele passava aqui quem quiser ir de motor. Era naquele motorzim 4 horas da madrugada ai quem num fosse era de canoa e ai só vinha de lá meio dia esperava quem num quisesse vir de canoa. Era a luta, era essa todinha (Morador 2, entrevista concedida em 2013).

Com a saída da madeireira e com mais moradores na comunidade, vão construindo pequenos comércios e escolas. A sobrevivência das famílias era baseada principalmente na troca de mercadorias, ou da produção de roça: "vivia da pesca e do coco, roça era muito mixa. Povo fazia roça e antes de colher da roça o povo botava os gado, aí botava 2 linha de roça era assim, roçinha. Mais era na ilha" (Moradora 3, entrevista concedida em 2013). Contudo, com a emancipação e logo as eleições de Brejo Grande do Araguaia em 1988, a vila passa a ser a sede do município de Brejo Grande do Araguaia.

Uma questão importante a ser ressaltada é que as escolas antes eram construídas por seus moradores, se responsabilizando também por pagar a professora e a merenda dos

estudantes, como afirma seu Domingos: "O Vital naquela época, ele é quem ensinava os filhos dele, ai ele chamou meu pai, ele chamava meu pai até de "sogro" o meu pai. Foram e conseguiram, era eles quem pagava, pagava os professor. Meu pai juntava com ele e pagava os professor pra ensinar os filhos né?" (Morador 1, entrevista concedida em 2013).

Muitos moradores da comunidade não tiveram acesso à educação escolar pois tinham que trabalhar para garantir o sustento dos filhos. No entanto, lutaram pela educação, pela construção da escola e para que o município enviasse a professora. Isso ocorre por volta de 1950. Mais efetivamente por volta de 1960 é construída a primeira escola de ensino fundamental na comunidade recebendo o nome de Escola Municipal de Ensino Fundamental José Martins Ferreira.



Figura 2: Desenho representando a constituição da vila São Raimundo do Araguaia

Fonte: Estudantes Clarice Resplandes, 2014.

Com a construção da escola, os filhos dos moradores da pequena comunidade de São Raimundo têm a possibilidade de estudar até a 4ª série<sup>6</sup>. Entretanto com o aumento gradativo de moradores que vinham migrando para a comunidade, e com as dificuldades que estes enfrentavam para levar seus filhos a cidade vizinha em busca de concluírem os últimos anos do ensino fundamental que correspondia a 5ª a 8ª série, ficava difícil de permanecer na comunidade. Dona Maria aponta em sua fala tais dificuldades:

Estudo aqui só tinha até a 4º serie, quando terminava a 4º série ia pra roça quebra côcô, ia pra roça, ia pescar era assim, num ia fazer nada porque não tinha nada pra fazer porque num tinha nem como ir pra Araguatins, não tinha condição de alugar casa estudar. Depois foi que surgiu um barco, isso já com muitos anos foi que surgiu

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Correspondia aos quatros primeiros anos do ensino fundamental.

um barco, pro pessoal fazer a 5° série e terminar o estudo em Araguatins (Moradora 3, entrevista concedida em 2013).

Neste sentido algumas mudanças foram ocorrendo na educação ofertada na comunidade. Em 10 de maio de 1988 pela Lei nº 5.448 Brejo Grande do Araguaia<sup>7</sup> é elevado a condição de município. Neste mesmo ano foi realizado a primeira eleição para prefeito, elegendo a senhora Maria Alves dos Santos. Com a consolidação de Brejo Grande em cidade, a pequena comunidade de São Raimundo do Araguaia é reconhecida como a vila sede do município, por ser a maior em extensão territorial, e possuir maior número de moradores.

Entretanto, ainda por volta da década de 1970 devido a inúmeras pressões feitas pela comunidade através de algumas lideranças que ali viviam como o senhor Moacir Fernandes, construíram a primeira escola da comunidade. Percebemos isso na fala do morador que destaca o período em que a primeira professora paga pelo município chega a comunidade: "Que a primeira professora que veio pra São Raimundo foi Maria de Nazaré Carneiro, a primeira professora paga pelo município de São João do Araguaia, que foi José Martins Ferreira que pagou botada por ele, ai estudei de 55, 56, 57, 58" (Morador 1, entrevista concedida em 2013).

Vale ressaltar que os pais eram responsáveis pela educação dos filhos, no qual disponibilizavam casas, merenda além de pagar a professora que era da comunidade para os filhos. Foi um avanço ter a professora para pelo município e a constituição da escola, mas os pais ainda assumiam a tarefa de prover a merenda escolar aos estudantes. Com a construção da escola na comunidade os estudantes tinham a possibilidade de concluir da 1ª a 5ª série do ensino fundamental sem precisar se deslocar para outras localidades ou migrar para cidades como Araguatins.

Contudo, com o aumento gradativo de pessoas que chegavam para a comunidade, a pequena escola não conseguiu mais suprir a necessidade, iniciando uma luta para se construir a escola de educação infantil. No ano de 1996, foi construída a Creche Infantil Dona Maria de Nazaré, que atendia as crianças da comunidade, vicinais e das ilhas.

Atualmente, nas atividades econômicas realizadas pelos moradores destacam-se como principais: agricultura, pecuária e pesca. Há também funcionários públicos da prefeitura de

-

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup>O município de São João do Araguaia era extenso territorialmente. A localidade se constitui no fim do século XVII por iniciativa da capitania do Grão-Pará, no intuito de estabelecer um entreposto militar na confluência dos rios Tocantins e Araguaia. Desmembrado de Marabá em 1961, São João do Araguaia é elevado a município, constituído por 3 distritos: São João do Araguaia, Apinagés, e São Raimundo do Araguaia. Entretanto, 1988 Brejo Grande do Araguaia é elevado a cidade, e São Raimundo do Araguaia se desmembra de São João do Araguaia, fazendo parte de Brejo Grande do Araguaia (IBGE, 2018).

Brejo Grande do Araguaia, principalmente professores, agente de saúde, temos os comerciantes, leiteiros, pequenos e médios fazendeiros que se dedicam a criação de gado de corte, plantações de milho e etc. Há trabalhos assalariados, como juquireiros, amansador de gado, trabalhos em casas de famílias são realizados em grande parte pelos jovens.

Imagem 3: Desenho representativo sobre as formas de trabalho na Vila São Raimundo do Araguaia



Fonte: Estudante Adaias S, 2014

Temos em São Raimundo uma cerâmica de pequeno porte, que opera com quatro trabalhadores fixos, mas alguns que trabalham por diária dependendo da encomenda para a produção de tijolos. Os materiais utilizados pela cerâmica para se fazer o tijolo, desde o barro, areia, são retirados da comunidade. As casas da vila grande parte são construídas de tijolo e cobertas de telhas, porém, ainda se tem algumas casas feitas de barro, cobertas de palhas, e feitas de tabua e coberta de telha ou de palha. 7

Observa-se que muitas famílias estão construindo suas casas de tijolo e cobertas de telhas, utilizando materiais desta cerâmica instalada na comunidade. Contudo, na vila está aparecendo principalmente à noite uma fumaça vinda desta cerâmica, prejudicando principalmente quem tem problemas de respiração e quem ainda não tem. Entretanto, quando se trata de trabalhos formais, com carteira assinada os jovens são os mais prejudicados, tendo em vista que quem ocupam esses espaços são os adultos e que na maioria das vezes os jovens têm que optar em sair da vila para buscar um emprego na cidade, ou permanecer e se submeter a serviços de meio período e bicos.

Nas celebrações culturais, em São Raimundo do Araguaia tinham-se festas como o lindôr, os festejos, as quadrilhas, realizadas pelas primeiras famílias ao chegarem na vila. Entretanto, atualmente só as quadrilhas, e o festejo de São Raimundo Nonato, são festas tradicionais e que ainda continuam a ser realizadas na vila, pois as igrejas evangélicas têm

uma participação muito ativa, proibindo a realização de tais festas entre os congregados em sua religião, que em grande parte são os mais velhos da vila, e eram os responsáveis por organizá-las em São Raimundo do Araguaia.



Imagem 4: Festa tradicional da Quadrilha na Escola

Fonte: Arquivo da Escola Cilira Vieira de Sousa, 2010

Essa interferência das igrejas evangélicas na Vila vem dificultando a permanência da realização da Quadrilha da Escola, devido os pais proibirem seus filhos de participarem da festa por sua religião evangélica. Além disso, pouco se ouve falar das festas de matrizes africanas, nem terêcos, muito menos os festejos as divindades. Diversas mudanças foram ocorrendo na vila, dentre elas a educação. No tópico seguinte, aprofundamos sobre as mudanças significativas da educação na vila com a construção de outras escolas, em especifico, a constituição da escola José Martins Ferreira, abordando também problemáticas atuais que a escola vem enfrentando.

#### 1.1 A ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO JOSÉ MARTINS FERREIRA

Neste tópico buscamos compreender melhor como se deu a constituição da escola José Martins Ferreira e o que ela significou para os moradores da vila. Entretanto, algumas dificuldades vêm perdurando na escola no qual buscaremos discutir. Afirmamos anteriormente que a educação era responsabilidade somente dos pais na vila, sendo estes responsáveis por organizar os espaços da escola que eram casas improvisadas, pagavam a professora e garantiam a merenda a seus filhos até meados de 1960. Historicamente a educação foi negada às camadas mais pobres, aos trabalhadores e trabalhadoras da cidade e do campo.

A educação não foi pensada como um direito às camadas mais pobres, ao contrário, a educação foi arquitetada para atender as camadas mais nobres, ou seja, a burguesia. Marx e Engels (1998, p. 14) afirmam: "a burguesia não pode existir ou revolucionar constantemente, os instrumentos de produção, e com elas, todas as relações da sociedade". Se em determinado período da história foi importante para a burguesia se estabelecer enquanto classe, negando direitos mínimos aos trabalhadores, aos proletários, esta vai tentar atender as camadas mais pobres, cedendo migalhas no sentido dos direitos, principalmente a educação, como um instrumento de poder e de comando.

Se antes o acesso à educação era quase impossível, eventualmente a burguesia vai criar mecanismos, para que os proletários possam ter acesso a mínima educação, buscando atender a interesses próprios, não aos interesses dos proletários. Dessa forma, a conquista dos direitos vai se fazendo a partir dos enfretamentos diretos e indiretos entre essas duas classes, tal como Marx e Engels (1998, p. 09) afirmam: "A história de todas as sociedades que já existiram é a história da luta de classe". Neste sentido, a luta pela educação se fará em inúmeras disputas, principalmente pelos trabalhadores e trabalhadoras. Essa luta se configura em diferentes espaços, dentre os quais situamos as das famílias do município de Brejo Grande do Araguaia, antes pertencente a São João do Araguaia.

A conquista da escola na vila ocorreu depois de inúmeras pressões feitas pela comunidade ao poder público. A vila fazia parte do município de São João do Araguaia, quando os moradores articulados começam a pressionar lideranças da vila que possuíam relação com o governo municipal. Como já ressaltamos, eram os próprios pais os responsáveis pela a educação na vila, que se articulavam em grupos para garantir o espaço que seriam as aulas, a escolha da professora, no qual geralmente era alguém da comunidade que havia terminado a 4ª série, e o fornecimento da merenda, quando havia.

Depois de inúmeras pressões foi construída a primeira escola da vila São Raimundo do Araguaia, chamada de Escola Municipal de Ensino Fundamental José Martins Ferreira. Cabe ressaltar que este território era cobiçado pelo poder público, pois era estratégico tendo o rio Araguaia como a principal via de deslocamento, bem como as madeiras encontradas nesta região, tal como o mogno. Não distante de São Raimundo do Araguaia, existia o garimpo de Itamerim que, na metade da década de 1960, ganha fôlego, aumentando a população de Brejo Grande do Araguaia.

Neste sentido, a escola José Martins Ferreira é construída com o interesse de "agradar" os moradores de São Raimundo do Araguaia, garantindo a presença do governo municipal na comunidade. Foi um avanço na melhoria da educação na vila, que não possui escola, tendo

agora um prédio escolar. Contudo, com o aumento de pessoas naquela região devido ao fluxo do garimpo, e a construção da BR 230 próxima a vila, a escola não conseguia suprir as necessidades dos moradores, tendo em vista que atendia estudantes de 1ª a 4ª série, mas que para concluir o ensino fundamental tinham de se descolar para as cidades mais próximas, tal como Araguatins.

Com o passar do tempo, construíram mais duas escolas, a creche e em 2001 a Escola Municipal de Ensino Fundamental Cilira Vieira de Souza que atende 1º ao 5º ano e da 6ª a 8ª série. Contudo, havia uma necessidade em garantir que os estudantes concluíssem todo a educação básica na vila, pois além de permanecerem próximos as famílias, continuariam a contribuir nas tarefas familiares.

A saída dos jovens para concluir o ensino médio, se caracterizou uma dificuldade na organização familiar, tendo em vista que famílias inteiras se deslocavam da vila para a cidade, ou o filho mudava para casa de parentes, ou a mãe acompanhava a filha para estudar e concluir o ensino médio. Sendo portanto, mobilizadas diferentes estratégias para se viabilizar a continuidade dos estudos dos filhos.

A necessidade de ter-se uma escola de ensino médio era evidente. Neste sentido, levando suas demandas à liderança da comunidade, senhor Ivam Marques Vieira morador e vereador da vila conseguem iniciar turmas do ensino médio magistério em 1999. Entretanto, a escola só passa a ter o prédio próprio em 2006, quando se faz uma reforma no prédio da escola José Martins Ferreira, passando a ser chamada de Escola Estadual de Ensino Médio José Martins Ferreira.

Desde então, a escola oferta o ensino médio, na modalidade do Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) no período noturno com turmas de 1°, 2° e 3° ano. O avanço na consolidação do ensino médio foi evidente, tantos para os moradores quanto para seus filhos. Contudo, as dificuldades observadas na escola do ensino médio são desastrosas, problemas que vão desde a estrutura da escola, gestão, organização curricular, material didático, relações entre professores, alunos, pais, e os demais funcionários da escola, ou na relação entre a escola e a vila, até as relações da escola com o município e o Estado.

A escola funciona em prédio próprio desde 2006. Entretanto, o prédio da escola encontra-se como "anexa" da escola polo Escola Estadual Professor Lício Solheiro localizada na sede do município. No município de Brejo Grande do Araguaia, temos duas escolas de ensino médio. Contudo, estas não possuem registro, documentos, fontes que comprovem sua

existência. O que se encontra são os mapas de aulas, os diários comprovam a existência da escola, mas não existem outros dados e informações que contenham seu histórico.

A documentação sobre a escola, ou melhor, sobre os estudantes são encaminhados para a escola polo. O que revela ausência de autonomia administrativa da escola, associado ao próprio termo "escola anexa". O que aponta para o fato de que a escola anexa não dispõe de uma organização da documentação escolar bem como do seu histórico na localidade o que tende a invisibilizar sua existência; isso traz a dificuldade de disponibilizar dados e informações que são públicos.

Cabe resaltar que a Escola Anexa é uma tentativa de garantir que a educação chegue até as escolas do campo por parte da comunidade. Esta, é negada em sua existência pelos demais órgãos institucionais, pois afirmar que existe uma escola anexa, significa reconhecer que os sujeitos de determinadas localidades devem receber a educação em sua comunidade, uma educação de qualidade. Este modelo de escola desafia todas as relações, pois ocorre uma tentativa de invisibilizá-la, bem como de sucateamento do direito a educação. A escola mesmo como todas as problemáticas, é a resposta a negação do direito a educação de qualidade as comunidades do campo, resistindo ainda que com todas as dificuldades.

Outro fator alarmante na escola são as condições físicas do prédio. Desde 2006 a escola José Martins Ferreira nunca teve uma reforma efetiva. As reformas ocorridas foram sempre paliativas, com pequenos consertos. Mas, desde 2006 não chegam carteiras novas, nem quadros, a pintura da escola ainda é a mesma de quando foi inaugurada. As salas de aulas estão em estado complicado, ocorrendo várias vezes de não ter aula por conta das chuvas que



Imagem 5: Escola Estadual de Ensino Médio José Martins Ferreira

Fonte: Tamires Pereira Vieira. 2016.

impossibilitam, seja por conta dos insetos que empesteiam a sala.

Nos perguntamos: quem deve assumir essas problemáticas? O estado ou município? Segundo a Art. 17. da Lei Nº 7.806, 29 de abril 2014 que dispõe sobre a regulamentação e o funcionamento do Sistema de Organização Modular de Ensino – SOME<sup>8</sup>: "A Secretaria de Estado de Educação poderá celebrar convênio de cooperação técnica com os municípios, visando desenvolver o Sistema de Organização Modular de Ensino (BRASIL, 2014). A prefeitura de Brejo Grande do Araguaia disponibiliza, o transporte escolar para os estudantes do ensino médio, a merenda que muitas vezes é escassa e alguns funcionários da escola, como Auxiliar de serviço gerais.

O Estado, representado pela Secretaria Estadual de Educação, envia os professores concursados ou contratados pelo estado para atuar na comunidade. Observamos que, o Estado deixa a deriva os problemas referentes a escola, afirmando que a prefeitura deve se responsabilizar por tais funções. A prefeitura se exime de tais funções afirmando que é papel do Estado a responsabilidade de gerir o ensino médio. O que prevalece é um jogo de responsabilidades, em que ambos deixam à deriva o ensino médio e todas as problemáticas que envolvem as condições de sua oferta.

Outro fator importante a ser ressaltado no ensino médio na vila é o fato de ser ofertado na modalidade modular, no qual, as disciplinas vêm em blocos de 3 ou 4 quase sempre por áreas do conhecimento. Estas são organizadas através de circuitos que garantem aos professores dos municípios e municípios vizinhos atuarem na escola, como previsto no parágrafo § 4º: para fins desta Lei, denomina-se circuito o conjunto de localidades em que o

\_

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> O Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) foi uma experiência implementada pelo Governo do Estado do Pará em 1980 em municípios pioneiros (Igarapé-Açu, Curuçá, Nova Timboteua, e Igarapé-Mirim). Foi criado pela Fundação Educacional do Estado do Pará (FEP), em 1980, e desenvolvido pela Secretaria de Estado de Educação, a partir de 1982 até o presente momento, com a finalidade de ofertar ensino médio para suprir as demandas do interior do estado. Ver mais em SANTOS, 2015; TAVARES NETO, 1998; OLIVEIRA, 2010.

professor deverá atuar durante o ano letivo, devendo na composição do mesmo priorizar o município e a URE em que o professor estiver lotado" (BRASIL, 2014, p. 03).

As relações dos professores com os estudantes, deveriam ser mais recíprocas tendo em vista que estes veem os professores durante todo seu ensino médio. Isso raramente acontece, pois, a maioria dos professores não permanecem os dias letivos residindo na vila. Devido a casa dos professores está em más condições, eles optam por ir e vir todas as noites, dar a aula e retornar para suas casas. Essa problemática se intensifica no âmbito das relações entre professores e comunidade. Dificilmente estes estabelecem relação algum com os moradores, se limitando somente a escola e a suas aulas.

Evidente que o ensino médio avançou no sentido do acesso aos jovens, mas no que diz respeito a permanência e conclusão, ainda é uma questão a ser discutida. No Art. 20 fica estabelecido que cabe à Secretaria de Estado de Educação, em parceria com os municípios, garantir aos alunos do Sistema de Organização Modular de Ensino, transporte e alimentação escolar, bem como a distribuição de livros didáticos (BRASIL, 2004, p. 05). Todavia, o que se constata é um ensino médio que não consegue atender as demandas dos jovens, dos pais e nem dos professores. O SOME foi uma modalidade paliativa, mas que já existe a mais de 30 anos nas comunidades rurais. (SANTOS, 2015)

Notamos que a maioria dos jovens quando chegam ao ensino médio vão abandonando, e dificilmente os professores junto com a gestão da escola vão buscar saber os reais motivos que fizeram aquele jovem desistir. Outro fator que merece destaque é a quantidade de estudantes nas turmas. Quando a turma é do 1º ano, com estudantes recém-chegados do ensino fundamental, inicia com um número alto de estudantes. Contudo, com o passar dos anos, percebemos que vai correndo desistência, abandonos dos estudantes, restando poucos na turma do 3ª ano.

No tópico seguinte, traçamos características gerais dos estudantes do ensino médio das turmas do 1º ao terceiro ano, dando enfoque a turma do 2º ano, no qual foram realizados trabalhos de pesquisa e estágio.

#### 1.2 REFLEXÕES SOBRE O CURRÍCULO DA EEEM JOSÉ MARTINS FERREIRA

Abordamos neste tópico a discussão sobre currículo, compreendendo o conceito a partir de Arroyo (2011) e Silva (2006). Buscamos compreender o currículo em seu sentido mais amplo, além dos conteúdos, matriz curricular, discutindo o currículo nas suas relações humanas e as disputas pela hegemonia dentro e fora da escola.

Na análise sobre o currículo do ensino médio, os princípios pedagógicos e suas dificuldades utilizamos Ramos (2011), Nosella (2011). Neste sentido, discutimos o currículo do ensino médio da escola José Martins Ferreira, articulando as entrevistas dos professores da rede estadual de ensino médio, com os documentos da escola, como o PPC, assim como a LEI Nº 7.806 que dispõe sobre a regulamentação do SOME no Pará e as matrizes curriculares de 2011 e 2014.

O debate sobre currículo tem fomentado inúmeras discussões sobre a educação. Discutir sobre currículo abre caminhos para pensar a escola, os conteúdos, os professores, estudantes e demais funcionários da escola, bem como as relações humanas e sociais. Nesta perspectiva, Silva (2006, p. 10) afirma o sentido do currículo para além da escola e da prática educativa: "o currículo corresponde ao centro de relação educativa, que dá corpo aos nexos do saber, do poder e identidade".

Na afirmação feita pelo autor três questões se sobressaem, a partir do currículo aponta para debates sobre o saber, o poder e a identidade. Para se compreender o currículo, compreenderemos o currículo a partir de Arroyo no seu livro Currículo, Território em Disputa afirma que o currículo corresponde não somente as disciplinas, mas ao movimento, aos estudantes, educadores, gestores, às práticas realizadas por ambos e as disputas que este currículo aponta. Sendo o currículo o todo que compreende a escola, nele estará estabelecido o que é conhecimento e o que não é conhecimento.

Neste sentido, destacamos o currículo como vivo na escola, pois a partir dele poderão emergir questões para além dos conteúdos, ou poderão ser silenciadas. Portanto o currículo se torna uma disputa na sociedade em que vivemos, pois por meio deles conhecimentos, sujeitos, vivências, relações de dominação e exclusão poderão aparecer ou poderão ser caladas.

Portanto, o currículo estará em constante disputa pelas classes dominantes e dominadas, bem como afirma Marx a luta de classe ocorre em todos os espaços da sociedade, sendo a educação um desses mecanismos em constante disputa, buscando estabelecer uma hegemonia. Dessa forma a luta entre as classes dominantes, opressoras, capitalistas enfrentarão as classes populares, os trabalhadores, ou seja, os proletariados. Nesta perspectiva, a busca pela hegemonia do currículo se constituirá pela luta em assumir o poder na sociedade.

O currículo representa disputa ideológica entre a burguesia e proletários. Percebemos que quando se fala em currículo do ensino médio inúmeras tensões são levantadas. Uma questão evidente é a busca de consolidar no ensino médio uma tradição curricular. Todavia,

essa modalidade passou por inúmeras reformulações ao longo da história, tendo como resultado uma não definição a identidade do ensino médio.

Nosella (2011, p. 1061) refletindo sobre o princípio pedagógico do ensino médio, reafirma citando Gramsci e sua contribuição sobre a escola do ensino médio, o cuidado constante acerca da formação omnilateral proposta por Gramsci que tem como base a busca pela autonomia dos jovens bem como a construção da identidade pessoal e a inserção na sociedade, afirmando:

Ajuda-los a descobrir, aos poucos, por meio de repetidos ensaios, sua identidade profunda e tarefa da formação escolar media, oferecendo uma formação omnilateral. Mas, cuidado: formação omnilateral ou integral não significa saber fazer um pouco de tudo ou conhecer os fundamentos científicos de todos os ramos da tecnologia, mas sim saber fazer com excelência algo em sintonia com o próprio talento e, ao mesmo tempo, saber e poder usufruir de todos os bens produzidos pela civilização contemporânea.

Para o autor a escola possui esta tarefa fundamental de formação integral do jovem a partir daquilo que ele saiba fazer de melhor, ou contribuindo para que o jovem identifique aquilo que sabe fazer de melhor. Para isso, é necessário que o jovem seja preparado a partir de conhecimentos teóricos, práticos, que envolvam as artes, e outros tempos de formação. Neste sentido, o currículo do ensino médio tal como está posto nas escolas de forma geral, bem como nas escolas do campo, não atende aquilo que os estudantes esperam enquanto escola, como um espaço de aprendizado, sociabilidade, trocas, e conflitos que os ajudarão não Nesta perspectiva analisamos o Projeto Político Pedagógico<sup>9</sup> da escola formação humana. estadual Licio Solheiro<sup>10</sup> a escola polo do município em ensino médio, compreendendo que este deveria ser o mesmo utilizado nas escolas anexas, dentre elas a escola estadual José Martins Ferreira que é o mesmo utilizado nas escolas atende a 2 escolas anexas e a escola polo. Tomamos como base o PPC por ser o único documento que contém informações sobre a organização e gestão da escola, sendo este o único cedido pela gestão da escola, bem como, por acreditarmos que o projeto político pedagógico da escola tende a ser um elemento essencial para se compreender o currículo desta.

O PPC da escola foi elaborado em 2007 por uma comissão de professores e coordenadores pedagógicos. Desde então o projeto não sofreu nenhum alteração na sua

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> O Projeto Político Pedagógico da escola foi escrito em 2007 pela comissão pedagógica da escola, que envolvia alguns professores e a coordenação pedagógica. Este PPC é o mesmo utilizado nas escolas anexas das comunidades de São Raimundo do Araguaia e Santa Rita. Esta estruturado com Apresentação, Justificativa, Objetivos, Aspectos Gerais da Escola (Identificação, Estrutura Física, Corpo Técnico, Docente, Discente), Caracterização Social, Caracterização Pedagógica, Diagnostico, Ações e Metas, Avaliação, Bibliografia.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> A Escola Estadual Professor Lício Solheiro é localizada na sede do município de Brejo Grande

escrita, ou seja, atualmente o projeto político pedagógico responsável por orientar a gestão e organização de todos os membros da escola é o mesmo.

Segundo as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio orienta que o projeto político pedagógico deve estar em constante atualização, tendo em vista que ele cumpre um papel fundamental de organização da escola, sendo este socializado com a comunidade após finalizado: "§ 3º A instituição de ensino deve atualizar, periodicamente, seu projeto político pedagógico e dar-lhe publicidade à comunidade escolar e às famílias" (BRASIL, 2012, p.06)

Em conversa com a direção escola durante a pesquisa em 2017, o diretor afirmou que o PPC estava sendo reformulado por uma equipe de professores da escola, junto com a coordenação pedagógica. Todavia, em entrevista com o professor e gestor da escola Licio Solheiro, este afirma que ainda no ano de 2018 uma equipe sentará para mexer no PCC: "A nossa escola está inadimplente quanto a ele a gente não sentou para ver isso, mas tá na ideia agora, na semana de planejamento pedagógico que será no início da semana de fevereiro. Neste período vamos escolher uma data certa para falar sobre o PPP" (professor de português e gestor da escola estadual Licío Solheiro, entrevista concedida em fevereiro 2018). Contudo, não identificamos nenhuma alteração ou proposta de atualização para o PPC no ano de 2017 e 2018 da escola Licío Solheiro.

Outra questão importante, observada no PPC é sua estrutura. Observamos que em nenhuma parte dele existe a citação das escolas anexas, transformando a escola polo como a única que oferta a educação do ensino médio na cidade de Brejo Grande do Araguaia. Outro destaque importante foi em não termos encontrado nenhum dado sobre os estudantes ou a escola durante a pesquisa, bem como um projeto político pedagógico especifico para as escolas anexas, ou construídas por elas, tendo em vista que ambas possuem especificidades.

No próprio PPC da escola Licio Solheiro não consta nenhuma referência a demais escolas, seja no sentido de afirmarem sua existência, ou de descrever que a escola Licio é uma escola polo, tendo dois anexos no campo. Percebemos, que a condução da escola e de sua organicidade é feita aleatoriamente sem ter minimante um documento de orientação de como esta deveria ser gestada, e organizada.

As escolas anexas, tal como a escola estadual José Martins Ferreira apesar de ser a única escola de ensino médio da vila São Raimundo do Araguaia, não possui autonomia administrativa, por isso, não possui um projeto político pedagógico próprio, ou não tem comprovação de sua existência no PPC da escola Lício Solheiro a qual as turmas anexas estão vinculadas. Estamos diante de uma tensão que marca a oferta do ensino médio na região e afeta diretamente os sujeitos envolvidos no processo, com destaque para jovens estudantes.

As Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio afirmam a importância do projeto pedagógico da escola, principalmente no reconhecimento dos sujeitos da escola no PPP: "O projeto político-pedagógico, na sua concepção e implementação, deve considerar os estudantes e os professores como sujeitos históricos e de direitos, participantes ativos e protagonistas na sua diversidade e singularidade" (BRASIL, 2012, p. 06).

Todavia, a maioria dos professores desconhecem o próprio PPP da escola, os alunos também tenderão a não saber da sua existência, tal como a comunidade não perceberá que ela ocupa um espaço central na escola e na construção da educação do ensino médio. Nesta perspectiva, a construção do perfil de estudantes descritos no PPP ainda é a mesma concepção utilizada até os dias atuais. Os perfis dos estudantes descritos no PPP resumem-se em problemáticas que os jovens enfrentam com as drogas, violência, e outros problemas que são utilizados no senso comum como definição da juventude:

Os alunos são oriundos de família de nível socioeconômico de média e baixa renda. Os alunos e professores moram próximos da escola, apenas cerca de 20% dos alunos moram na Zona Rural aproximadamente 30 km. A comunidade enfrenta problemas com drogas, bebidas, violência e gravidez na adolescência. As atividades predominantes são a pecuária e agricultura de subsistência. A relação entre escolacomunidade ainda deixa muito a desejar (PPC, 2007, p. 06)

Percebemos que a concepção de estudante, bem como de jovem reflete a perspectiva vista de jovem estudante que ela possui, caracterizando-o principalmente pelos problemas que este reproduz. Como discutido anteriormente prevalece ainda nas escolas a visão de um jovem problema que a escola não consegue lidar, uma dificuldade reproduzida pela sociedade. Todavia, não ocorre um esforço por parte da escola e de seus membros em repensar o estudante que chega, devido as problemáticas que estes enfrentam, ou porque o senso comum prevalece.

O currículo escolar não poderá de antemão excluir os jovens ou criar determinismos para as juventudes. Faz-se necessário olhar para os jovens como sujeitos construtores do currículo, observando essas problemáticas que vivenciam para se repensar o perfil de jovem está sendo formado pelo ensino médio, olhando a realidade que estes jovens enfrentam no diaa-dia.

As realidades sociais devem estar presentes no currículo, aparecer e ser problemas a serem discutidos na escola, tendo em vista que esta é formada por pessoas e por relações sociais e humanas. A disputa pelo currículo deve partir daqueles que não estão se quer presentes nele, ou de como são representados no currículo.

Outra questão que percebemos no PPP (2007, p. 07) da escola foi a concepção de educação e de práticas escolares em que ela está se baseando. Nele a escola descreve qual será

seu objetivo com os estudantes, bem como aponta quais mecanismos utilizará para realizar tal tarefa:

A escola procurará desenvolver um processo de ensino aprendizagem voltada para re-elaboração do conhecimento pelo aluno, onde a criatividade é a construção atônita da pratica educativa. A sala de aula deverá ser um espaço de comunicação e liberdade de expressão para os alunos. Os conteúdos deverão ser selecionados, organizados e trabalhados em função da aprendizagem significativa contribuindo na formação de cidadão críticos e flexíveis. A pratica de avaliação será compreendida e trabalhada como forma de acompanhamento de construção de aprendizagem significativa do conhecimento da turma como um todo.

Observamos que de acordo com o PPP a escola se dedicará a tarefa de realizar aprendizagem tendo como base a reelaboração do conhecimento do estudante, tendo em vista a utilização do espaço da sala de aula como um espaço de comunicação e liberdade de expressão, bem como conteúdos que vão contribuir na aprendizagem significativa destes. Contudo, o que percebemos que na prática é que essa afirmação não se realiza, pois se o currículo estagnou no tempo não recebendo reformulações como será possível construir uma pratica significativa partindo dos saberes dos estudantes, tendo estes como os mesmos?

O currículo que se basear em práticas estáticas não conseguirá perceber que os estudantes que estão chegando no ensino médio serão outros em cada período. Os professores que chegam também são outros, mesmo que sejam os mesmos suas metodologias, sua relação com os estudantes e com a escola, bem como com a comunidade deve melhorar. Alem disso, o currículo deve estar com foco na realidade, não a negando, mas problematizando-a em aulas. A formação educacional deve envolver outros tempos e outros espaços, novas metodologias de ensino, aprendizagem, onde a escola potencializa as relações humanas e sociais.

Neste sentido Silva (2006, p. 12): chama atenção para a necessidade de outras formas de estrutura curricular que pense os sujeitos, suas vivencias, tal como afirma: "Compreendese então que é uma necessidade extrema de começar-se a pensar outras práticas de teorias educacionais, partindo das vivências e experiências dos outros sujeitos, os pobres e das camadas mais populares, os trabalhadores do campo."

Tais praticas, teorias e vivencias começam a fazer sentido quando percebemos que o estudante vem de uma determinada realidade, que o professor pode construir a sua pratica numa perspectiva dialógica com os estudantes, assim como a escola do ensino médio, precisa construir seu currículo baseado nas experiências singulares e coletivas desses sujeitos que chegam a escola compreendendo que tantos outros não chegaram por relações de poder que as impediram.

Se a identidade do ensino médio deve ser reconstruída, bem como o seu currículo olhando para os sujeitos que nele estão reconhecendo todas as suas dificuldades de acesso e de permanência da escola, será preciso que os professores também se reconheçam enquanto educadores que estão em constante processo de desconstrução. Ora, se os educadores reconhecerem que os estudantes são outros, logo isso implicará em este reorganizar a sua pratica pedagógica, refazer o seu fazer educativo (ARROYO, 2014, p. 67)

A partir da analise feita acerca do projeto político pedagógico da escola estadual Licio Solheiro, percebe-se que não ocorre um direcionamento a ser seguido sobre a escola do ensino médio, bem como das suas metodologias de trabalho e de conteúdo. As praticas desenvolvidas na escola são pensadas aleatoriamente, sem uma articulação com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, ou com Diretriz de Regulamentação do Sistema Organizacional de Ensino Médio.

Identificamos que não se tem um perfil de estudantes definido pela escola pretendido formar, bem como não se tem uma clareza do perfil de jovens, ou corpo docente, da escola. De maneira geral as escolas tidas como anexo se quer aparecem em dados da Secretaria Estadual de Educação ou na 4ª Unidade Regional de Ensino localizada em Marabá-PA. Estas não são reconhecidas como escolas do campo, recebendo o mesmo tratamento que a escola Licio Solheiro. A tendência ao apagamento desses sujeitos, da escola, dos professores e de suas vivencias é perigosa, pois que acaba aparecendo é a escola polo, a escola da cidade e as demais são como fantasmas.

Nesta perspectiva buscamos analisar a partir de entrevistas cedidas por professores do ensino médio, como eles percebem o perfil de jovem nas escolas do campo, bem como, qual o perfil de sujeito que o ensino médio pretende formar, quais a principais problemáticas do SOME, e, em que medida o ensino médio consegue atender as comunidades do campo.

Apresentamos brevemente como funciona o ensino médio a 4ª Unidade Regional de Ensino de Marabá, responsável por acompanhar o ensino médio no sul e sudeste paraense. Articularemos a análise das entrevistas com as matrizes curriculares de 2011 e 2014 para o ensino médio no estado do Pará, alem da Lei de Regulamentação e Funcionamento do Sistema Organizacional Modular de Ensino de 2012, as Normas Estaduais e Nacionais da Educação Básica no Sistema Estadual do Pará de 2010, a Política de Educação do Campo e Pronera de 2010, bem como faremos algumas considerações acerca da Reforma do Ensino Médio de 2017.

## 1.3 O ENSINO MÉDIO NO SUDESTE PARAENSE: UMA ANÁLISE SOBRE A 4ª URE DE MARABÁ E OS DESAFIOS DO ENSINO MODULAR

O ensino médio no sudeste paraense é organizado e gestado pela 4ª Unidade Regional de Ensino – 4ª URE. Localizada na cidade de Marabá localizado a 500 km da sede da capital do estado, soma-se a mais 19 unidades totalizando 20 UREs em todo o estado do Pará, responsáveis por acompanhar o ensino médio da região, vinculadas a Secretaria de Educação (SEDUC) com sede em Belém – PA.

A 4ª URE atende a 17 municípios da região, num total 73 unidades de ensino tendo 64 escolas e 9 anexos<sup>11</sup>. Possui 39.769 de matriculas em 2017, sendo que em 2016, esse número correspondia a 36. 898 matriculas um aumento percentual de 109, 33 no aumento de matriculas. Destaca-se a cidade de Parauapebas com maior número de estudantes 11.387 e a cidade de Marabá com 10.901 estudantes (SEDUC, 2017).

A 4ª URE de Marabá é a segunda maior unidade regional de ensino no atendimento as escolas, ficando atrás somente para a capital Belém com um número de 346 escolas. (SEDUC, 2017). O número que de escolas localizadas no campo totalizam 11,7 funcionam em prédio próprio ou como anexo utilizando o prédio da escola de ensino fundamental.

O ensino médio ofertado pela 4ª URE são na modalidade Regular, Sistema Organizacional de Ensino Médio (SOME) e o projeto Mundiar Acelerado<sup>12</sup> e o SEI<sup>13</sup> no qual fazem parte de um movimento liderado pelo Governador do Estado que congrega o empenho de órgãos públicos do Estado e Prefeituras, bem como de empresas privadas e instituições civis, em favor da educação.

A modalidade regular funciona em quase todas as escolas, principalmente as escolas situadas na cidade, possuindo consistindo em ter professores efetivos ou contratados vinculados a escola em que permanecem durante todo o ano, dividido em 4 bimestres<sup>14</sup>. O

rede pública de ensino.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup>Os municípios atendidos pela 4º URE de Marabá são: Abel Figueiredo (1 escola), Bom Jesus do Tocantins (6 escolas), Brejo Grande do Araguaia (1 escola), Canaã dos Carajás (2 escolas), Curionópolis (2 escolas), Eldorado dos Carajás (2 escolas), Itupiranga (5 escolas), Jacundá (3 escolas), Marabá (24 escolas), Nova Ipixuna (1 escola), Palestina do Pará (1 escola), Parauapebas (16 escolas), Piçarra (1 escola), Rondon do Pará (2 escolas), São Domingos do Araguaia (1 escola), São Geraldo do Araguaia (4 escolas) e São João do Araguaia (1 escola).
<sup>12</sup>O projeto Mundiar Acelerado é dos projetos que compõe a rede de reformas que ocorrerão no estado do Pará, através do Pacto pela Educação. Esta modalidade de ensino é um projeto em parceria com a Fundação Roberto Marinho com o objetivo de corrigir a distorção escolar idade/ano e reduzir a repetência e evasão de alunos da

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> O Sistema Educacional Interativo que segue na mesma lógica do Mundiar, sendo este uma metodologia educacional que atenderá os estudantes concluintes do ensino fundamental das comunidades rurais. (SEDUC/PA 2017)

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Na modalidade regular, os estudantes geralmente são residentes da cidade ou de comunidades próximas. As escolas possuem prédios próprios e ate mesmo alguns anexos.

sistema modular foi uma política provisória, no qual consistia em expandir o acesso para comunidades rurais o ensino médio. Implementada em 1980 buscava garantir alem do acesso ao ensino médio, a permanência dos estudantes suas localidades, finalizando a educação básica.

O SOME está organizado segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino médio, tendo uma base comum e uma parte diversificada, dividido em 4 módulos correspondendo as divisões por área de conhecimento segundo as Diretrizes, onde são aglutinados disciplinas que possuem núcleos comuns. Nesta modalidade os professores contratados e efetivos, passam um período de 30 a 40 dias nas comunidades, onde devem ofertar o conteúdo.

Realizamos em novembro de 2017 uma pesquisa exploratória na 4ª URE de Marabá, com objetivo de realizar uma pesquisa de cunho quantitativo acerca dos professores, números de matriculas, bem como qualitativo compreendendo como se organizava a 4ª URE de Marabá, assim como, entendendo como se dava a relação dos professores e a unidade. Nossa pesquisa se dividiu em: Elaboração do Roteiro de Entrevistas; Contato com a Coordenação da 4ª URE, Coleta de Dados, Visita ao espaço da 4ª URE no qual realizamos conversas informais, coletas de dados e observação na organização e divisão de tarefas.

Realizamos 3 visitas a unidade regional sendo que a primeira consistiu em realizar uma aproximação com a direção da unidade, bem como coletar algumas informações sobre o funcionamento da 4ª URE, coleta de dados sobre os estudantes. Na segunda visita realizamos conversas como a técnica da unidade e coleta de dados sobre os professores da unidade. Na terceira visita tínhamos como objetivo realizar entrevistas com a gestão da 4ª URE.

Em todas as visitas sentimos grande dificuldade na coleta de dados, sempre marcando outros momentos para retornar à unidade e coletar informações sobre a matricula dos estudantes, assim como informações sobre os professores. Observamos dificuldades em acessar tais informações mesmo apresentando documento oficial emitido da Universidade, sendo sempre reagendadas as coletas de informações completas.

Sentimos dificuldade em realizar entrevista com a direção da 4ª URE marcando nas três vezes uma conversa informal, porem as justificativas eram que a coordenadora sempre estava realizando atividades, ou viajando pelas escolas. Na 4ª URE as divisões são por setores, então as informações que estavam sendo solicitadas no questionário implicariam em mobilizar alguns setores da unidade. Contudo, muitos dos dados que foram solicitados foram negados o acesso, com a justificativa de que a documentação que descrevia o objetivo da visita deveria estar mais detalhada sobre as informações necessárias.

Acordamos de retornar a visita, para dia 29 de novembro para finalizar a pesquisa na unidade com uma entrevista com a coordenadora da unidade, mas, a visita foi remarcada para outro dia. Percebemos que havia uma tentativa de boicotar o fornecimento de dados públicos, prejudicando não somente a pesquisa que estava sendo realizada, mais a contribuição da analise sobre o ensino médio na região, no qual identificamos poucos trabalhos realizados sobre.

Cabe ressaltar que são dados públicos e que a Unidade Regional não poderia negar o acesso a estes dados, bem como a informações públicas. Isso revela uma grande deficiência na autonomia na própria URE, em que ficou explicito a dependência extrema da SEDUC-PA. Coletamos algumas informações no portal da Seduc do estado do Pará, porém o mesmo possui dificuldade em opera-lo, tendo em vista apresenta dados gerais e específicos das escolas, porem sempre muito confusos, seja na organização das informações e na transparência dos dados.

Observamos que o número de matriculas na unidade regional de Marabá vem tendo uma queda significativa desde 2015. No quadro 1 sobre o total de matricula dos estudantes e o censo escola da 4ª URE percebemos que o número de vagas disponíveis, assim como o número de matriculas sofrem significativa alteração.

**Quadro 01:** Dados sobre a matricula e censo escolar dos estudantes do ensino médio da 4ª URE de Marabá nos anos de 2015 a 2017.

Ano	Total de Matrículas	Censo Escolar		
2015	36.164	26.705		
2016	36.898	26.595		
2017	21.957	25.234		

Fonte: Portal Seduc/PA, 2018.

Questionados sobre a queda no número de matriculas, a unidade regional de ensino afirma que isso ocorre por grande parte dos estudantes estarem saindo de suas comunidades e cidades para centros metropolitanos, almejando conseguir um trabalho, ou dar prosseguimento aos estudos. Contudo, utilizando os 3 anos que correspondem a formação completa no ensino médio, perceberemos que ocorre o efeito funil, em que grande maioria dos estudantes ao ingressarem no ensino médio assumem a maioridade assumindo outras responsabilidades. Alem disso, os estudantes assumem tarefas maiores exigindo maior tempo dificuldade a conciliação entre estudar e trabalhar.

Observamos na tabela 1 dados específicos sobre a matrícula, a quantidade de vagas disponíveis, bem como o censo escolar dos respectivos anos da escola Estadual José Martins

Ferreira. Percebemos que a tendência é um decréscimo ainda maior no número de estudantes matriculados. Ressaltamos que estes dados envolvem as duas escolas anexas.

**Quadro 02:** Dados sobre vagas disponíveis, matriculas e censo escolar da escola estadual Lício Solheiro de 2015 a 2017.

Anos	Vagas disponíveis	Total de Matrículas	Censo Escolar
2015	296	399	408
2016	297	384	432
2017	137	223	426

Fonte: Portal Seduc/PA 2018

Em relação as escolas anexas o portal da Seduc não apresenta informações completas sobre a matricula dos estudantes além de serem confusos, pois não identificam o nome das escolas anexas e sim o nome das comunidades. O ensino médio nestas escolas é ofertado a noite, mas, no portal as escolas apresentam turmas durante os turnos da manhã e tarde. Entretanto, este é um dos poucos meios em que se pode coletar dados acerca do ensino médio nesta região do sudeste paraense.

Outra questão levantada foi a relação dos professores do ensino médio com a 4ª URE e a Seduc do estado do Pará, no qual apresentam algumas deficiências. Segundo o ex-professor de geografia do SOME, as relações entre eles e o poder público sempre foi tensa, caracterizando-as em descaso total para com o professor:

A relação do professor com a Seduc sempre foi uma relação distante nunca teve formação continuada em serviço, não tinha material didático, nunca teve um apoio pedagógico por parte do professor. As críticas com relação a educação modular no que concerne tanto na parte pedagógica quanto em outras questões, elas nunca eram bem-vindas pela Seduc, a Seduc não reconhece e nunca foi feito nada para que mudasse essas situações (Ex-professor de geografia do SOME, entrevista concedida em janeiro de 2018).

Percebemos que a atuação da 4ª Unidade de Regional de Ensino tem deixado inúmeras lacunas, não estabelecendo relação recíproca com os professores, deixando-os praticamente largados a própria sorte nas comunidades em que são enviados, no qual se quer garantem o material pedagógico destes profissionais da educação. Sobressai uma relação repleta de tensão, que prejudica na realização de amplas as funções.

Segundo o a lei de regulamentação do SOME no estado do Pará a Seduc é responsável por ofertar uma residência digna aos professores do modular, para que este possa desenvolver sua com excelência sua pratica pedagógica: "A Secretaria de Estado de Educação providenciará moradia em condições adequadas, para uso exclusivo dos professores que desempenham as atividades pedagógicas no Sistema de Organização Modular de Ensino, em parceria com os municípios" (BRASIL, 2014, p. 05).

Contudo, isso não acontece com os professores lotados na 4ª URE tendo estes que ficarem em casa insalubres, sem as mínimas condições de moradias durante o modulo como afirmam este professor:

As condições de trabalho são precárias, geralmente eles são enviados pra casas que não tem condição nenhuma, que na maioria das vezes não tem utensílio domestico não tem mesa nem cadeira. Então o professor fica ali 40 a 50 dias em casas insalubres, correndo risco de pegar uma série de doenças, inclusive vários professores da educação modular morreram por causas dessas condições de trabalho precária. (Ex-professor de geografia do SOME, entrevista concedida em janeiro de 2018)

Solicitamos a 4ª URE algumas informações sobre os professores para compreendermos como se dava a relação entre ambos, mas, não conseguimos nenhum dado ou informação sobre os professores lotados na unidade. Percebemos que a própria constituição de uma lei que regula o ensino médio modular no estado do Pará veio recentemente ser aprovada, sendo que a educação modular existe desde 1980.

Percebemos que as tensões acerca do ensino médio, da relação entre os professores e o Estado nos órgãos da 4ª URE e da Seduc são repletas de problemáticas. As afirmações feitas pelos professores entrevistados trazem questões importantes e problemáticas sobre o currículo da escola. No entanto, alterações acerca do ensino médio modular vão acontecendo em meio a estas problemáticas, mas, são mudanças paliativas no sentido de não encarar os problemas que o ensino médio modular enfrenta no seu cerne.

Observando as matrizes curriculares do ensino médio do estado do Pará, perceberemos que ambas são aplicadas da mesma forma no ensino regular e modular. Estas são concedidas de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio tendo um núcleo comum e específico agrupadas por áreas do conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas.

Nesta perspectiva a organização por área do conhecimento corresponde a uma proposta metodológica que articule a interdisciplinaridade entre elas, como observado do artigo § 1º dessa diretriz: "O currículo deve contemplar as quatro áreas do conhecimento, com tratamento metodológico que evidencie a contextualização e a interdisciplinaridade ou outras formas de interação e articulação entre diferentes campos de saberes específicos" (BRASIL, 2012, p. 03)

Observamos que ao longo dos anos a matriz curricular vem sofrendo algumas alterações em sua estrutura, mesmo estas seguindo as diretrizes curriculares. Na matriz curricular de 2011 a carga horária do ensino médio correspondia a 3.720 horas dividido em 10

módulos. As aulas do modulo correspondiam a 45 minutos para o período diurno e 40 minutos para o período noturno.

Quadro 03: Matriz Curricular do SOME de 2011

ÁREA DE CONHECIMENTO	DISCIPLINAS OU	SÉRIES			,	CARGA
	COMPONENTES CURRICULARES	1ª	2ª	3ª	CRÉDITO	HORÁRIA TOTAL
LINGUAGEM, CÓDIGO E SUAS TECNOLOGIA	Língua Portuguesa	12	16	16	44	440
	Arte	8		-	8	80
	Educação Física	8	8	8	24	240
	SUBTOTAL	28	24	24	76	760
CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS	História	8	8	8	24	240
	Geografia	8	8	8	24	240
	Filosofia	8	8	8	24	240
	Sociologia	8	8	8	24	240
	SUBTOTAL	32	32	32	96	960
CIÊNCIA NATURAIS, MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIA	Biologia	8	8	8	24	240
	Física	8	8	8	24	240
	Química	8	8	8	24	240
	Matemática	12	16	16	44	440
	SUBTOTAL	36	40	40	116	1.160
	TOTAL	96	96	96	288	2.880
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA – ESPANHOL		8	8	8	24	240
UMA DISCIPLINA (A, B ou C)		12	12	12	36	360
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA		8	8	8	24	240

Fonte: Seduc-PA, 2017

Percebemos claramente que as disciplinas com maior carga horária são português e matemática, ficando evidente que as demais disciplinas possuem carga horária menor. Dois aspectos principais emergem sobre este dado. Primeiro, o estabelecimento de duas disciplinas como padrão a ser ensinado, coloca as demais com pouco valor, não sendo tão importantes a serem ministradas aos estudantes. Segundo, os professores das demais disciplinas com carga horária inferior a de português e matemática, possivelmente terão que trabalhar em mais de uma escola para poderem atingir a carga horária necessária prevista no seu contrato de trabalho.

Os dois aspectos ressaltados no levam a questionar: quem define quais conteúdos são os mais importantes? Quais são os menos importantes? Quais conhecimentos são importantes para a formação dos jovens? Quais não são? Observando as normas que regulam o ensino médio no estado do Pará, a lei de regulamentação do SOME, bem como as diretrizes curriculares para o ensino médio não está claramente descrito quais as disciplinas devem ter

maior carga horária e quais devem ter menor. Além disso, não encontramos em nenhuma destas leis algo que afirmes que determinados conteúdos são mais importantes que outros.

Neste sentido é necessário repensar em que medida estudar somente português e matemática conseguirá realizar uma formação humana para os jovens do ensino médio. Além disso, a negação das outras disciplinas com grau de importância assim como a disciplina de português e matemática demonstrar que o sujeito necessita dessa formação diversa, possibilitando adentrar em outros mundos como o das artes, do entendimento sobre a sociedade dentre outros.

Chamamos atenção, por exemplo que sempre estamos estudando sobre questões que não são de nossa realidade, sendo essas de fundamental importância para ter acesso ao conhecimento. Contudo, o conhecimento sobre a vivencia humana em determinadas localidades, envolve conhecer profundamente suas relações, sociais, econômicas, culturais. Precisamos romper com este ciclo de conhecimentos arcaicos e fechados em saberes dado a míngua para as classes sociais. É necessário que as camadas mais pobres tenham acesso a outros tipos de cultura, podendo dizer sua palavra, demonstrando seus saberes.

Segundo Arroyo (2011, p. 240) caso esse rompimento com essas velhas ordens de organização do currículo não for produzida efetivamente, teremos uma continuada reprodução do que é saber e do que não é, escondendo os saberes dos sujeitos que de fato merecem ser ouvidos:

As consequências serão graves, pois será negado o direito a todo cidadão ao conhecimento de realidades sociais, de experiências humanas e de saberes valores, culturas que as próprias crianças, adolescentes, jovens vivenciam e padecem: a desordem, as irracionalidades, os sofrimentos humanos, as violências sociais.

Discutir acerca de quais conteúdos são reproduzidos na escola tendem ou evidenciar os sujeitos que historicamente são excluídos, ou reafirmar sua exclusão. Nesta perspectiva, ouvimos os professores sobre qual o perfil dos estudantes temos no ensino médio, bem como que perfil de estudantes saem do ensino médio. Identificamos que segundo os professores os estudantes do ensino médio do ensino modular do campo são jovens que logo cedo são socializados a dinâmica de trabalho com suas famílias.

[...] a maioria dos alunos do ensino médio eles tem muito problema de leitura, são alunos que tiveram uma educação básica precária, na maioria dos casos semianalfabetos podemos dizer assim, com muita dificuldade de interpretar um texto simples com dificuldade de escrita. Eu me lembro de jovens com 13, 14, 15 anos com 1,2,3 filhos e ainda levavam essas crianças pra sala de aula, jovens com dificuldade de se alimentar que na maioria das vezes trabalhavam em atividades que exigiam muito fisicamente e chegavam a noite sem condições de prestar atenção nas aulas em função dos sonhos e de uma maneira geral jovens que não acreditavam na escola e nem na educação [...] (Ex-professor de geografia do SOME, entrevista concedida em janeiro de 2018)

70% deles vem de famílias carentes tanto urbanas como rurais, as rurais quase que totalmente dependem do transporte escolar do governo, mas tem uns que vem por conta própria de moto, eles não tem o habito da leitura. Não tem o mínimo de interesse de ler quase que totalidade. No mundo da tecnologia apresentado pelos celulares, essa característica se tornou marcante. Eles querem achar tudo pronto, não querem pesquisar no livro, não querem ler para interpretar. Essa questão da interpretação é uma negativa de marca maior deles. Ate o comando de uma questão eles tem uma dificuldade terrível. Eles tem a famosa preguiça de pensar (grifos meus) pra se mesmo é uma marca do estudante atual (Professor de Português e Gestor da escola estadual Licio Solheiro, entrevista concedida em janeiro de 2018).

Algumas características comuns são identificadas na fala dos professores sobre o perfil do jovem do ensino médio estudante do SOME. Segundo eles são estudantes que chegam cansados nas aulas, pois trabalham o dia todo não conseguindo prestar atenção nas aulas. Grande parte dos estudantes é pobre e possuem muita dificuldade em ler e escrever, no qual segundo o professor chama atenção para a preguiça de pensar dos jovens estudantes. Além disso, é comum encontramos e estudantes que casaram bem cedo e tiveram filhos cedo.

Perguntamos aos professores, quem são os jovens que estão saindo do ensino médio? Que metodologias estão sendo utilizadas para que os conteúdos sejam aplicados? Identificamos que os professores não conseguem fazer um desenho claro acerca do perfil dos jovens que saem do ensino médio. Grande parte dos professores se quer conhecem os jovens do ensino médio, pois realizam um planejamento sem minimamente saberem quem são os jovens das comunidades, como destaca o ex-professor do SOME:

No início eu fazia um planejamento das aulas de geografia antes de chegar na escola. Só que toda vez que eu fazia um planejamento, era totalmente diferente porque eu não tinha nem idéia do que ia encontrar pela frente né, como que era a escola, de como seria os alunos, como que era a comunidade, quais seriam os problemas. A gente tinha que trabalhar apenas com o livro e oralmente desenvolvendo outras atividades, se eu quisesse trabalhar com material didático eu tinha que peregrinar nas escolas do estado. Eu comprei um veículo e daí eu pegava esses livros, geralmente como eu trabalhava com geografia em tinha em média 200 livros novos e eu emprestava pro aluno na comunidade e o aluno ficava com o material (Ex-professor de geografia do SOME, entrevista concedida em janeiro de 2018)

Como realizar uma pratica educativa, pensar o conteúdo, as metodologias que serão trabalhadas sem saber para quem estão sendo planejadas? O Seduc ou a 4ª URE não possuem um relatório incisivo que identifique quem são os jovens do ensino médio das comunidades, permitindo que essas práticas se reproduzam até hoje pelos professores. Essa questão nos leva a refletir sobre a importância do planejamento das ações, os sujeitos que estão envolvidos em tal planejamento, suas vivencias, suas problemáticas, questões fundamentais para se pensar uma prática educativa eficaz.

Segundo a Política de Educação do Campo e Pronera aprovado em 2010 no art. 2º reafirma a necessidade do reconhecido a identidade particular de cada escola, criando-se

metodologias de ensino que permitam que essas singularidades, onde elas sejam o ponto chave da educação do campo, como das práticas pedagógicas realizadas pelos professores:

IV - valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; e (BRASIL, 2010, p. 02)

Acreditamos que toda e qualquer pratica deve saber conhecer os estudantes, os jovens para que se está planejando as ações, tendo em vista a realidade que eles estão inseridos. Contudo, observamos na fala dita anteriormente pelo professor o quanto é difícil realizar esta tarefa, pois estes são enviados as comunidades sem um relatório prévio sobre elas e os sujeitos que nela residem, revelando uma problemática muito séria, a de que qualquer conteúdo ou pratica para as escolas do campo servem.

Segundo Freire (1996, p. 98): "a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto no esforço da reprodução da ideologia dominante quanto no seu desmascaramento". Neste sentido, concordamos com o autor, pois a pratica educativa não pode ser qualquer uma para os estudantes sejam do campo ou da cidade, no qual esta assume compromisso junto com outras práticas a possibilidade de transformação social.

Dessa forma, a pratica educativa pode mesmo diante das problemáticas apresentar saídas segundo as práticas educativas realizadas pelos professores, como percebemos na mudança de atuação do ex-professor do SOME: "Então depois que eu comecei a ter a experiências eu ia primeiro pra comunidade e a primeira aula era sempre uma conversa de tentar fazer um diagnóstico no sentido de tentar ter o primeiro contato sobre os desafios que eu iria encontrar pela frente" (Ex-professor de geografia do SOME, entrevista concedida em janeiro de 2018).

As construções de outras metodologias podem contribuir na melhoria da aprendizagem dos estudantes, principalmente quando os professores se propõem a conhecê-los antes de realizar qualquer prática. Nesta perspectiva, a construção de outras metodologias contribui para repensarmos o currículo, estruturalmente, fisicamente, teoricamente, a partir de outras praticas. Arroyo (2011, p. 233) provoca-nos a pensar em mudar todas estas estruturas radicalmente: [...] Por que não mexer com radicalidade nas estruturas, ordenamentos, avaliações do núcleo duro do turno regular?

Estamos vivenciando inúmeras mudanças acerca do ensino médio, principalmente a parti da aprovação da Lei 13. 415 de 2017 que aprova a Reforma do Ensino Médio. O

governo do Estado do Pará esta implementando desde 2017 algumas reformas a partir do Pacto pela Educação. Alguns projetos como Mundiar e o SEI são experiências que o governo está realizando nas escolas de ensino médio.

Segundo os professores, estas reformas são estratégias do governo sucatear ainda mais o ensino médio, pois não resolverão os problemas, mas serão mascarados:

Se o ensino médio, com a presença física dos professores é considerada insuficiente, imagina essa educação interativa com a presença física de um computador ou de uma internet ou seja, eu considero que não é o momento do estado do Pará trabalhar com essa metodologia, no entanto a gente reconhece que o estado esta preocupado apenas em reduzir seus custos em relação a sociedade. Esse modelo de educação acaba sendo muito mais barato para o estado, no entanto a questão da qualidade será muito ruim. (Ex-professor de geografia do SOME, entrevista concedida em janeiro de 2018)

Tem toda uma situação que você tem que considerar quando se trata de reforma. Se você ter uma reforma como uma todo, você tem que considerar que o ensino médio tenha plena estrutura física, para que isso aconteça. Eu vejo como um grande canteiro eleitoral uma fumaça nos nossos olhos, porque não atinge todas as escolas, atinge uma ou duas menos de dez que já tem uma estrutura para vivencia o ensino médio integrado. Eu vejo como uma forma de mascarar de desviar a atenção do quadro educação, deformar mais ainda para a gente se conformar com toda essa propaganda. (Professor de Português e Gestor da escola estadual Licio Solheiro, entrevista concedida em janeiro de 2018)

Nesta perspectiva, avaliamos que o ensino médio necessita de reformas urgentes, para além dos modismos e sem perder de vista o sentido da formação de seres humanos. Precisa-se repensar as metodologias, conteúdos, os sujeitos do ensino médio, a relação entre o Estado e os professores. Todavia, uma reforma que propõe a dispensa da presença do professor em sala de aula, inviabiliza a construção de tempos e espaços formativos na escola que transformem o currículo e a aprendizagem significativa.

Sabemos que os problemas do SOME são inúmeros, principalmente porque este não possui um planejamento eficaz, nem um projeto político pedagógico, sendo que recentemente foi aprovado a lei de regulamentação do SOME, porem não atende as reais demandas dessa modalidade. Contudo, mesmo que com todas essas problemáticas é a única modalidade que existe nas escolas do campo no sudeste paraense.

O SOME tem sido a modalidade de oferta do ensino médio na qual estudantes que passam o dia todo trabalhando ainda conseguem cursar o ensino médio presencial, apesar do pouco investimento que essa modalidade recebe. Neste sentido, afirmamos ser necessário e urgente uma política eficaz para o ensino médio, colocando os jovens, professores, comunidade, movimentos sociais, dentre outros sujeitos para construir esta política. É necessário a construção de um PPP para as unidades regionais de ensino médio do estado do Pará, onde este seja orgânico, e atualizado em cada período.

53

Outra questão é construir espaços formativos com os professores, uma rede de

diálogos que os provoque a pensar os jovens enquanto sujeitos antes mesmo de serem

estudantes, bem como os estudantes percebam o professor como um sujeito histórico que

enfrenta problemáticas, porem busca renovar sua pratica e seu diálogo. A construção de um

ensino médio deve ser feito por estes sujeitos como autores principais.

Arroyo (2011, p. 35) reafirma a dureza do currículo, como indiscutível, pronto e

acabado, provocando a necessidade de refletir se de fato o currículo é algo estático ou em

constante movimento: "O currículo está aí com sua rigidez, se impondo sobre nossa

criatividade. Os conteúdos, as avaliações, o ordenamento dos conhecimentos em disciplinas,

níveis, sequencias caem sobre os docentes e gestões como um peso. Como algo inevitável,

indiscutível".

Entretanto, a disputa pela escola, os conhecimentos, as tradições, a cultura, os sujeitos

que devem estar no ensino médio precisam ser assumidos pela tomada de consciência, mas

não uma tomada de consciência que individualize as práticas, mas que ressignifique os

currículos, as relações sociais, os conteúdos, as artes. A escola do ensino médio deve ser o

espaço em que o jovem quer entrar e não quer sair, pois é o lugar em que ele se enxerga como

tal, a sua voz é decisiva nas construções coletivas.

O professor deve se sentir acolhido por seus estudantes e pela escola, sendo parte

dessa construção, assim como a comunidade que deve estar dentro da escola e na sua gestão.

Estamos afirmando que mesmo diante dessas problemáticas do ensino médio através do

SOME, esta foi a forma de ensino que chegou nas escolas do campo, é necessário significá-la,

a partir de um projeto educativo que considere as especificidades de cada lugar, preparando o

jovem para vida em todas as suas dimensões humanas.

CAPÍULO 2 JUVENTUDE: DE QUEM ESTAMOS FALANDO?

"Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é serio, O jovem no Brasil nunca é levado a sério"

(Musica: Não é serio/Charlie Brown Jr).

Neste capitulo discutimos sobre o conceito de juventude, a partir das contribuições de

alguns teóricos e pesquisadores sobre esta temática, compreendendo o quanto este conceito é

amplo e permeado de contradições. Aprofundaremos nos tópicos seguintes sobre o debate de juventude do campo, a partir do recorte da região norte, mais especificamente do sudeste paraense. E ainda, buscamos relacionar o debate sobre a juventude do campo e a questão do ensino médio, entendendo seus objetivos curriculares e constituição.

Para o debate em torno da construção do conceito de juventude mobilizamos Bourdieu (1983); Leão, Dayrell e Reis (2011); na discussão sobre políticas públicas voltadas para a juventude, dialogamos com Sposito e Carrano (2003), bem como as proposições do Conselho Nacional de Juventude (2006). No debate sobre juventude do campo utilizamos Stropasolas (2006), Marinho (2016), Castro (2012).

A juventude de uma forma geral é interpretada a partir de inúmeras opiniões ora negativas, ora positivas. Para alguns, a juventude é vista como baderneira, bagunceira, não quer nada da vida. Para outros, representam o futuro do país, uma nova geração, capaz de lutar pela transformação da sociedade. Vários são os estereótipos criados para dizer quem é o jovem. Entretanto, percebemos que acaba se sobressaindo a juventude pelo viés negativista, ou seja, a juventude enquanto um "problema". Contudo, o que definiria o sujeito enquanto jovem? Quais as características dessa juventude? Para entender porque esses estereótipos são criados para definir quem são os jovens, é preciso questionar a construção do próprio conceito de juventude.

Bourdieu (1983, p. 01) afirma que utilizar a idade enquanto um dado para definir a juventude, se configura enquanto uma tentativa de manipulação, pois a construção de uma idade biológica é uma forma de disputa evidente, se configurando em uma disputa de poder, ou que ele vai chamar de tentativa de manipulação:

As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas. Isto é muito banal, mas mostra que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou, para encurtar, entre as duas juventudes.

Entendemos que a construção da categoria juventude partindo simplesmente pelo viés biológico, se torna incipiente, pois não considera outras características, tais como a realidade social desse sujeito que está em constante construção, bem como, entender que os jovens se constroem a partir da heterogeneidade.

Neste sentido, compreender o contexto em que o jovem está inserido se torna uma das principais características para conhecê-lo, entendendo que jovens vindos do mesmo contexto, apesar de apresentar singularidades, podem se expressar ou se identificar de forma diferente, o

que evidencia que a juventude é construída pela diversidade. Isso demonstra a riqueza do conceito de juventude, pois é construído não somente pela unidade, mas uma unidade diversa, heterogênea.

Para Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 1069) "a compreensão sobre o jovem implica em reconhecer a vivencia da juventude desde a adolescência, tende a ser caracterizada por experimentações em todas as dimensões da vida subjetiva e social".

Aqui, destacamos o aspecto de vivencias que marcam a construção do tempo da juventude, como um tempo com características peculiares e também diversas, e que são construídas no contato com outros sujeitos, suas experiências comuns ou específicas, consubstanciando um conjunto de referências que o identificam como jovem, segundo a concepção do grupo social onde está inserido. As sociedades, em diferentes tempos e espaços, delimitam o que vem a ser juventude.

Sabemos que a construção do conceito de juventude ainda é recente, considerada uma invenção social do final do século XX, ou é recente a maneira que a compreendemos em nossa sociedade, pois antes havia apenas criança ou adulto (ARIES, 1981). Mas, parte de uma luta histórica dos jovens de se afirmarem enquanto sujeitos, que precisam ser vistos, que necessitam ser enxergados, pois ocorreu e ainda ocorre uma tentativa de invisibilizar a juventude, desconsiderando necessidades desse tempo da vida que precisa ser vivido em sua plenitude bem como condição para o desenvolvimento humano.

A construção do conceito de juventude deve envolver análises mais profundas sobre estes sujeitos, e aprofundar nas relações que estes jovens estabelecem entre si, no meio em que vivem, nas relações subjetivas e objetivas, nos desafios enfrentados por serem jovens.

Entretanto, o próprio parâmetro da idade será palco de intensos debates sobre a juventude, tendo em vista que marcada pela diversidade, a característica da identidade será disputada pela juventude e pelos "adultos" que podem ser representados pelo Estado, pais, escola e outros sujeitos que ora do lado da juventude, ora contra essa juventude tendem a reduzir sua compreensão à questão etária.

Analisar a juventude apenas pelo viés biológico é tendencioso a um olhar simplista e reducionista, que acabará por justificar a juventude enquanto um problema de uma determinada faixa etária. Contudo, os problemas que são responsabilizados os jovens, já existiam antes desses alcançarem a "idade de jovem". Ocorre aí uma transposição da origem de problemas de ordem sócio histórica para os jovens, reafirmada pela a mídia. Sposito e Carrano (2003, p.18) vêm discutindo até que ponto as políticas públicas conseguem contribuir com a juventude:

Contudo esta ideia de identificar as construções de políticas públicas para os jovens estimulando a fixar uma idade e quem participa desses espaços e beneficiado, constitui uma pratica dominante de conceber a juventude passando muitas vezes despercebido por nós mesmos. Além desse conflito é preciso considerar que ocorre a disputa em torno das concepções como uma arena publica, protagonizada por jovens e adultos que disputam espaço na composição dos aparatos do Estado.

Nesta perspectiva, observamos que a disputa não se faz somente no campo das políticas públicas, mas na própria concepção do que é juventude. O recorte etário é uma das poderosas armas que por um lado é utilizado para separar quem tem direto e quem não tem, quem deve ser beneficiado e quem não deve, além de conformar no senso comum, que o jovem é o sujeito de idade x a idade y. Porém, em contramão a essa perspectiva, pesquisadores, teóricos e os próprios jovens utilizam o recorte etário como um dos elementos que imbricados a outros, contribuem na constituição da categoria jovem.

Para Castro (2012, p. 440): "Juventude é uma categoria transitória e, como experiência individual, como identidade social ou, ainda, identidade política ela pode assumir contornos mais perenes". A juventude além de uma palavra, expressa diversos significados, estes não podem ser reduzidos ou conformados por um único viés. A juventude se constrói a partir de suas experiências coletivas e individuais, das tensões e problemáticas que enfrentam no dia (DAYRELL, CARRANO e REIS, 2014).

Nesta perspectiva, a busca pelo sentido da palavra juventude, nos remete a entender que é uma luta de classe tal como afirma Marx, e que sendo uma luta de classe esta luta vai se transformando ao longo do tempo. A juventude, para além de uma palavra, são sujeitos que vão se construindo historicamente diversos, heterogêneos, ambos de contextos históricos que se transformam e se conformam nas lutas. A juventude é mais que uma palavra, vai para além de uma idade determinada, não se define a partir de problemas sociais, ou como um problema social, pois estes são os contextos que estes jovens estão imersos.

O debate sobre juventude deve ser construído a partir da perspectiva histórica, levando em consideração que esses debates sobre juventude ganham força a partir da década de 1990 e vão se construído como um espaço de luta. Em todo caso, estes jovens vão aparecendo em tempos diferentes e com lutas diferentes que ora se reproduzem com a chegada de outros jovens, ora se modificam de acordo com as necessidades sentidas com a transformação da sociedade. Nesta perspectiva Dayrell e Carrano (2014, p. 111) afirmam: "partimos da ideia de que os conceitos de adolescência e juventude correspondem a uma construção social, histórica, cultural e relacional que, por meio das diferentes épocas e processos históricos e sociais, foram adquirindo denotações e delimitações diferentes".

Os autores pontuam elementos importantes na construção da categoria juventude, no qual não iremos nos deter aqui, mas entendemos que a juventude é uma construção social, pois ao longo da história vão aparecendo juventudes de diversas formas, se construindo a partir de elementos culturais e históricos da sociedade em que eles vivenciaram, sendo, portanto, juventudes. Contudo, assim como ocorre a transformação na sociedade os sujeitos dela, em específico os jovens também vão se transformando, sendo sujeitos parte da construção social. Isso fica evidente quando percebemos que a juventude vai se articulando ao longo da história, se organizando enquanto categoria a partir de interesses comuns, mesmo que estes possuam características coletivas enquanto a idade, possui sua diversidade. Dessa forma, podemos compreender que existem não um tipo de juventude, mas juventudes no plural que vão se afirmando ao longo da história nesta luta de classe.

Portanto, o debate sobre o conceito de juventude não conseguiu ainda acompanhar as intensas lutas travadas pelas juventudes ao longo da história. Contudo, alguns avanços nesses debates, como a constituição de políticas públicas para a juventude tal como o CONJUVE (2006), Estatuto da Juventude (2013), bem como as contribuições teóricas de pesquisadores interessados a debater sobre o tema, ou os próprios estudantes que constroem uma história mais profunda e nos fazem rever nossas compreensões sobre a juventude, tem avançado constantemente. Entretanto, ressaltamos que ainda estamos longe de compreender a juventude na sua complexidade e na sua construção histórica-social.

O desafio posto é tentar compreender a juventude enquanto uma categoria social que vai se construindo a partir das problemáticas no seio dessa sociedade capitalista, tendo em vista que sua luta é histórica e transitória, pois outros jovens estão chegando trazendo outros elementos para entendê-los. Isso leva considerar que a juventude possui uma identidade, mas que vai se transformando ao longo do tempo, que não é uma identidade fixa, bem como não é uma identidade somente individual, mas individual e coletiva, tal como afirma Dayrell e Carrano (2014, p. 124)

A construção das identidades é um processo cada vez mais complexo, com o jovem vivendo experiências variadas e, às vezes, contraditórias [...] A identidade individual e a coletiva, de alguma forma, interferem na invenção de caminhos e direções de vida e nos limites dados pela estrutura social, apontando para os desafios para se definir projetos de vida e modelos na transição para a vida adulta.

Percebemos que a diversidade e complexidade da juventude em construção de sua identidade se dá por inúmeros fatores, dentre eles as problemáticas enfrentadas no seu dia-adia, impedindo-os de construir projetos de vida, pois não foram preparadas para isso, não lhes foi proporcionado a vivencia dessa experiência. É evidente que a categoria juventude se faz

por meio de inúmeras contradições, sejam eles associados a perspectiva de deixar os jovens na invisibilidade, ou de enxerga-los a partir de um recorte etário, bem como percebe-los enquanto problema.

Precisamos avançar na desconstrução do senso comum em perceber a juventude sob perspectivas extremas, seja enquanto problema, ou enquanto solução e futuro sem criar possibilidades de fato para estes jovens vivenciarem este tempo de suas vidas, se tornando construtores e gestores de políticas públicas, ocupando espaços importantes que os permitam criarem caminhos para eles mesmos, com o apoio necessário. A juventude além de uma palavra representa uma classe de jovens que possui identidades diversas, e buscam nessa diversidade se auto afirmar nessa sociedade que os excluiu, ou que prioriza um tipo de juventude excluindo outros.

Neste sentido, entendendo a juventude na sua diversidade nos aprofundaremos nos próximos tópicos sobre os jovens do campo do sudeste do Pará. Buscaremos entender quem são estes jovens, bem como, as tensões que estes enfrentam por viver num território de conflito, de fronteira. Nesta perspectiva compreendemos este território do sudeste paraense, seus conflitos agrários, e como a juventude se constrói neste contexto de tensão permanente.

#### 2.1 JUVENTUDE DO CAMPO E O TERRITÓRIO DO SUDESTE PARAENSE

Neste tópico buscamos conhecer melhor os jovens do campo, bem como as suas especificidades e problemáticas a partir de um contexto de intensa disputa e conflitos por terra. Para conhecer e debater sobre a juventude do campo mobilizamos estudos realizados por Stropassolas (2006), Marinho (2016), Castro (2012), assim como as contribuições Pinto (2016) que dialoga sobre os jovens do campo. No debate sobre território, fronteira entendendo este território como um campo de disputa mobilizamos Hébette (2004), Martins (1997) e Caldart (2012).

Há uma literatura que trata a Amazônia como um cenário de extrema beleza, uma exuberante floresta. Tal literatura vai se construindo a partir da chegada dos portugueses na região, se concretizando ao longo da colonização da Amazônia. A construção da Amazônia como um espaço desabitado, provoca inúmeras políticas criadas pelo Estado brasileiro como uma necessidade de transformar este território, de colonizá-lo. Esta colonização vai se construindo com bases que não enxergam os indígenas que já habitavam a região quando os portugueses chegavam, bem como se consolida em cima da mão de obra escrava.

Neste longo processo de colonização, de chegada de migrantes de todas as regiões do país para Amazônia, bem como a construção de inúmeros projetos de "desenvolvimento" pensados e executados neste território, este vai se configurando enquanto um espaço de disputa, principalmente disputa pela terra, caracterizando-se como um território de fronteira. Nesse sentido, Hébett (2004, p. 01) afirma que "fronteira é a estrutura fundiária, herança do Brasil colônia, capitania hereditárias, sucedidas pelas sesmarias, posteriormente chamadas de latifúndios".

O lugar da fronteira descrita pelo autor é o encontro, da dualidade, do projeto de desenvolvimento e progresso, mas, o lugar da devastação, da violência, como afirma Martins (1997, p. 40): "A fronteira é o lugar privilegiado da violência privada, mais é também, em decorrência, o lugar privilegiado de regeneração até mesmo de relações escravistas de trabalho". Neste sentido, o território amazônico é configurado como o território da fronteira, das inúmeras frentes de expansão e das constantes disputas pelo território, das ideologias, bem como dos conflitos.

A luta pelo território no campo das ideias, bem como das disputas praticas, formam conflitos agrários, em que o projeto de desenvolvimento e progresso pensado para a Amazônia, ainda é composto pelas mesmas bases da colonização ganhando outras formas de organização, principalmente através de novas frentes de expansão como o agronegócio, mineração e as mais diversas formas de exploração existentes. Nesta perspectiva Malheiro e Ribeiro (2014, p. 26) ressaltam como este território do sudeste paraense está sendo pensado pelo grande capital:

Isso porque o território, como forma de apropriação material dos recursos, como estratégia de imposição de um espaço político e econômico e como símbolo de um projeto de desenvolvimento capitalista, e elemento essencial para a elevação da taxa de lucro dos estrategistas da mineração e do agronegócio, setores que se hegemonizam na apropriação de territórios no sudeste do Para.

O projeto de desenvolvimento do sudeste do Pará movido principalmente pelo agronegócio e pela mineração, que articulados a outros projetos paralelos como a extração de madeira, beneficiam grandes empresas, como a mineradora Vale. Esta promove um arranjo de desconstrução de territorialidades de quem mora nesse território, bem como a implantação de um desenvolvimento que não inclui camponeses, ribeirinhos, indígenas, quilombolas, todos os povos das aguas e das florestas. O projeto de desenvolvimento para a Amazônia, assim como no período da chegada dos portugueses, é implementado de fora para dentro.

Emergem questões primordiais para discutir que rumos a Amazônia vai tomar, se na consolidação das frentes de expansão que pensam o território como um campo produtivo

utilizado somente para suprir as necessidades do grande capital, ou se pensar o território amazônico significa pensar meios de consolidar projetos de desenvolvimento gestados pelos sujeitos do campo. Isso significa, que é necessário perceber o território, ou seja, entender a terra como um espaço de construção de identidades, de garantia de sobrevivência, um território de memória.

### 2.1.1 Os jovens do campo: suas especificidades e problemáticas

Considerando o debate anterior sobre a categoria jovem, ressaltando que esta ainda é recente, bem como o debate sobre juventude numa perspectiva mais ampla, afirmamos que a juventude, para além de uma palavra, corresponde a inúmeros jovens de diversas formas de ser e estar no mundo. Os jovens do campo, como parte dessa juventude também se faz diversa com especificidades e caraterísticas que os une ou os divergem, como diz Stropasolas (2006, p. 180): "Em suma a categoria "juventude" ocupa, assim, um papel de *marquage*social, ou seja, ela significa simbolicamente um grupo que é composto diversamente, que encobre realidades socialmente diversificadas".

Neste sentido, entendemos a juventude a partir de características comuns ou específicas. Tendo por experiência um trabalho de investigação realizado na França em 1986 por Lambert e Galland, o autor afirma que estes conseguiram abranger aspectos principais da vida dos jovens rurais. Segundo Stropasolas (2006, p. 183) "os jovens rurais não formam mais um grupo homogêneo, não existe uma juventude rural, mas várias, assim como existem várias juventudes [...]". Percebemos que os jovens do campo conseguem demonstrar a sua diversidade, bem como é essa diversidade ou diferença que poderá levar alguns jovens a se inserir em movimentos sociais, ou assumir lideranças de sindicatos, de igrejas dentre outros espaços.

Neste sentido, compreendemos que a categoria juventude do campo, aponta para inúmeras identidades, ou seja, os jovens não possuem uma identidade única e estática. A escolha por uma definição de identidade é feita pelos "adultos" no sentido de enquadra-los em um só espaço. Contudo, o que observamos é que a juventude está em constante movimento, assumindo inúmeras funções, e identidades. Dayrell e Carrano (2014, p. 124) descrevem isso afirmando:

A construção das identidades é um processo cada vez mais complexo, com o jovem vivendo experiências variadas e, às vezes, contraditórias. Ele acaba se constituindo como ator plural, com múltiplas identidades, produto de experiências de socialização

em contextos sociais os mais diversos, dentre os quais ganham centralidade aqueles que ocorrem nos espaços intersticiais dominados pelas relações de sociabilidade.

A construção da identidade de jovem do campo se faz por meio da contradição, bem como das influências dos interlocutores e os espaços em que os jovens estão situados. Um aspecto importante para nossa análise levantado por Stropasolas (2006, p. 183) é a constatação de dois grupos de situações, onde:

Por um lado, existem carências e privações, como baixa formação, ausência de emprego, precária definição de si e baixo engajamento social e político; por outro, presença de todos os indicadores de uma integração social e econômica, mesmo que isto não seja acompanhado de uma integração política em níveis equivalentes.

Concordamos com o autor com a afirmação que todos os fatores citados irão fazer com que haja grupos diversos de juventude, bem como dependendo dos espaços em que estiverem inseridos, essas lacunas poderão ou não ser diminuídas. Destacamos que o contexto em que a juventude rural está situada ira formá-lo, bem como os espaços que este ocupa. Dependerá ainda do acesso que estes jovens terão, como por exemplo, a formação política, onde eles se envolverão variando bastante do quanto isso será importante para eles.

A inserção política ou não do jovem do campo, é um dado interessante para adentramos na discussão sobre a permanência e saída deste sujeito. O debate sobre o jovem permanecer o ficar no campo ainda se constitui por inúmeras polêmicas, pois diversas são as justificativas que levam meninos e meninas a deixarem suas casas e famílias ainda cedo, bem como são determinantes em permanecer no campo morando com a família ou buscando morar sozinho ou na constituição de sua família. Elencaremos algumas características chaves que julgamos necessária para problematizar o permanecer e o sair do campo.

O processo de poder escolher entre permanecer ou sair do campo, configura-se como uma decisão conflituosa para jovem, às vezes é baseada nas tensões que ele enfrenta cotidianamente. Permanecer no campo é um dos grandes desafios enfrentados por estes jovens em meio às dificuldades evidentes que os agricultores enfrentam na luta por permanecer na terra. Esta luta inicia-se em conquistar a terra, sendo este o território de reprodução social, que garantirá a sobrevivência da família, bem como é o território que garante as formas deste agricultor se relacionar-se com a sociedade em sua volta, construir novos conhecimentos e práticas, assim como construir sua identidade enquanto agricultor.

Nesta perspectiva, permanecer no campo atualmente para a juventude significa enfrentar inúmeras problemáticas, tais como a falta de políticas públicas específicas para estes jovens, a garantia do credito para trabalhar na terra, ou a garantia de trabalhos que garantam

que este possa continuar os estudos sem ter que se deslocar de sua localidade, tal como afirma (MARINHO, 2016, p. 59)

Os reflexos dessa crise, ou seja, a perpetuação e manutenção desta lógica produtiva, atrelada a ausência de políticas sociais e de infraestrutura no meio rural, tem se manifestado diretamente aos jovens do campo como uma força de atração em direção aos centros urbanos. A juventude camponesa historicamente enfrentou e enfrenta constantes desafios que de certo modo, dificulta, ou, em determinadas circunstâncias, inviabiliza a sua permanência nas comunidades rurais. Esses desafios são constituídos em diferentes dimensões e níveis de intensidade, perpassando as questões sociais, culturais, produtivas, tecnológicas e outras.

Para além de uma força de atração, tais fatores atuam como forças de expulsão da juventude do campo.

A reprodução da ideologia de que a cidade é o lugar da cidadania, reproduzida pela escola como um lugar bom para se viver constrói no imaginário social essa perspectiva de que a cidade é boa e o campo é o lugar do atraso.

Permanecer ou sair do campo se constituem enquanto situações instáveis, bem como a sua própria forma de estar no espaço, pois, sem articular a um projeto de vida que pense o campo, como um território da vida, da simbologia e cosmologia, um espaço que mesmo em constante disputa, tem projetos de desenvolvimento baseados na agroecologia, na coletividade, não permite de fato problematizar a escolha do jovem, tal como afirma Castro (2012, p. 444):

Assim, "ficar ou sair" do campo é mais complexo do que a leitura da atração pela cidade e nos remete à análise de juventude como uma categoria social-chave pressionada pelas mudanças crises da realidade no campo, e para a qual a educação do campo tornou-se uma questão estratégica.

Tornam-se evidentes as dificuldades em garantir a permanência dos jovens no campo em condições dignas, devido ausência de acesso a direitos e serviços sociais básicos. Essas ausências tendem a forçar a saída dos jovens do local de origem. A construção da categoria jovem do campo, ou jovem camponês se faz em meio a estas demandas de articulação e tensão no espaço em que se situam como diz Ribeiro (2011, p. 59): "a invenção da juventude camponesa como uma identidade territorial, desafia as noções binárias que povoam o imaginário presente no discurso sobre o desenvolvimento e a modernidade".

A saída do jovem, não pode ser compreendida como sinônimo de não querer morar no campo, assumir as tarefas de casa ou do lote. Faz parte da lógica capitalista produtivista fazer com os que os jovens saiam de suas localidades e seja mão de obra barata nas cidades. Ora, podemos observar que grande parte dos sujeitos que moram nas periferias das cidades é formada por pessoas migrantes, que por inúmeros motivos deixaram o campo.

Diante dessa constatação percebemos que a construção da categoria juventude do campo é marcada pelo aspecto da migração<sup>15</sup> e ou mobilidade dento do mesmo território em busca de melhores condições de vida, efeito este vivenciado pelos pais que, na maioria das vezes, são migrantes. Entretanto estes sujeitos tem-se articulado através de inúmeras maneiras para a garantia e permanência da terra, dentre as quais envolve a garantia de direito à educação gratuita e de qualidade na local onde moram. Neste sentido, é preciso se discutir projetos que pensem o campo e de suas populações numa perspectiva sustentável, que garantam a juventude uma escolha, pois o que temos observado é que estes sujeitos se deparam com situações que os impõe à saída e não permanência no campo. Os jovens do campo, em específico do sudeste paraense se deparam com o mundo de conflitos e incertezas quanto a realização dos seus projetos de vida claro.

Em pesquisa realizada com juventudes paraense, Dayrell, Leão e Reis (2011, p. 1074) problematizam esta falta de escolhas em que o jovem é submetido, descrevendo-as como incertezas em que este enfrenta logo cedo, dificultando a possibilidade da construção de um projeto de vida e modificando a percepção dos tempos presente, passado e futuro:

A ampliação das incertezas em todos os níveis da vida social se soma uma ampliação do sentimento e da ideia de risco [...] O futuro foge do controle, gerando sentimento difuso de alarme, associado a uma sensação de impotência. Neste sentido a contemporaneidade inaugura novas formas de temporização. O futuro se torna passível de perder o seu sentido como um tempo progressivo, controlável e planificável. Diante de um cenário marcado pelas incertezas e pelos riscos, a busca de sentido é transferida para o presente, num eixo temporal curto que tornaria possível o seu controle.

As incertezas dos jovens devem ser pautadas como fundamentais para compreendêlos, percebendo que a sua incompletude é uma característica da experiência de ser jovem. Contudo, a realidade em que está inserido, a família na qual faz parte e espaços como a escola, vão trazendo implicações no jovem e suas escolhas. As relações estabelecidas com a família são bastante profundas, esta característica é primordial para o desenvolvimento da agricultura e do sentido ao campesinato.

As relações familiares e de parentesco vão denotando ao jovem do campo uma construção que tende a apresentar diferenças do jovem da cidade, pois logo cedo este vai ocupar tarefas na família. A socialização pelo trabalho é uma das características fundamentais em que os papéis assumidos por cada membro vão garantir não somente sua sobrevivência, mas a troca de experiências e a construção de relações sociais viabilizadas através do trabalho.

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> A migração, além de envolver processos de desterritorialização que marca a trajetória dos pais, pode ser compreendida também como a busca pelo acesso a esses direitos sociais básicos no qual a terra (como espaço de reprodução da vida) ocupa centralidade.

A família como uma instância formativa e socializadora ocupa espaço central neste contato do jovem com o trabalho. O trabalho como uma dimensão formativa, permite ao jovem criar caminhos de sociabilidade e de constituição enquanto ser humano, bem como afirma Frigotto e Ciavatta (2012, p. 02):

O trabalho como princípio educativo vincula-se, então, à própria forma de ser dos seres humanos. Somos parte da natureza e dependemos dela para reproduzir a nossa vida. E é pela ação vital do trabalho que os seres humanos transformam a natureza em meios de vida. Se essa é uma condição imperativa, socializar o princípio do trabalho como produtor de valores de uso, para manter e reproduzir a vida, é crucial e "educativo".

Além de ser uma forma de garantir sua reprodução, também se torna uma forma cultural de estar no mundo, pois é nessa relação com o trabalho que as experiências formativas e de sociabilidade vão se aprofundando. O vínculo com a família é algo fundamental para os jovens, por isso se torna doloroso ter que se sair do lote ou de sua comunidade. Todavia, o capital se apropria da dimensão humana e formativa do trabalho para poder se reproduzir e se reorganizar conforme suas demandas de exploração e degradação. A juventude, neste caso sofre com as intensas investidas desse sistema diante do trabalho se submetendo a formas degradantes de trabalho, para garantir o mínimo da sobrevivência de sua família.

Neste caso, há uma expulsão dos jovens de suas famílias, para poderem conseguir um trabalho digno na cidade, se deparando com uma realidade contrária aquilo que idealizou, submetendo a empregos de meio período, ganhando até menos do que ganhavam quando estavam no campo, tal como diz Marinho (2007, p. 60):

Os jovens do campo em sua maioria vivem um constante antagonismo, divididos entre a possibilidade de trilharem projetos mais individualizados na cidade, expresso na vontade de "melhorar a qualidade de vida sua e da família", de "ser alguém na vida" e a vontade de continuar residindo no local de origem, principalmente pela relação com a família e o sentimento de pertencimento a localidade, já que a família é o espaço privilegiado de sociabilidade nas chamadas "sociedades tradicionais".

Além disso, a garantia da efetiva participação e gestão dos modelos democráticos será realizada quando de fato tivermos iniciativas do poder público com os jovens do campo, tal como afirma Spósito e Carrano (2003, p. 37): "Não se pode pensar políticas públicas sem uma verdadeira inserção dos jovens como autores destas, bem como, não se pode pensar a escola sem a participação efetiva dos jovens em sua construção e gestão". A escola cumpre papel fundamental nesta construção.

Arroyo (2014, p. 55), ao referir-se ao ingresso dos filhos da classe trabalhadora no ensino médio, bem como, outros sujeitos que até então não acessam a escola pública, afirma que não podemos negar que a juventude que chega ao ensino médio não é mesma, não são os

mesmos jovens, e carecem de atitudes que reafirmem isso, outros sujeitos, necessitam de outras pedagogias, de outros educadores e de outra escola:

Entendendo que os sujeitos são estes Outros que estão chegando no Ensino Médio, as indagações feitas tanto pelos professores quanto os alunos tem direito a saber que as experiências sociais vividas como coletivos sejam interpretadas e que suas indagações - sobre sua condição juvenil, suas histórias como membros coletivos sociais, raciais, de gênero, de campo, como trabalhadores, produtores de cultura e etc, sejam aprofundadas no conhecimentos curriculares do Ensino Médio.

Neste sentido, é importante problematizar qual o papel da escola? Preparar os jovens para adentrar no mercado de trabalho? Garantir uma formação? Que formação? São estas as diversas tensões que os jovens do campo veem enfrentando no ensino médio. Portanto, a juventude enquanto uma categoria diversa e heterogênea, fazendo menção a juventude do campo estabelece-se em constantes dilemas que envolvem o impasse entre permanecer ou sair do campo. Esta mesma juventude, constitui-se a partir de relações familiares e de parentesco intrínsecas, que proporcionarão desde cedo a inserção do jovem no trabalho, este compreendido na sua formação mais ampla, sendo parte constitutiva do ser humano.

O jovem do campo, que se constitui a partir de inúmeras identidades, seja por estar atuando no movimentos social do campo ou na sua direção, ou por garantir outras formas de atuar no trabalho agrícola no lote, bem como, é o sujeito que enfrenta problemáticas cotidianas, vai se construindo como jovem a partir da sua incompletude na sociedade, bem como afirma Rocha e Antunes (2015, p. 23): "Algumas das formas de resistência desses jovens se faz por meio da participação em movimento sociais, onde lutam por meio desses mecanismos e reivindicam políticas públicas efetivas para a juventude no campo, consolidando uma possível realidade de permanência no campo".

A construção do projeto de vida para a juventude, implica em buscar parceria com a escola, para que esta enxergue os jovens que nela estão como fundamentais na transformação da sociedade. A luta pela terra se traduz na luta pela vida e continuação dela. Nesta perspectiva, a terra representa entre outras simbologias a vida, a reprodução familiar através do trabalho. Assim, como em outras classes de trabalhadores, o trabalho, é uma característica comum na tradição dos camponeses.

Neste sentido, aprofundamos no próximo tópico a relação da juventude com o ensino médio no campo, compreendendo as tensões e contradições que esta modalidade de ensino vem perpassando ao longo da história. Mobilizamos na relação juventude do campo e ensino médio, contribuições de estudos realizados por Dayrell, Carrano e Maia (2014), Nosella (2011), Ramos (2011) no debate sobre ensino médio e a sua constituição.

### 2.2 JUVENTUDE DO CAMPO E O ENSINO MÉDIO DO SUDESTE PARAENSE

Neste tópico continuamos o debate sobre juventude do campo e sua relação com o ensino médio. Compreendemos a juventude do campo que tem acesso ao ensino médio, a partir da discussão sobre a origem desta modalidade enquanto uma política pública, ou seja, o ensino médio como etapa final da educação básica. Pontuamos a partir da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961 e 1971 as mudanças ocorridas na organização do ensino médio, mas não nos aprofundaremos sobre o debate do currículo, pois este será discutido na próxima seção deste trabalho.

Abordaremos o ensino médio como uma política pública a partir das análises de Nosella (2011), Ramos (2011), bem como o debate sobre juventude do campo e ensino médio mobilizando Dayrell, Carrano e Maia (2014).

A juventude do campo enfrenta inúmeras dificuldades acerca da garantia de seus direitos, tais como o direito a educação. Este processo histórico de negação ao acesso à educação pelas populações do campo, as populações das camadas mais pobres, os trabalhadores do campo e da cidade, faz parte do processo desumanizador e destruidor do capitalismo, tal como afirma Freire (1987, p. 31): "A 'ordem' social injusta é a fonte geradora, permanente, desta 'generosidade' que nutre da morte, do desalento e da miséria".

Esta lógica social injusta afirmada pelo autor garante a reprodução desse sistema e consegue manter os trabalhadores em situação de miséria, uns mais outros menos. Na garantia de direitos as populações do campo unem-se para lutar pela educação, que também é apresentada durante a luta pela terra, como dimensões indissociáveis, pois a garantia da terra e do acesso ao direito à educação escolar é compreendida como necessária para consolidação do direito a educação de seus filhos no local onde residem. Neste sentido, ressaltamos que diante de inúmeras lutas, o direito a educação do/no campo apresentou avanços também no das legislações, no debate teórico e na efetivação de políticas públicas para os povos do campo.

Entretanto, o avanço na consolidação destas políticas públicas, ocorre de forma demorada no campo. Garantir mecanismos de permanecia do jovem no campo ainda se faz necessário, mesmo que na política nacional avanços significativos já tenham ocorrido. As conquistas no âmbito da legislação não garantem por si só a efetivação do direito, pois se revelam como um permanente espaço de disputa.

Todavia, a construção da consciência de luta a partir da juventude vem ganhando expressão. Se observarmos, as lutas travadas no campo e na cidade, perceberemos a participação ativa da juventude. Basta relembrar a luta de jovens estudantes contra a

"reorganização das escolas" de São Paulo, proposta feita em 2016 pelo Governador Geraldo Alckmin. Tal proposta consistia em fechar a escolas das periferias de São Paulo, realocando os estudantes em escolas com mais de 200 km de distância de sua residência, no intuito de contenção de gastos e suposta melhoria da educação. Inconformados com a decisão tomada sem uma consulta a comunidade ou a eles mesmos, os estudantes organizados começaram a ocupar essas escolas que seriam fechadas, promovendo uma onda de articulação com outros estudantes, paralisando mais de 300 escolas em São Paulo. E inspirou jovens do Brasil inteiro que viviam problemática semelhante.

Sua inspiração veio de movimentos anteriores da América Latina, como a Revolução dos Pinguins<sup>16</sup>que também tinham como interlocutores, os estudantes. No campo as intensas ocupações protagonizadas pela juventude merecem destaque. Percebemos que na medida em que a luta foi amadurecendo os jovens. Neste sentido, os estudantes foram trazendo outras pautas, tão significativas quanto o fechamento de escolas.

No que se refere às populações rurais, se a luta histórica consistia na constituição de escolas no campo, atualmente a luta se faz pelo não fechamento de escolas, por uma educação em condições dignas, por uma escola como um espaço de diversão, inspiração, aprendizado e socialização.

Baseando-se nisso, é preciso discutir principalmente o ensino médio em que ocasionalmente ou não, coincide com o período que a maioria dos jovens está estudando. Neste debate emergem questões como: O que é o Ensino Médio? Em que medida é ofertado na nessa região? Como é ofertado nas áreas rurais do Sudeste Paraense? Qual o perfil do jovem que chega ao ensino médio?

Historicamente, essa modalidade de ensino passou por inúmeras transformações, tensões, conquistas e retrocessos. Até os anos de 1940 a educação pública restringia-se ao ensino primário, sendo quatro anos, ou melhor, a escola de primeiras letras. Com a Reforma Capanema apresentada a partir da década de 1942 propõe-se o chamado ensino secundário, com duração de três anos.

Basta observar a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961 e 1971 que percebemos algumas mudanças na organização do currículo e na oferta dessa modalidade:

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup>A revolução dos pinguins foi um movimento encabeçado por estudantes secundaristas do Chile no ano de 2006. Seu objetivo era garantir uma educação de mais qualidade, bem como gratuita. A luta dos estudantes unificou-se com estudantes das universidades, movimentos sociais os apoiando. Estes ocuparam diversas escolas no Chile, ganhando este nome devido ao uniforme usado pelos estudantes serem parecidos com pinguins.

Art.34. O ensino médio será ministrado em dois ciclos, o ginasial e o colegial e abrangerá entre outros, os cursos secundários, técnicos e de formação de professores para o ensino primário e pré-primário.

Art.35 §3º O currículo das duas primeiras series do 1º ciclo será comum a todos os cursos de ensino médio no que se refere às matérias obrigatórias (BRASIL, 1961, p. 07).

Art.4. Os currículos do 1º e 2º grau terão núcleo comum obrigatório em âmbito nacional, e uma parte diversificada para atender, conforme as necessidades possibilidades concretas, as peculiaridades locais, aos planos dos estabelecimentos e as diferenças individuais dos alunos (BRASIL, 1971, p. 01).

Observamos que a LDB de 1961 estabelece as formas de como será organizado o ensino médio, delimitando matérias comuns no 1º ciclo.

A própria legislação que rege essa etapa do ensino foi se alterando constantemente. Destacamos a reforma da década de 1971 que trouxe profundas marcas para o ensino secundário que passou a ser denominado de Ensino de 2º grau.

A LDB de 1971 descreve claramente quais deveriam ser os objetivos dessa etapa do ensino: Art. 5. 2§ A parte de formação especial do currículo: a) terá o objetivo de sondagem de aptidões para o trabalho, no ensino de 1º grau e de habilitação profissional do ensino do 2º grau. (BRASIL, 1971, p. 02). Assim, essa etapa do ensino passa a profissionalização como seu principal objetivo.

Observando o contexto, o Brasil passava por intensas repressões da ditadura, o processo de desenvolvimento industrial era crescente, ou seja, argumentava a necessidade de preparar mão de obra para adentrar no mercado de trabalho, e na escola de ensino médio esse era o objetivo, tal como pode ser visto nos artigos 6º 7º e 10º, na LDB de 1971:

Art.6º As habilitações profissionais poderão ser realizadas em regime de cooperação com as empresas.

Art.7 Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programa de Saúde.

Art. 10° Será instituída obrigatoriamente Orientação Educacional, incluindo aconselhamento vocacional, em cooperação com os professores, a família e a comunidade (BRASIL, 1971, p. 02 e 03).

Em resumo, observamos que ao longo do tempo o ensino médio não conseguiu constituir uma identidade própria, repleta por inúmeras confusões em seus objetivos e na consolidação do mesmo enquanto uma modalidade da educação básica. Nosella (2011, p. 1056) descreve isso, afirmando:

O fracasso da profissionalização compulsória da Lei n. 5.692/71 dos governos militares era previsível: na verdade, sob a retorica de liquidar a escola secundaria, verbalista e elitista, escondia-se o projeto de extinguir uma escola formadora de dirigentes (ou de controladores dos dirigentes), fundamental princípio unitário do ensino secundário. O sonho educacional dos militares era universalizar uma escola

de técnicos submissos, de operadores práticos. Ou seja, criava-se a "unitariedade" do sistema escolar, cortando a parte crítica e humanista do currículo.

Percebemos a partir do que Nosella afirma que o ensino médio possui inúmeras contradições, uma delas seria a própria construção de sua identidade. Deparamo-nos com um ensino médio com uma dualidade histórica, em que se preparava os filhos de nobres para assumirem o poder, ou seja, os cargos mais elevados da sociedade, e os filhos da classe trabalhadora, para assumir a grande mão de obra.

Neste sentido, o trabalho será ênfase a ser dada no período industrial, tornado ainda mais dual o sentido do ensino médio "O trabalho como princípio educativo foi pensado e proposto a partir do processo de industrialização, no qual os homens compreenderam que o conhecimento científico necessário a indústria era fruto da articulação entre as atividades práticas e os estudos teóricos, uma vez que a inteligência e as mãos executavam, conjuntamente, operações segundo regras objetivas teóricas e práticas" (NOSELLA, 2011, p. 1.058).

Somente na LDB de 1996 (Art. 35, p. 12) o ensino médio ganha característica, obrigatória a todos os jovens, tentando se consolidar com características estruturais mais sólidas:

O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Entretanto, com as inúmeras reformas realizadas no período FHC<sup>17</sup>, nos deparamos com outra modalidade do ensino médio, o foco nas habilidades e competências dos jovens. O foco será em habilidades e competências que o jovem possui, para assumir determinados serviços na sociedade, tendo como preferência logo no ensino médio ter contanto com estágios em empresas e após finaliza-lo adentrar no mundo do trabalho, como afirma Ramos (2011, p. 774):

Formulou-se a pedagogia das competências como uma corrente pedagógica que orientou a reforma curricular realizada ao final dos anos de 1990. A aproximação com o escolanovismo não e casual, posto ser possível encontrar seus fundamentos no pragmatismo. Também elementos do construtivismo piagetiano subjazem a

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> O governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC) envolveu o período de 1995 a 2002.

concepção de competência difundida pela reforma. Mas é para a armadilha do tecnicismo e do condutivismo que essa pedagogia tendeu a levar as elaborações curriculares nesse tempo.

A inserção da pedagogia das competências se dá principalmente a partir da separação do ensino técnico do ensino médio regular, permitindo ao ensino técnico se organizar da forma que bem se entende sem receber um gerenciamento ou acompanhamento profundo dos meios de regulação da educação no país. Nosella (2011, p. 1057) afirma que este decreto, abrirá caminhos para o ensino médio regular ser abandonado, já que possuiu pouco público, e que o ensino médio profissional crescendo cada vez mais, ganharia uma autonomia desregulada: "[...] afastando legalmente o ensino técnico e profissional do ensino médio, liberava o ensino profissional de qualquer limitação ou controle burocrático, abandonando o ensino médio regular público no baixo nível a que chegara".

Contudo, com a mudança política em 2003 e a chegada de um sindicalista na presidência, logo o decreto nº 2.208 de 17 de abril de 1997, é substituído pela Lei 5.154 de 23 de julho de 2004 com a proposta do Ensino Médio Integrado. O currículo interdisciplinar, o foco no trabalho como princípio formativo, guiou o debate sobre o currículo integrado, uma proposta importante, mas que sofre diversas tensões em 2008, caracterizando-se para alguns especialistas uma "crise aguda".

A articulação entre teoria e prática durará pouco tempo, devido a influência do ensino técnico e, por trás dele, as empresas com interesses em formar os jovens para assumir o mercado de trabalho. Mais uma mudança no currículo do ensino médio, transformando-o novamente tecnicista, como afirma Ramos (2011, p, 778):

[...] O CNE faz recomendações para a elaboração da proposta curricular, em que se destacam a diversidade de modelos curriculares; a flexibilidade curricular visando ao atendimento da pluralidade de interesses dos estudantes; a inclusão de componentes curriculares obrigatórios e variáveis; a diversidade de tempos e situações curriculares; as atividades de interação com as comunidades; e a interdisciplinaridade realizada nas dimensões estruturantes do currículo – trabalho, ciência, tecnologia e cultura".

Os reflexos dessas mudanças ocorrem de maneira significativa, no campo conceitual e estrutural. Teremos a disputa conceitual pela construção da hegemonia entre as classes sociais, por seus intelectuais, ou seja, os grandes empresários (burguesia), contra os trabalhadores (proletários) e enfrentarão no campo das ideologias. A outra disputa se dá no campo da prática, em que educadores brasileiros do ensino médio e da educação profissional não vão incorporar o ensino médio na perspectiva da formação *omnilateral* e politécnica.

Estes tenderão a reproduzir um ensino médio profissionalizante e compensatório, ou em defesa de um ensino médio propedêutico (RAMOS, 2011, p. 785).

Chegamos ao ponto primordial do debate, enfim podemos questionar o ensino médio atual, como está? Que tendências este ensino médio está sendo ofertado nas escolas do campo, no sudeste paraense? Para discutir sobre a identidade do ensino médio, se faz necessário compreender o perfil do jovem almejado nesta modalidade, afunilando características próprias destes sujeitos. Contudo, é necessário compreender o currículo do ensino médio posto nas comunidades do campo, as teorias que o permeiam, os objetivos e as concepções atreladas a este currículo.

No próximo capitulo deste trabalho discutimos aspectos do currículo do ensino médio, apresentando o Ensino Médio na modalidade modular, praticado na maioria das comunidades do campo, trazendo alguns elementos acerca do Sistema de Organização Modular de Ensino. Faremos recorte a partir da Vila São Raimundo do Araguaia, município de Brejo Grande do Araguaia, na Escola Estadual de Ensino Médio José Martins Ferreira.

Apresentamos o histórico da vila e da escola, compreendendo a constituição de ambos os espaços a partir de dados e informações coletadas. Abordaremos nos tópicos seguintes a constituição da escola de ensino articulada articulando com os dados e informações coletadas na 4ª Unidade de Ensino de Marabá, problematizando o currículo da escola, suas problemáticas e possibilidades. Mobilizamos o debate sobre currículo com Silva (2006) e Arroyo (2011), bem como Freire (1987) na discussão sobre educação.

# CAPÍTULO 3: APROXIMAÇÃO COM AS TURMAS DO 1º AO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA JOSÉ MARTINS FERREIRA

Penso que o jovem não quer dizer só porque eu sou nova, porque tem muitos novinhos que não apresenta ser um jovem. Jovem não quer dizer ser irresponsável, porque tem muitos jovens que é mais responsável do que "adultos". (Texto sobre O que é ser jovem, da estudante D. G. S turma do 2º ano de 2016 da EE José Martins Ferreira)

Neste capitulo apresentaremos resultados acerca da pesquisa realizada nas turmas de 1º a 3º ano da EE José Martins Ferreira, bem como analisaremos a experiência do estágio docência realizada na turma do 2º ano desta escola. A aproximação com as turmas do ensino médio foi uma proposta metodológica de observar para além das aulas, os jovens que estão ocupando o ensino médio de São Raimundo. Ressaltamos que sem esta observação seria impossível ter pensando um plano de trabalho que buscasse envolver os jovens, tendo-os como sujeitos principais do estágio docente, além de proporcionar um debate a partir de sua realidade, discutindo as dificuldades que enfrentam no seu cotidiano em diversas dimensões na sala de aula.

Este trabalho foi realizado de Pesquisa Socioeducacional VII - Estágio Docência IV do curso de Licenciatura em Educação do Campo, foi realizado de setembro a dezembro de 2016 na escola José Martins Ferreira. O objetivo do trabalho consistia em realizar uma atividade em caráter de pesquisa-ação educativa, interdisciplinar no ensino médio tendo como foco o tema trabalho como princípio educativo e como contexto de formação, assim como, a relação entre educação, trabalho e juventude.

Antes de iniciarmos o trabalho fizemos um planejamento prévio das atividades, buscando uma organização das ações que buscaríamos desenvolver, mas, este seria alterado conforme fossemos vivenciando o contato com as turmas e caso surgisse essa necessidade.

**Quadro 04:** Cronograma das atividades

MÊS	ATIVIDADE	
Setembro	Leitura e fichamento de textos; Construção do Plano de Intervenção.	
Outubro	Aproximação com a escola; Observação e Intervenção nas aulas.	
Novembro	Sistematização dos trabalhos; Organização de relatório e caderno de campo.	
Dezembro	Produção do vídeo e caderno de experiências.	

FONTE: Tamires Pereira Vieira (2016)

O cronograma contribuiu para podermos organizar cada ação pretendida a ser desenvolvida, visualizando o mês e o que aconteceria nele. Cabe ressaltar que este um cronograma geral das ações, o detalhamento das ações foram compondo este cronograma. Realizamos a conversa com professores e com a direção da escola apresentando a proposta do estágio.

As observações nas turmas ocorreram na primeira semana de outubro sendo em cada noite uma turma era observada, no intuito de realizar uma aproximação prévia destas, bem como analisar qual conteúdo estava sendo trabalhado em cada turma, no intuito de garantir uma articulação com a proposta do estágio sobre juventude/trabalho/escola. A partir dos dados coletados nas turmas, construímos um quadro sobre o perfil dos estudantes do 1º ao 3º ano da escola José Martins Ferreira, envolvendo características sobre a quantidade de estudantes, idade, sexo, quantos moram na comunidade e quantos estudantes utilizam o transporte escolar.

**Quadro 05:** Perfil dos estudantes do 1º ao 3º ano do ensino médio da Escola José Martins Ferreira

Turma	Quant. estudantes	Idade	Sexo		Moradores da comunidade	Utilizam o transporte
			Feminino	Masculino		escolar
1º Ano	25	De 15 a 20 anos (2 estudantes com idades de 35 a 40 anos)	15	10	19	06
2º Ano	10	De 16 a 20 anos (1 estudante com mais de 35 anos)	04	06	08	02
3º Ano	12	De 20 a 35 anos	09	03	12	00

Fonte: Tamires Pereira Vieira, 2016

A turma do 1º ano do ensino médio é composta de 25 estudantes, com idade de 15 a 20 anos, em destaque 2 estudantes com mais de 35 anos. Esta turma, é formada por uma grande maioria de jovens recém saídos do ensino fundamental. Por ser uma turma que está chegando no ensino médio, possuíam grandes dificuldades de relacionar-se com os conteúdos, no qual não haviam vistos no ensino fundamental. Estranhavam a metodologia das aulas, que era sempre quadro, pincel e livro. Reclamavam da merenda escolar, dos professores, da estrutura da escola como um todo.

Avaliando a turma um pouco mais, percebemos que as críticas tecidas pelos jovens estudantes, eram caracterizadas pela estranheza de um lugar novo, ou seja, era como se estes jovens estivessem entrando na escola pela primeira vez. As dificuldades, as problemáticas que eles enfrentavam no ensino fundamental, ao chegar ao ensino médio se perpetuavam, ou, eram caracterizadas por outras dificuldades. Estas dificuldades, articuladas a outras tendem a ser decisivas na permanecia no ensino médio.

Observando as turmas de 2º e 3º ano perceberemos uma queda brutal no numero de estudantes, se comparados com o 1º ano. Esta queda é provocada por inúmeros fatores, tais

como, os jovens que assumem a maioridade quando estão no ensino médio, levando-os a assumirem outras responsabilidades, principalmente no meio familiar. Alguns jovens tendem a buscar trabalho ao assumirem a maioridade dos jovens. Entretanto, grande maioria já realizara ou realiza bicos, que contribui na renda própria ou da família.

Nesta perspectiva, grande parte dos jovens entram na maioridade quando estão cursando as turmas do 2º e 3º ano, deparando-se com inúmeras dificuldades em permanecer estudando, a tendência é que interrompam os estudos. Ocorre um efeito funil, caracterizado pela diminuição gradativa do número dos estudantes nos anos finais do ensino médio. Seguindo nesta análise, outro dado a ser destacado é a defasagem idade/série com os estudantes que chegam no ensino médio.

Comparando a média de idade em que encontramos os estudantes do ensino médio, é visível que estão em grande defasagem idade/série. Por exemplo, se os estudantes ingressam aos 7 anos no ensino fundamental<sup>18</sup>, logo chegariam ao ensino médio aos 15 anos de idade. Percebemos o inverso, pois logo no 1º ano temos estudantes com até 20 anos. Nas turmas do 2º e 3º ano este dado é ainda mais significativo, pois encontramos estudantes com mais de 20 anos.

Neste sentido, identificamos situações de violação nos direitos dos estudantes de cursar o ensino médio ou mesmo a educação básica na idade certa. Encontraremos no ensino médio turmas de jovens e adultos, que raramente serão problematizadas, por terem essas diversidades de situações numa turma. Duas questões merecem destaque nesta analise: i) o ensino médio como a modalidade final da educação básica, ainda enfrenta desafios na sua universalização no sentido de não chegar a todos os estudantes, que enfrentam inúmeras dificuldades no acesso e na permanecia deste; ii) os sujeitos do campo que chegam ao ensino médio, são outros, pois não podem ser caracterizados por uma unidade, tendo em vista que na própria constituição de uma turma vimos identidades diversas.

A necessidade de refletir sobre a escola do ensino médio, bem como sua identidade e objetivos se faz urgente, refletindo sobre os jovens que estão chegando ao ensino médio. É necessário para superar as dúvidas em torno dessa modalidade, que historicamente não foi construída para os filhos das classes de trabalhadores. A medida em se discute o ensino médio, provoca-nos o debate sobre os jovens, os sujeitos que estão chegando ao ensino médio.

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> Considerando o ensino fundamental tinha 8 anos.

Nesta perspectiva, é necessário ressignificar o ensino médio, compreendendo-o a partir dos outros sujeitos que estão chegando. Implica em reconhecê-los como fundamentais para a construção de um currículo do ensino médio baseado nas vivencias e tensões enfrentadas por tais sujeitos, tal como afirma Arroyo (2014, p. 62). Portanto, na medida em que os outros vão adentrando o ensino médio, a escola passa por transformação, o currículo se altera (ou deveria se alterar), os docentes são outros e a pressão que estes outros provocam no Estado é tensa. Nesse contexto sociopolítico, é pensada a educação pública, sobretudo, e os currículos destinados aos jovens populares, trabalhadores ativos ou futuros.

Outra questão observada é o número maior de meninas nas turmas comparado ao número de meninos. As meninas somam 28 e os meninos 19 somando pouco mais da metade ao número de meninas. A realidade de ter mais meninas estudando é expressiva nas escolas, acarretado pelo fator das migrações principalmente das meninas para a cidade, e da masculinização do campo, com a permanência dos jovens nas localidades. Esse fenômeno também tem sido observado em outras localidades do país.

Tomando a migração como um aspecto importante de compreensão da juventude e sua permanência ou saída da escola, Stropassolas (2006, p. 172) realizou uma pesquisa com jovens de um assentamento no Rio Grande do Sul. O autor afirma que a migração de jovens aparece com um símbolo e expressão de redefinições e questionamentos no espaço rural e na agricultura familiar. Continuando sua ideia, cita Carneiro (1988, p. 14) no qual afirma que "a migração dos jovens para a cidade, temporária ou definitivamente, expõe a juventude ao contato com um sistema variado de valores que podem ser absorvidos ou rejeitados, atuando tanto no sentido de reforçar os laços identitários com a cultura original, quanto no sentido de negá-los".

Observamos que a migração é uma característica fundamental para compreender o universo juvenil e suas problemáticas, pois implica em compreender a própria condição de jovem do campo, bem como toda a estrutura em que se organiza a unidade familiar e o campesinato. Nesta perspectiva, nas divisões de tarefas na unidade familiar, a tendência dos meninos assumirem as tarefas fora de casa, ou seja, contribuir com o pai na roça será um aspecto presente na realidade dos meninos do campo. As meninas realizarão trabalhos em casa como cuidar da casa e dos irmãos mais novos, levar comida ao pai e aos irmãos no campo, alimentar as criações, tendo o estudo como uma alternativa de sair do campo.

Teremos no campo uma permanência dos meninos, que tendem casar-se muito cedo e logo constituir família. Esta masculinização no campo é evidenciada no sul do país em que o fator da migração contribuirá, para esta nova composição do campo, porem pouco se tem

discutido ou produzido sobre este fator alarmante, como afirma Stropassolas (2006, p 173) citando Abramovay, (1997, p. 32-33): "o caráter seletivo dos processos migratórios recentes nas regiões de predomínio de agricultura familiar no sul do Brasil, e que tem resultado na masculinização acelerada no meio rural não foi estudado e tem sido pouco citado nos estudos especializados".

No entanto, não podemos generalizar a afirmação feita pelo autor que retrata a realidade dos jovens do Sul do país. Neste sentido, o aspecto da masculinização não pode criar tendências em afirmar que em todas as regiões serão dessa forma, mesmo que possua alguns aspectos em comuns. Alem disso, Cabe ressaltar que o número expressivo de meninas do que o número de meninos não pode criar uma generalização em compreender a juventude do ensino médio, contudo aponta para características comuns que não podem deixar de ser evidenciadas.

Outra questão que merece ser analisada é a quantidade de jovens residentes na comunidade e os que não residem. Somam 39 estudantes os moradores da comunidade, sendo que 8 utilizam o transporte escolar, ou seja, não moram na vila, pois o transporte escolar é utilizado somente por estudantes que residem nas vicinais e no assentamento próximo a comunidade, estes percorrem diariamente uma distância de aproximadamente 10 km. Apesar disso, avaliam como importante a oferta do ensino na localidade.

As dificuldades de chegarem até a escola e permanecerem estudando são presentes no cotidiano destes jovens, pois já realizam dentro e fora da família trabalhos que lhes ocupam o dia todo. Chegam na escola extremamente cansados o que dificulta a aprendizagem, comprometendo a participação nas aulas bem como na realização dos trabalhos, pois na maioria das vezes os realizam sozinhos. A insistência em permanecer estudando, parte de uma crença em que a escola, garantirá melhoria de vida, seja na garantia do acesso ao mercado de trabalho ou na continuação dos estudos no ensino superior.

Além disso, a escola cumprirá outros papéis, como os de manter os estudantes em sua custódia, demanda essa apontada pelos pais como uma tarefa da escola, como perceberemos na afirmação Krawczyk (2016, p. 91) que questiona esta tarefa, propondo que espaço escola reconheça os estudantes como sujeitos de direitos:

A escola aparece não somente como caminho para ampliar a possibilidade de inserção no mercado de trabalho, mas também com a função de custódia e contenção dos jovens, dando suporte à família nessa missão. Mas deve-se reconhecer a complexidade da condição juvenil hoje e questionar a escolaridade como um espaço para disciplinar os jovens no lugar de reconhecê-los como sujeitos de direitos: direito de expressão e de participação, direito a uma educação de qualidade, direito a um trabalho adequado, entre outros.

Percebemos que o perfil dos estudantes analisados não será homogêneo, mesmo tendo características comuns, tais como a idade. Os sonhos, os desafios, as perspectivas dos jovens não podem ser reduzidas somente ao fator idade, mas, contribuem em uma análise complexa sobre os jovens. Neste sentido, a pesquisa realizada no estado do Pará sobre os jovens do ensino médio por Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 1076) aponta para tendência dos jovens mais novos buscarem o ingresso no ensino superior: "A grande maioria dos jovens que almejava ingressar no ensino superior assim que finalizasse o ensino médio, tinha como perfil serem mais novos, sem maiores defasagens idade/série; frequentavam o curso diurno e não se encontravam inseridos no mercado de trabalho".

Seguindo ainda na afirmação de Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 1076), aos jovens mais velhos ou com idade mais avançada, tenderão a entrar no mercado de trabalho ou de seguir realizando cursos técnicos:

Outros jovens demonstravam interesses de fazerem um curso superior, entretanto que este viabiliza-se sua estabilidade através do curso técnico, um emprego mais estável ou através da realização do concurso publico. O perfil desses jovens se diferencia do grupo anterior, caracterizando-se com jovens de idade mais avançada, frequentando o curso diurno, com as mais variadas experiências no mercado de trabalho, principalmente trabalhos temporários, bicos ou no setor de serviços, alguns já possuem filhos e já são casados.

As afirmações feitas pelos autores reforçam o que já havíamos discutido anteriormente, no qual as juventudes além de não possuir identidades únicas, também não possuirão interesses iguais, ou seja, a heterogeneidade da juventude também estará presente no ensino médio. Neste sentido, a construção do ensino médio deverá partir da não negação desses novos sujeitos que estão chegando, com suas características individuais e coletivas, bem como, com a intrínseca relação com a realidade em que vivem. Em se tratando dos jovens do campo se faz necessário compreender os processos de exclusão, migração, falta de direitos que os levam a interromper os estudos várias vezes.

Tentar continuar estudando para os jovens do campo se constrói como uma das alternativas de melhoria de vida, o que dificilmente acontece, pois, depositar estas esperanças na escola sem perceber que o problema é uma negação do Estado ao direito a educação, faz perpetuar-se esta crença de que a escola garantirá uma ascensão social. Esta ideologia criada retira do Estado o dever de assumir seu compromisso na oferta e garantia do ingresso e permanência dos estudantes a educação, depositando na escola toda esta responsabilidade.

A seguir abordamos sobre a realização do estágio docência junto a turma do 2º ano do ensino médio.

## 3.1 A EXPERIÊNCIA DA PESQUISA E ESTAGIO DOCÊNCIA NA EE JOSÉ MARTINS FERREIRA

Neste tópico apresentaremos como ocorreu a pesquisa socioeducacional VII - Estágio Docência IV do curso de Licenciatura em Educação do Campo, UNIFESSPA – Marabá- PA realizado na turma de jovens estudantes do 2º ano, período noturno na Escola Estadual de Ensino Médio José Martins Ferreira, localizada na vila São Raimundo do Araguaia, município de Brejo Grande do Araguaia – PA. Apresentaremos como ocorreu o trabalho na turma compreendendo a relação da juventude-trabalho-escola.

Nosso foco será em analisar qual o perfil de jovem que temos no ensino médio, bem como, qual o perfil de jovem que sai formado do ensino médio. Vale reforçar que foi a partir deste trabalho a nossa inquietação em discutir sobre juventude e ensino médio. Optamos por analisar a característica do trabalho na vida do jovem, entendendo-o como princípio educativo para formação humana, neste caso a vida do jovem. O trabalho como parte do ser humano, por estar imbricado a sua reprodução na sociedade, neste caso envolve as relações sociais e as lutas entre ambas.

Na discussão sobre juventude e trabalho utilizaremos Alentejano (2012), Frigotto e Ciavatta. (2012). Mobilizaremos sobre a discussão juventude, trabalho e escola Jeolás e Lima (2002). No debate sobre juventude utilizaremos Dayrell, Carrano e Reis (2011) e Dayrell, Carrano e Maia (2014), na discussão sobre juventude do Campo utilizaremos Stropassolas (2006), Rocha e Leão (2015), Castro (2012), Freire (1996).

O estágio do curso de Licenciatura em Educação do Campo constitui-se na vivência e exercício profissional da docência na área de conhecimento escolhida pelos estudantes, sob orientação e acompanhamento de professores e supervisão da parte concedente articulada ao planejamento das instituições de ensino" (UNIFESSPA, 2014, p. 37).

Articulada ao estágio, a pesquisa cumpre papel central de coleta de dados e informações sobre a realidade socioeducacional, bem como de analise destes a partir das propostas de estágio de observação e docência, propondo aos estudantes a posição de professor pesquisador desde a primeira etapa do curso. Assim o curso propõe pensar a escola que a ainda não existe, mas que se constrói com muitas mãos, assim como um plantar e colher no campo, como afirma Caldart (2010, p. 134):

A tarefa social posta ao curso é a de preparação de educadores para uma escola que ainda não existe, no duplo sentido, de que ainda precisa ser conquistada e ampliada quantitativamente no campo, e de que se trata de construir uma nova referência de escola para as famílias e comunidades cuja organização da vida acontece em torno dos processos de trabalho/produção camponesa.

Nesta perspectiva a realização a articulação da pesquisa e o estágio permitiu-nos a inserção na vila São Raimundo do Araguaia a partir de um olhar mais cautelosa sobre o dia-a-dia da comunidade, compreendo a história da comunidade como a história de muitos sujeitos migrantes para esta região em busca de melhoria de vida, ou impulsionado pelo garimpo de Itamerim bem como a influência dos Grandes projetos de desenvolvimento para Amazônia.

Propiciou-nos conhecer as relações de moradores antigos da vila com a moradores da ilha de São Vicente decentes de quilombolas que a bastante tempo habitam esta região. Tais relações nos fizeram perceber a cultura da comunidade como algo valioso e amplo, sendo esta cultura exemplificada a partir de práticas de religiosidade, na economia local, na organização do espaço, permitindo-nos construir uma sensibilidade em afastar-se o nosso olhar comum da comunidade para compreende-la.

Neste sentido, a experiência provocada pela pesquisa/estagio despertar um olhar atento no pesquisador, percebendo a sua realidade como um campo de pesquisa riquíssimo principalmente porque esta imersa nela. Portanto, Larrosa (2002, p. 27) descreve a experiência como algo único na vida de cada pessoa, não podendo essa transferir a experiência a outras, pois cada um viverá a experiência com intensidades diferentes, de maneiras diferentes: "O saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência do outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria".

O estágio docência IV tinha como objetivo realizar uma atividade em caráter de pesquisa-ação educativa, interdisciplinar no ensino médio tendo como foco o tema trabalho como princípio educativo e como contexto de formação, assim como, a relação entre educação, trabalho e juventude, buscando uma intervenção nas aulas a partir dos princípios da Educação do Campo. Nossa metodologia foi organizada durante os meses de setembro a dezembro de 2016 evolvendo planejamento das ações, observação nas turmas de ensino médio, conversa com os professores, intervenção nas turmas, socialização das atividades.

Utilizaremos os trabalhos realizados com os estudantes durante o estágio, bem como o questionário feito aos estudantes posterior a pesquisa, no sentido de complementar nossas análises. Mobilizamos Dayrell, Carrano e Maia (2014), Freire (1987 e 1996) e Leão, Dayrell e Reis (2011) para o debate sobre educação, ensino médio, juventude, compreendendo que nossa analise, não partirá de uma homogeneização da juventude e de suas características, ao contrário, buscaremos evidenciar as características comuns e especificas entre estes jovens estudantes, sempre relacionando com o contexto em que este jovem está inserido.

A coleta de dados para a realização da pesquisa/estágio ocorreu a partir de uma pesquisa nas turmas do 1°, 2° e 3° ano, buscando conhecer as turmas observando em qual delas poderíamos realizar o trabalho. Em seguida a opção por escolher a turma do 2° ano partiu de uma convergência de ideias, onde pudemos articular nossa proposta de estágio de intervenção com os conteúdos propostos a disciplina de Sociologia.

Desta forma, realizamos trabalho de debates, produção textual, exposição dos textos, pesquisa na comunidade, sistematização em forma de cartazes com poesias e desenhos sobre o cotidiano dos jovens e a presença do trabalho no dia-a-dia.

Martisn Ferreira

The state of the state of

Imagem 6: Estudantes da turma do 2º da EE José

Fonte: Tamires Pereira Vieira, 2016

Após realizarmos a observação nas turmas do ensino médio, fizemos uma conversa com os professores das disciplinas de História, Filosofia e Sociologia que estavam sendo ofertadas naquele período de setembro até novembro. Percebemos que o conteúdo trabalhado pela professora de Sociologia se articularia bem a proposta do estágio em discutir juventude/trabalho/escola. Acordamos com a professora de Sociologia de iniciar a intervenção na turma no início de outubro, dando tempo para finalizar o conteúdo já iniciado, bem como trabalharíamos na formulação do plano de aula.

Nossa proposta se deu em realizar um trabalho de intervenção nas aulas a partir do debate sobre o que é ser jovem. Debater em sala de aula sobre esta temática relacionando com o conteúdo previsto para turma sobre Desigualdade Social, encerrando com a discussão sobre Trabalho como princípio educativo. Organizamos em quadro as datas das aulas, os temas de cada uma, metodologia e o que utilizaríamos de material para cada aula, como veremos no quadro 3 sobre o Cronograma das aulas para a turma do 2º ano da escola José Martins Ferreira. Cabe ressaltar, que este cronograma das aulas, foi se alterando conforme fomos

vivenciando as experiências em sala de aula com a turma, principalmente por conta do tempo que era pouco para poder trabalhar detalhadamente os debates sobre Juventude e Trabalho.

Aproximação com a turma ocorreu de forma simples, devido já termos realizado trabalhos anteriores com os estudantes em outros períodos, assim como, ter uma relação de amizade estabelecida com os jovens. Estes elementos foram fundamentais para os estudantes contribuir e construir juntos conosco este trabalho de intervenção.

Quadro 07: Cronograma das aulas para a turma do 2º ano da escola José Martins Ferreira

DATA	TEMA	METODOLOGIA	RECURSOS	
10/10/2016	Apresentando o estagio; O que é ser jovem?	Aula expositiva	Quadro, giz, caderno, caneta	
11/10/2016	11/10/2016 Apresentando produção textual		Quadro, giz,	
12 a 14/10/2016	Re-	Cirio (Dias Facultativos)		
17/10/2016	Finalização da apresentação dos textos e debate	Aula expositiva	Quadro, giz, debates	
18/10/2016	Sistematização do debate: Produção Textual	Aula expositiva	Musica, quadro, giz	
19/10/2016	Debate conceitual sobre juventude	Aula expositiva	Data show, notebook,	
24/10/2016	Inicio do conteúdo do livro didático: Desigualdade social	Aula expositiva	Livro didático, quadro, giz	
25/10/2016	Continuando o assunto	Aula expositiva	Livro, quadro, giz, caderno	
26/10/2016	As desigualdades no Brasil nos últimos 30 anos	Aula expositiva	Livro, giz, quadro	
27/10/2016	Vídeo: Mercado de trabalho	Aula expositiva	Data show, notebook,	
28 a 31/10/2016	Feriado Servidor	Publico e Pagamento dos Pro	fessores	
03/11/2016	Vídeo Vida Maria/ entendendo o que é o Trabalho	Aula Expositiva	Data show, notebook, quadro e giz	
04/11/2016	Continuação da aula /Produção textual	Aula expositiva	Quadro, giz	
07/11/2016	Encaminhando a pesquisa: apresentação do roteiro	Aula expositiva	Quadro, giz, caderno, folhas A4	
08/11/2016		PROVA SISPAE		
09/11/2016	Sistematização da pesquisa	Aula expositiva	Caderno, cartolina, lápis de cor	
10/11/2016	Organização das apresentações e finalização da sistematização	Aula expositiva	cartolina, lápis de cor, quadro e giz	
11/11/2016	Socialização dos trabalhos			

Fonte: Tamires Pereira Vieira, 2016

Percebemos no quadro 3 que grande parte das aulas ocorreu de forma expositiva, ou seja, utilizávamos muito o quadro e o giz, bem como o livro didático para as aulas. As aulas com materiais diferentes tais como data show, notebook, foram materiais emprestados pela escola de ensino fundamental, pois a escola de ensino médio não possuía se quer os livros didáticos. A escola era pobre em materiais simples tais como papel A4, canetas, impressora.

Todos os materiais que utilizamos, bem como, todos os materiais que os professores utilizam são mantidos por conta própria.

Em entrevista cedida por um ex-professor da rede estadual do ensino médio, que atuou mais de 7 anos na modalidade do Sistema Modular Organizacional de Ensino (SOME), afirma que esta realidade é presente em quase todas as escolas, reafirmando a falta de materiais essenciais para os professores:

De uma maneira geral o que eu percebi são escolas precárias, a infraestrutura muito ruim. Na maioria das vezes nem quadro pra escrever não tinha, giz e livro. Tudo que o professor precisava ele teria que comprar, no meu caso na maioria das vezes eu tive que comprar giz, livro didático eu tive que buscar nas escolas recolher aqueles sucateados que os diretores não queriam mais pra poder utilizar com os alunos nas comunidades, porque eles não dispõe de nenhum material didático [...] A gente tinha que trabalhar apenas com o livro e oralmente desenvolvendo outras atividades, se eu quisesse trabalhar com material didático eu tinha que peregrinar nas escolas do estado. (Professor 1, entrevista concedida em janeiro de 2018).

A construção da metodologia diferenciada se torna ainda mais complexa com a falta desses materiais para as aulas, afetando diretamente os estudantes que não são estimulados a estudar ou a prestar atenção nas aulas, pois tendem a ser monótonas e cansativas. Isso causa um desgaste também no professor que tem que buscar alternativas próprias para poder dar sua aula.

Nesta perspectiva, tentamos construir aulas diferenciadas utilizando ainda que com certa dificuldade materiais multimídias, além de pincéis, cartolinas, tendo em vista que nossa proposta era dar os materiais e não cobrar aos estudantes. Conseguimos construir textos sobre o que é ser jovem, no qual expressam as ideias dos estudantes sobre este conceito, ideias diversas e não homogêneas sobre o ser jovem, como identificamos no texto do estudante:

Podemos perceber que ser jovem não é simplesmente ser divertido, alegre, mas também ter a capacidade de respeitar a todos sem preconceitos. O jovem tem que ter suas próprias ideias positivas e negativas, no mundo a uma diversidade de jovens, mas atualmente a realidade é que o jovem é visto com outros olhares pela sociedade (Estudante V. S. B. sexo masculino, outubro de 2016).

O texto dos estudantes nos leva a retomar a discussão já proposta neste trabalho acerca de repensar o conceito de juventude como diverso, desconstruindo o senso comum estabelecido na sociedade de que a juventude é um problema e não assume responsabilidades. Nesse sentido, afirma a estudante: "Penso que ser jovem não quer dizer só porque sou nova, porque tem muitos novinhos que não apresenta ser jovem. Jovem não quer dizer ser irresponsável, porque tem muitos jovens que é mais responsável do que "adultos" (Estudante D. G. sexo feminino, outubro de 2016).

Os textos dos jovens expressam a necessidade intrínseca de serem ouvidos, do direito de se afirmar quem são, desconstruindo construções históricas feita sobre eles. A necessidade

de se discutir sobre o conceito de juventude se faz urgente, principalmente nas escolas, local que dificilmente os professores reconhecem os estudantes como sujeitos, pois os veem apenas como alunos desprovidos de uma realidade repleta de problemas e de situações que os desafiam todos os dias.

Neste sentido, concordamos com Dayrrel e Carrano (2016, p. 103) quando afirmam ser extremamente importante reconhecer os estudantes, como sujeitos com singularidades e pluralidades no espaço escolar: "Nesse sentido, buscar esta aproximação da escola com seus estudantes, implica em um primeiro momento reconhecê-los como sujeitos. Não são simplesmente alunos, estudantes, mas sujeitos com suas vidas particulares e problemas que desafiam todos os dias a escola a se aproximar deles".

A continuação do debate sobre juventude se deu a partir da apresentação de alguns autores que discutem sobre juventude tais como Jeolás e Lima (2002), além de Castro (2005), Leão, Dayrel e Reis (2009) demonstrando aos estudantes que o conceito de juventude vem crescendo no seu debate, no qual os textos produzidos por eles possuem um sentido importante e riquíssimo a discussão. Os jovens estudantes ficaram entusiasmados com as contribuições dos autores, curiosos para saber mais sobre as produções realizadas por eles.

Articulamos o debate sobre juventude sintetizada nas produções textuais com o conteúdo proposto, ou seja, discutindo a desigualdade social construindo relação com as desigualdades enfrentadas pela juventude do campo e da cidade, pobre, negra, sem trabalho. Utilizamos como metodologia o livro didático, trazendo outros elementos para as aulas tais como músicas, documentários no sentido de esclarecer discussões realizadas com os estudantes.

Ao longo das aulas percebemos que os debates realizados com os estudantes, conseguiram ser expressos nos textos produzidos por eles, evidente no fragmento retirado do texto da estudante que discute sobre desigualdade social e a luta de gênero:

A luta pelos direitos das mulheres negras, no mundo contemporâneo representa, em certa medida, uma continuidade das lutas históricas do movimento feminista do passado. A constituição das mulheres negras como sujeito está diretamente vinculada a abertura de novos espaços políticos e a libertação do tempo como ação transformadora (Estudante C. dos S. S. sexo feminino, outubro de 2016).

No debate sobre o tema Trabalho tentamos reunir sobre o que havíamos discutido sobre juventude, analisado sobre as desigualdades sociais e construir um trabalho final que apresentasse a relação entre os jovens do 2º ano e o trabalho como princípio educativo. Ressaltamos que estamos partindo do trabalho como princípio educativo, pois é a partir dele que o ser humano vincula-se a natureza, transformando-a para sua própria reprodução. Neste

sentido, concordamos com Frigotto e Ciavatta (2012, p. 02) ao afirmarem o sentido formativo e educativo do trabalho:

O trabalho como princípio educativo vincula-se, então, à própria forma de ser dos seres humanos. Somos parte da natureza e dependemos dela para reproduzir a nossa vida. E é pela ação vital do trabalho que os seres humanos transformam a natureza em meios de vida. Se essa é uma condição imperativa, socializar o princípio do trabalho como produtor de valores de uso, para manter e reproduzir a vida, é crucial e "educativo".

A socialização dos trabalhos ocorreu na turma, no qual os estudantes apresentaram em forma de cartazes, desenhos sobre seu cotidiano e o trabalho presente nele. Em forma de poesia expressaram como o trabalho se apresenta em seu cotidiano, e as várias dimensões que representa o trabalho, principalmente o trabalho como aspecto econômico essencial para a sobrevivência da família, como descrevem os estudantes em sua poesia: "Eu e meu parceiro sempre junto trabalhando. Junta coco todo dia para o caminhão carregar. Isso é minha profissão, não tenho vergonha de falar" (O. M. O e S. M. C ambos do sexo masculino, texto produzido em outubro de 2016).

Para jovens do campo o trabalho será um aspecto fundamental relacionado a família, pois logo cedo serão socializados através do trabalho e vivenciarão desde cedo experiências formativas acerca deste. Contudo, ocorre uma apropriação do trabalho pelo capitalismo transformando em degradante ao ser humano. Entretanto, ainda que degradante o trabalho na sua essência não perde seu princípio educativo e socializador, tal como afirma Frigotto e Ciavatta (2012, p. 02): "É dentro desta perspectiva que Marx sinaliza a dimensão educativa do trabalho, mesmo quando o trabalho se dá sob a negatividade das relações de classe existentes no capitalismo. A própria forma de trabalho capitalista não é natural, mas produzida pelos seres humanos. A luta histórica é para superá-la".



Imagem 7: Socialização dos trabalhos dos estudantes do 2º ano da EE José Martins Ferreira

Fonte: Tamires Pereira Vieira, 2016

Neste sentido, concordando com os autores é necessário compreender o trabalho como parte do ser humano, no qual o capitalismo se apropria deste interferindo bruscamente nesta constituição. Contudo, será pelo trabalho que superaremos essa separação do homem e o trabalho. Os trabalhos dos estudantes evidenciaram que o trabalho está presente no cotidiano destes jovens desde cedo. No tópico seguinte construiremos o perfil dos estudantes a partir da idade, sexo, estado civil, fazendo link com estas questões como o trabalho, a educação, o ensino médio e outras.

A partir desse planejamento organizamos as aulas com a turma escolhida para a realização do estágio docência de intervenção. Vale resaltar que o estágio foi realizado a turma do 2º ano da escola estadual José Martins Ferreira, uma escola que oferta o ensino médio na modalidade modular no período noturno. A escolha dessa turma partiu de uma articulação dos conteúdos da disciplina de sociologia que estavam sendo ofertados com a turma com a proposta do estágio.

Para construir um debate inicial sobre juventude, partimos de uma chuva de ideias no qual os estudantes respondiam a pergunta "O que é ser jovem?". A partir das respostas fomos organizando em palavras chaves um quadro que apontavam as características positivas e negativas sobre os jovens. Alguns estudantes partilharam experiências ocorridas com eles ou com os amigos, tentando justificar suas respostas. Entretanto, alguns estudantes sempre apontavam para a perspectiva negativa de dizer que o jovem é baderneiro, bagunceiro, sem futuro.

Solicitamos que a partir das palavras chaves destacadas eles organizassem em forma de texto, o que é ser jovem. Propomos que os textos fossem apresentados nas aulas seguintes

para realizarmos um debate acerca do que se tinha produzido. Entretanto, alguns estudantes nas aulas seguintes tiveram vergonha de apresentar o texto ou de ler na frente dos colegas. Ficou optativo para quem gostaria de ler seu trabalho e partilhar com a turma suas ideias.

Percebemos a partir dos textos dos estudantes algumas dificuldades na ortografia e na organização das ideias, bem como, certa vergonha e medo em falar sua opinião sobre o que é ser jovem. Nesta perspectiva, optamos em realizar nas aulas seguintes trabalhos de produção textual e socialização na turma. Tentamos corrigir alguns trabalhos com os estudantes, buscando refazê-los, mas, não conseguimos realizar esta atividade devido pouco tempo nas aulas e a pressão da professora de sociologia em trabalhar com o conteúdo do livro didático.

Segundo Arroyo (2011, p 26): "A própria mística da docência como ideal profissional entra em crise quando nosso foco na sala de aula esta em passar a matéria ou a educação. A identidade educadora disputa com a identidade docente em tempo completo." Não estamos criticando a atitude da professora em cobrar o conteúdo, mas, afirmamos que além da matéria é necessário transparecer a importância daquele conteúdo para a vida do estudante, fazê-lo ter sentido.

Buscamos realizar nas aulas seguintes sobre o debate do conteúdo da desigualdade social uma articulação sobre o que é ser jovem. Utilizamos a produção textual como uma metodologia que despertava nos estudantes o exercício em escrever, falando sua opinião sobre as diversas formas de desigualdade social existem em nosso país. Fizemos alguns recortes sobre o tema da desigualdade social, buscando compreender a desigualdades de gênero, cor, renda dentre outras perspectivas.

Sobre a desigualdade de gênero a estudantes reforçam as lutas das mulheres negras contra as formas opressoras de desigualdade sobre elas, fazendo referência ao movimento feministas, bem como afirma: "A luta pelos direitos das mulheres negras, no mundo contemporâneo representa em certa medida, uma continuidade das lutas históricas do movimento feminista do passado" (Estudante C. S. S, texto produzido em outubro de 2016)

Notamos a importância de se discutir tais conteúdos em sala de aula, problematizandoos com o cotidiano em que estamos inseridos. Utilizamos vídeos, músicas, desenhos, para demonstrar que a desigualdade acontece em nossa comunidade, ocorre com os jovens.

O conteúdo passou a ter um sentido importante nas aulas, pois os jovens passaram a se enxergar de alguma forma nele. Segundo Arroyo (2011, p. 119): "Quando os currículos são pobres em experiências sociais seus conhecimentos se tornam pobres em significados sociais, políticos, econômicos e culturais para a sociedade". A riqueza do conteúdo está em trazer vida a ele, ter sentido naquilo que se quer ensinar e aprender. Neste sentido, como

encaminhamento para o trabalho final trabalhamos sobre o sentido do trabalho na vida dos jovens.

Sentimos algumas dificuldades em trabalhar com esse conceito sobre o trabalho no sentido formativo e educativo, como parte ontológica do ser humano. Nossa proposta era discutir sobre as diversas dimensões do trabalho na vida dos jovens até chegar ao trabalho como princípio educativo.

No entanto devido ao tempo tivemos que fazer recortes grandes sobre o conteúdo trabalhado, no qual interferiu na pesquisa que propomos aos estudantes. Os estudantes, por não conhecerem essa perspectiva do trabalho no sentido mais amplo, tiveram dificuldades em compreender essa dimensão crucial na vida do ser humano. Aprofundamos no tópico seguinte sobre a questão do trabalho, as dificuldades e as produções realizadas pelos estudantes.

Contudo, de antemão destacamos algumas questões observadas ao longo da realização do estágio. Em primeiro lugar a importância da inserção na sala de aula com os jovens do ensino, propiciando a construção da experiência enquanto docente, desde a graduação, bem como vivendo na pratica os desafios que um professor do ensino médio enfrenta. Esse contanto com os estudantes, com a sala de aula, e as dificuldades matérias em realizar o estágio, propiciou a inquietação em se aprofundar sobre a temática do currículo do ensino médio e a juventude.

Neste sentido é fundamental que a pratica educativa seja propiciada pela experiência de teórica e pratica, tendo em vista que tanto professor quanto estudantes devem estar dispostos a aprender e ensinar, no qual afirma Freire (1996, p. 23): "[...] quem se forma e reforma aos formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos [...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender"

Entretanto sentimos inúmeras dificuldade na realização desse estagio no ensino médio. Uma grande dificuldade foi conseguir realizar um planejamento articulado com a professora de Sociologia. Os professores no período do modulo ficam em residências na comunidade durante 40 a 50 dias ministrando sua disciplina. Entretanto a casa dos professores do ensino médio da vila São Raimundo do Araguaia, estava quase desabando, não tendo utensílios domésticos, banheiro de qualidade, energia.

A professora por residir na cidade de Palestina localizada próxima da vila, ministrava suas disciplinas e retornava para sua residência. Ela não sendo da localidade dificultou na construção de um planejamento coletivo articulando o que a professora iria ministrar com a proposta do estágio. Contudo, acabamos por realizar o planejamento e a execução das

atividades sozinha, mesmo com a presença dela em todas as aulas. A contribuição da professora se resumia em fazer a chamada dos estudantes, e as vezes contribuir em alguns debates.

A falta de material pedagógica foi uma das grandes dificuldades que sentimos, tendo em vista que planejamos muitas vezes utilizar notebook, cartolinas, porém, algumas vezes acabamos optando por utilizar o livro didático, bem como letras de músicas e poesias que tinha haver com o debate sobre juventude e trabalho. Percebemos que os estudantes mesmo que cansados ou fadigados de aulas anteriores, aparentavam estar mais dispostos em nossas aulas, questionavam sobre determinados assuntos, tornando a aula mais interessante e dialógica.

Segundo Freire (1996, p. 85) o professor deve estimular a curiosidade dos estudantes em querer conhecer mais, a ficar inquieto com as aulas, com os conteúdos, mesmo que a sua curiosidade tenha limites, a curiosidade deve ser estimulada, tal como afirma: "O bom clima pedagógico-democrático é o em que o educando vai aprendendo a custa de sua pratica mesma que sua curiosidade como liberdade deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício".

O professor mesmo diante das dificuldades permanentes deve buscar outra metodologia de ensino que levem os estudantes ao entusiasmo, a curiosidade permanente. Todavia, nem sempre as metodologias com materiais tecnológicos, ou artísticos funcionavam, levando-nos a utilizar rodas de conversa, ou o próprio livro nas aulas. O professor precisa estar atento as formas pedagógicas que ele vai realizando com estudantes, observando que algumas metodologias podem dar certo com uma turma e com outras não. É necessário este olhar atento que o provoque a mudar permanente sua forma de ensina e de aprender.

Nesta perspectiva, o estágio nos permitiu o contato com os jovens da escola, bem como suas experiências e problemáticas. Conhecer os estudantes a partir da sala de aula foi fundamental na construção de nossa pratica docente, bem como na desconstrução da mesma como um exercício diário. A partir do estágio podemos não somente conhecer a escola, mas viver o que os professores, estudantes, gestores e tantos outros sujeitos que estão na escola, vivem.

O saber experiência segundo Larrosa (2002, p. 26) é aquele construído a partir das relações humanas: "O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana". Podemos afirmar que a experiência é uma mistura de conhecimentos e vivências humanas, sejam coletivas ou individuais.

Ressaltamos que as experiências negativas e positivas do estágio possibilitou-nos um olhar mais sensível aos sujeitos que estão na escola. Trabalhar com os estudantes contribui para desconstruirmos o senso comum disseminado na sociedade de que os jovens são preguiçosos, desatentos, bagunceiros dentre outras características. Este rompimento com o senso comum só foi possível quando nos propomos a conhecer os jovens para além dos estudantes que estavam na sala de aula. São jovens que necessitam urgentemente ter um lugar na escola e no currículo desta.

Percebemos que os jovens conseguiram se enxergar na disciplina a partir das metodologias diferenciadas. Causou-lhes certa estranheza em perceber que sua opinião era importante nas aulas. Os conteúdos ministrados faziam relação com seu dia-a-dia, provocando-lhes certa insegurança em enxerga-se neles. Observamos que os jovens estavam dedicados na realização das atividades, mesmo na maioria das vezes chegando cansados na sala de aula, mostravam disposição.

O estágio possibilitou-nos dentre muitas coisas enxergarem qual a escola que temos, bem como qual a escola que queremos, onde irá ter no centro as relações e as pessoas que nela estão presentes. Todavia, essa prática consolidou-se devido as experiências formativas vivenciadas a partir do curso de Licenciatura em Educação do Campo, bem como se posicionar em constante aprendizagem com os estudantes, no qual Larrosa (2002, p. 25) vai chamar de sujeito ex-posto: "O sujeito da experiência é um sujeito "ex-posto". Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se expõe".

Neste sentido, compreendemos, o quão é difícil a tarefa de ser educador. Requer exercícios diários de inovação, construção e descontração de verdades absolutas, enfatizando que o educador também é um sujeito crucial na construção da educação. Entendemos que ser jovem estudante não é uma tarefa simples, mesmo que as vezes no primeiro contato isso transpareça. Ora, os exercícios de desconstrução dos papeis de educador- educando reflete na escola que também deve ser repensada, reconstruída.

No tópico seguinte analisaremos como se deu a discussão da temática do trabalho na turma do 2ª ano, ressaltando algumas categorias do trabalho como ajuda, como renda e como uma característica presente na vida desses jovens do campo.

#### 3.2 O TRABALHO E A ESCOLA NA VIDA DO JOVEM: COMO SE ARTICULAM?

Na semana de 03 a 11 de novembro de 2016 iniciamos as aulas sobre a temática trabalho, tendo como objetivo de aprofundar sobre a discussão do trabalho como principio educativo, mas compreendendo como os estudantes percebem este a dinâmica do trabalho em relação ao seu cotidiano dialogando.

Nos debates iniciais fizemos rodas de conversa para tentar identificar quais as formas de trabalho eram realizadas pelos estudantes, bem como as atividades de trabalho eram desenvolvidas dentro ou fora do núcleo familiar. Identificamos que a maioria dos estudantes, principalmente do sexo masculino já haviam realizado trabalho remunerado fora do núcleo familiar. Grande parte das estudantes não tinha contato com o trabalho remunerado, entretanto contribuíam significativamente nos trabalhos de casa.



Imagem 8: Jovem/estudante trabalhando como leiteiro

Fonte: Tamires Pereira Vieira, 2016

Neste sentido, após identificarmos as formas de trabalho, partimos para o debate teórico sobre a dimensão do trabalho, no qual independente das instancias, este é formativo. De fato, os estudantes no início não compreenderem a relação do trabalho como um espaço formativo, o que despertou imensa curiosidade em saber se de fato isso era possível.

Apresentamos o trabalho como primeira experiência formativa com a realidade, antes mesmo da escola, entendendo que pelo trabalho que se começa a traçar conhecimentos fundamentais para a reprodução do ser humano como afirma Frigotto e Ciavatta (2012, p. 04):

A aquisição da consciência se dá pelo trabalho, pela ação sobre a natureza. O trabalho, neste sentido, não é emprego, não é apenas uma forma histórica do trabalho em sociedade, ele é a atividade fundamental pela qual o ser humano se humaniza, se cria, se expande em conhecimento, se aperfeiçoa. O trabalho é a base estruturante de um novo tipo de ser, de uma nova concepção de história.

Continuamos a aula apresentando alguns autores que fazem o debate acerca do trabalho dentre eles: Engles e Marx, Alentejano (2012), Frigotto e Ciavatta (2012). Sabemos que não poderíamos nos aprofundar sobre o debate feito por estes autores acerca do trabalho.

Contudo, foi importante mostrar que outros sujeitos pesquisam sobre a temática, provocando nos estudantes em querer conhecer o que cada autor tinha produzido. Alguns estudantes relembravam de já terem estudado sobre Marx e Engles, mas em outra perspectiva.

Utilizamos Friedrich Engels para entender o importante papel do trabalho na formação humana; Karl Marx para compreender como funciona o processo de trabalho e o processo de valorização do trabalho; Frigotto e Ciavatta além de Jeolás e Lima, sobre o debate do trabalho como principio educativo na formação da juventude. Ao longo da semana fomos debatendo sobre esses autores, bem como as contribuições que apontavam sobre a perspectiva do Trabalho.

No entanto, compreender que é pelo trabalho que os sujeitos mudam a natureza e transforma a si mesmo, foi algo inovador e ao mesmo tempo curioso na visão dos estudantes, pois os fizeram enxergar-se dentro da temática. Partimos do trabalho como principio educativo afirmado por Frigotto e Ciavatta (2012, p. 02), no qual na perspectiva marxista o trabalho é o centro das relações sociais, por isso o capitalismo se construiu a partir dele e só poderá ser destruído a partir do trabalho:

O trabalho como princípio educativo vincula-se, então, à própria forma de ser dos seres humanos. Somos parte da natureza e dependemos dela para reproduzir a nossa vida. E é pela ação vital do trabalho que os seres humanos transformam a natureza em meios de vida. Se essa é uma condição imperativa, socializar o princípio do trabalho como produtor de valores de uso, para manter e reproduzir a vida, é crucial e "educativo".

Percebemos que a compreensão dos estudantes sobre o trabalho era somente na perspectiva econômica, o trabalho remunerado. Retomando o debate sobre desigualdade social, os estudantes apontam que existe uma grande diferença no mercado de trabalho, nos empregos a negros e brancos, mulheres e homens, assim como para os jovens.

Segundo os estudantes, o espaço do mercado de trabalho se constrói com sérias degradações sociais, raciais, culturais, sem propostas de uma mudança radical neste sistema, conforme descrevem nos textos a seguir:

A desigualdade social no mercado de trabalho vem acontecendo em pleno século XXI. É preciso pensar em investir nas pessoas que que tenha condições de competir com igualdade de condições no mercado de trabalho e esse trabalho não pode ser feito apensas por uma geração. Com o tempo a desigualdade social tende a aumentar. Para as famílias mais pobres, existem menos chances de obter níveis mais alto de educação. (Texto do estudante O. M. O. produzido outubro de 2016)

A desigualdade de negros e brancos esta evidente em nossa sociedade no salário que os negros recebem que são menores que os salários dos brancos, e o sistema desigual esta ainda nas poucas condições de acesso a boa condições de habitações, saúde, trabalho e cultura. (Texto do estudante S. M. C. produzido em outubro de 2016)

Neste sentido concordamos com os estudantes, pois observamos que o mercado de trabalho é reflexo do sistema capitalista excludente que foi consolidado em nossa sociedade. Uma das características principais do capital se faz pela construção de uma sociedade desigual, onde a classe trabalhadora deve servir ao capital gerando lucro aos capitalistas de maneira geral, principalmente na produção do trabalho assalariado.

Entendemos, que o trabalho se faz alienante no sistema capitalista, principalmente para classe trabalhadora, que não consegue perceber o sentido educativo, por isso formativo do trabalho, conforme afirma Frigotto e Ciavatt (2012):

O trabalho nas sociedades de classes é dominantemente alienador e que degrada e mutila a vida humana, mas ainda assim não é pura negatividade pelo fato de que nenhuma relação de exploração até o presente conseguiu anular a capacidade humana de criar e de buscar a superação da exploração. Porém o trabalho não é necessariamente educativo. Isso dependerá das condições de sua realização, dos fins a que se destina, de quem se apropria do produto do trabalho e do conhecimento que gera.

Entender o mercado de trabalho diante da sociedade excludente e individualista se torna tarefa difícil, diante dos moldes que está sendo construído o trabalho e suas relações. Entretanto, até mesmo nos espaços e momentos de maior degradação humana por meio do trabalho vivenciada pelos trabalhadores e trabalhadoras desse país, o trabalho se constrói como educativo, pois é por meio dele que ocorre a reprodução e transformação da natureza, assim como a socialização do conhecimento e do domínio das técnicas.

Neste sentido, os estudantes falam sobre a importância de se ter um trabalho, mesmo que esse não seja o trabalho dos seus sonhos, mas estar trabalhando os tornam sujeitos respeitados, pela família e demais pessoas da comunidade. Segundo Jeolás e Lima (2002), essa concepção se constrói importante, por que ter um trabalho para o jovem significa dizer este é reconhecido pela sociedade não mais como vagabundo ou preguiçoso, mas como um trabalhador, bem como pela família que lhes vê com mais maturidade e compromisso com as coisas que faz :

Além da importância e da valorização que a família e a escola atribuem aos jovens incluídos no mercado de trabalho, os jovens ressaltam o reconhecimento da sociedade ao jovem trabalhador. Estão conscientes da diferenciação existente na sociedade entre os que trabalham e os que não trabalham, evidenciando os mecanismos rígidos de aceitação social a partir do trabalho. A oposição entre trabalhador e vagabundo faz sentido no processo de auto - definição e de identificação dos jovens.

Outro aspecto apresentado pelos jovens sobre o trabalho é sua capacidade de instancia socializadora seja na família ou fora da família. Todos os estudantes, em debates em sala de aula, e em algumas entrevistas concedidas, demonstram que o trabalho para além do

instrumento de conseguir recurso e poder garantir a compra de objetos, roupas dentre outras coisas, possui a capacidade de adquirir experiência nas tarefas que realizam com seus familiares.

Neste sentido o trabalho além de função socializadora de conhecimentos, garante aos estudantes a manutenção dessa condição juvenil, pois podem ter acesso a outras informações como observamos nas entrevistas realizadas com os estudantes do 2º ano do ensino médio:

O meu dia é puxado, é cansado, cansado. Mas até que é bom fazer. É bom porque assim, da farinha a gente consegue um dinheirinho pra comprar a roupa nova, caçado, essas coisas. A gente sempre trabalha em família, quando é fora na diária eu chamo o irmão pra ir. Eu comecei a trabalhar desde meus 15 anos, ganhando dinheiro. Quando eu peguei no meu primeiro dinheiro eu incuti oh, ai eu queria ta sempre pegando em dinheiro (Entrevista com estudante H. W. S. B. concedida em novembro de 2016).

Em casa em ajudo, na limpeza da casa, e fora eu trabalho outras vezes não. Eu ajudo, limpando a casa, lavando vasilha, varrendo a casa, limpando o quintal. Eu já trabalhei muito, já roçei, já carreguei coco, mas nunca fique firme mesmo no emprego. Meu primeiro emprego, eu lembro, carregava mercadoria pro Abimael, tinha uns 8 ou 9 anos. Eu considero isso importante, porque eu fazia algo e muitos dizem que eu não fazia. (Entrevista com estudante O. M. O. concedida em novembro de 2016.)

Percebemos que nas falas dos estudantes a experiência de conseguir ou de estar trabalhando é fundamental na vida deles, pois acreditam estarem realizando algo importante para eles e sua família. Estar trabalhando para os jovens, garante afirmar que são sujeitos de conhecimento, bem como, aprendem de acordo com o contato e experiência com os outros. Neste aspecto, concordamos com Jeolás e Lima (2002, p. 44-45):

O terceiro aspecto por eles ressaltado é o do trabalho como espaço de sociabilidade que possibilita o contato com pessoas diferentes e a aquisição de conhecimentos que abrem novos caminhos. Eles afirmam que o trabalho amplia seu universo social e cultural através da aquisição de novos códigos de laços sociais e relacionamentos com diferentes pessoas, além do acúmulo de conhecimentos adquiridos com a experiência que cada ambiente de trabalho proporciona, o que pode, inclusive, favorecê-los na inserção ou permanência no mercado de trabalho.

Entretanto, sobressai o trabalho como ajuda, na visão da estudante. Contudo, destacamos que o trabalho não pode ser considerado apenas na perspectiva econômica ou remunerada. O trabalho realizado na família, nas tarefas de casa também são formas de trabalho, exigindo esforço técnico e uma base de conhecimentos mobilizadores para a produção e reprodução humana. Objetivando avançar no debate, propondo aos estudantes um trabalho individual em eles descrevessem o seu dia-a-dia e as atividades que realizavam no seu cotidiano em forma de desenhos.

A partir desse trabalho, encaminhamos a pesquisa com a turma do 2º ano, pois percebemos minimamente os estudantes que seriam entrevistados, bem como as famílias que

poderíamos visitar e realizar algumas entrevistas. A pesquisa foi encaminhada com os estudantes no dia 7 de novembro de 2016.

#### 3.2.1 A pesquisa feita pelos jovens estudantes do ensino médio na vila

A pesquisa realizada pelos estudantes pelos estudantes teve o objetivo central de realizar um trabalho que percebesse as relações que os jovens desenvolvem com o trabalho em seu cotidiano, bem como os trabalhos desenvolvidos por eles em suas famílias a partir de entrevistas.

Apresentamos o roteiro de pesquisa, no qual percebemos que os estudantes no início ficaram inseguros e com bastante dúvidas. No decorrer da aula, buscamos tirar algumas dúvidas, e inserir modificações propostas por eles, garantindo a realização da pesquisa com êxito. Os estudantes foram divididos em 4 grupos, onde cada grupo escolheu um membro seu para ser entrevistado. O sujeito entrevistado descreveria seu cotidiano, sua relação com o trabalho, quais formas de trabalho ele realiza com sua família.

Contudo, percebemos que não teríamos tempo necessário para realizar a pesquisa nas famílias dos estudantes. Neste sentido, propomos aos estudantes que cada membro do grupo informassem as atividades que realizavam no seu dia-a-dia, sistematizando através de desenhos e poesias o cotidiano dos jovens. Assim realizamos as ações no decorrer da semana sempre em coletivo, desde as entrevistas a seleção dos dados para a produção dos desenhos e poesias, até as imagens fotografadas da vila.

Marcamos para o dia 11 de novembro de 2016 a socialização das atividades na escola com a professora. Como seria o encerramento do módulo, combinamos de cada um levar algo para confraternizarmos nesta noite.

#### 3.2.2 Os resultados da pesquisa realizada pelos estudantes

A realização da pesquisa com os estudantes se consolidou em inúmeros processos. A aproximação foi um primeiro aspecto repensado diante das aulas, das observações feitas sobre os estudantes, pois além de serem bastante jovens são tímidos, principalmente as meninas, fazendo-nos repensar outros caminhos para podermos nos aproximar deles. Utilizamos diversas conversas informais com os estudantes para estarmos junto com eles, debatendo sobre diversos assuntos sobre a realidade que eles estão vivenciando.

Conversas sobre a família, relacionamento amorosos, perdas, sonhos, desafios, e tantos outros foram alguns dos temas envolvidos em nossas rodas de conversas. Percebemos

que esta aproximação com eles, contribuiu para podermos aprofundar em laços de amizades, com isso confiança. Nesta perspectiva, acreditamos que o olhar e o agir do educador deve pensar no estudante como ser humano, neste sentido de igual para igual, como afirma Freire 1989:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que "ele se ponha em seu lugar" ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

A pesquisa neste sentido fortaleceu o vínculo com os estudantes sendo utilizada como metodologia para concretizar o trabalho, além de fomentar o debate sobre a relação da juventude com as formas de trabalho que desenvolvem no seu dia-a-dia, entendendo a relação dos estudantes com o trabalho. Portanto a pesquisa abriu portas para nosso trabalho, sendo de fato um espaço de troca de experiências, conforme diz Thiollent (2002): "A pesquisa-ação é realizada em um espaço de interlocução onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação." (p. 04).

Os estudantes descrevem do quanto está difícil conseguir um trabalho, ou não estão seguros nas funções que estão inseridos, pois na maioria das vezes as pessoas querem exploralos seja porque são jovens e acreditam que pagar qualquer valor a estes jovens serve, ou porque a qualquer momento podem ser substituídas por outros jovens, conforme afirma os estudantes:

Ah hoje, principalmente depois dessa crise ninguém está seguro no serviço só aquelas pessoas, que entre aspas "tem concurso", os que não tem é difícil ficar num trabalho, porque os negócios está ficando mais difícil, eles falam que é porque o dinheiro está ficando mais difícil mais num é não. Aconteceu comigo mesmo neste último emprego, trabalhava demais e recebia de menos, tipo assim eu e meu parceiro nós éramos dois, mas com o motorista nós tínhamos que jogar o saco me cima, mas não ele falava que o serviço era só meu, e o que ele recebia era só pra ser motorista, ai o que eu fazia? Eu ficava calado, arribava o saco com meu companheiro, doía as costas, mas tinha que fazer, a gente estava sendo pago pra ganhar 40 reais, por dia. Uma injustiça. (Entrevista com estudante O. M. de O. concedida em novembro de 2016.)

Tem muitas pessoas que se aproveita né, porque o jovem não sabe muito das coisas. Eu sei que bem eu já fui explorado muito. Uma vez eu fui trabalhar na diária, aí o cara queria me pagar só 35 na diária, 35 na diária, mais mesmo assim eu trabalhei que eu não sabia como era a diária, aí quando eu cheguei em casa meu padrasto falou: Vocês trabalharam lá? Ai a gente disse: trabalhamos, pra ganha um dinheirinho. Quanto é que foi lá mesmo? nam foi 35, ele falou que era 35 a diária que pagava, peguei e trabalhei porque eu pensava que era 35. Não moço é 50 a diária. Ai da outra vez, nós chegamos nele e falamos a diária só se for 50 aí como

ele falou que ia dar a merenda e a comida, então a gente fez por 45 (Entrevista com estudante H. W. S. B. concedida em novembro de 2016).

Não estamos afirmando que não é interessante o jovem trabalhar, muito menos que é preciso aceitar qualquer trabalho que venha pela frente. Por isso mesmo, espaços como a escola, igreja, sindicatos e associações deveriam problematizar este debate, de que a juventude precisa de comida, diversão e arte.

Contudo, o que acaba acontecendo, são os jovens aceitando qualquer tipo de trabalho mesmo que este não seja o trabalho dos seus sonhos, mas que acreditam ser fundamentais para a construção de uma experiência, possibilitando conseguir um trabalho melhor futuramente, conforme diz Jeolás e Lima (2002, p. 51):

Mesmo que o trabalho apresente aspectos negativos - como: o cansaço físico e mental, a determinação do ritmo da vida, a falta de reconhecimento do patrão e de perspectivas quanto ao crescimento profissional, entre outros, - os jovens se vêem obrigados a ter que aceitar o trabalho que aparecer, mesmo sendo uma atividade da qual eles não gostam.

Finalizamos as entrevistas questionando os estudantes sobre as oportunidades de trabalho encontradas na vila, problematizando se onde eles se inserem nestes espaços, quais as ocupações cabem a eles realizar, retomando alguns debates feitos em sala durante os trabalhos:

Rapaz, pro jovem oportunidade é tipo tirar leite, catar coco, fazer carvão, amansar animal, roçar juqira, isso tudo. Pescar. Eu penso em sair pra estudar fora, porque aqui não é muito fácil as coisas, pra estudar, pra conseguir um futuro melhor. Acho que a gente saindo assim, a gente consegue um futuro melhor. Aqui no São Raimundo pode ver, aqui mal tem o modular. Modular nosso quando tem turma não tem professor né, não é como o regular. (Entrevista com estudante H. W. S. B. concedida em novembro de 2016)

Aqui? Vixe agora me pegou (risos) aqui é apanhar coco, roçar juquira ou então de ajudante de pedreiro, aqui tem quando acha né. (Entrevista com estudante C. Santos S. concedida em novembro de 2016)

Nesta perspectiva, ousamos afirmar que precisamos avançar no debate sobre trabalho e juventude para dentro e fora dos muros da escola. Este movimento de recriar e reinventar a escola deve ter como ponto de partida a escola que temos, para assim construir a escola que queremos.

A escola que desejamos precisa se construir com um currículo em movimento, que dialogue com o a formação humana, entendendo o trabalho como princípio educativo, como afirma Caldart (2010, p. 31): "A organização de um currículo que tenha como pressuposto o trabalho como princípio educativo deve transcender a simples realização de atividades

produtivas na escola ou a compreensão de que o trabalho em si, apenas como tarefa mecânica, é formativo".

O segundo aspecto relevante é considerar todos os processos como importante para a transformação da escola a partir de ações coletivas com os diversos sujeitos. Estudante, educadores, pais e comunidade em geral têm que fazer parte no processo de mudança cotidiano da escola. Nossa tentativa de problematizar estas questões com os estudantes poderia ser realizadas com todo o coletivo da escola, mas nos limitamos em diversas ocasiões por perceber que a escola ainda não é um espaço democrático em que todos participam.

Nossos trabalhos foram ensaios de transformação da escola, da sala de aula, dos estudantes e dos conteúdos. Todas as pequenas ações desenvolvidas foram feitas buscando vinculação com os princípios da educação do campo, buscando fortalecer a luta da educação do campo em formas sujeitos para a vida.

### 3.1.3 Socializando dos trabalhos: apresentando os cartazes

A socialização na escola aconteceu dia 11 de novembro de 2016, dia escolhido para paralização das atividades nas escolas devido aos projetos de Lei que estão em tramitação na câmara dos deputados e no senado<sup>19</sup>. Pensamos em fazer a socialização neste dia, como um ato político contra todos estes projetos de lei, provocando o próprio debate na sala de aula com os estudantes. As demais turmas também estavam socializando suas atividades nas aulas das professoras de história e sociologia, mas o professor de filosofia encerrará suas aulas dia 16 de novembro.

Cada estudante trouxe sua contribuição em alimento para, logo após as apresentações, confraternizarmos juntos os frutos colhidos desses trabalhos. Pedimos aos grupos que se organizassem para iniciar as apresentações, sendo que eles estariam sendo avaliados por nós, conforme destacou a professora.

O grupo 1 apresentou seu trabalho através de desenhos explicando o que cada estudante fazia em seu dia-a-dia, assim como falaram sobre sua participação nas tarefas com seus familiares ou em outros espaços de trabalhos. Destacaram a importância de ter sempre companheiros na luta diária, sentimentos de amizade e de compromisso com sua família ajudando-os como possível.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> Dentre várias medidas de retirada de direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, destacamos a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que congela investimentos públicos pelos próximos 20 anos. Na Câmara dos Deputados foi denominada de PEC 241 e, por fim, no Senado Federal foi denominada de PEC nº 95.

Pauring in 12 to 150 miles 12

**Imagem 9: Estudantes aprsentando cartazes** 

Fonte: Tamires Pereira Vieira, 2016

O grupo 2 apresentou uma variedade de trabalhos, desde a dedicação das jovens em contribuir em casa, além de realizarem tarefas que lhes garantam outra renda como produção de tapetes de crochê, trabalho em comércios e outros. O grupo 3 produziu os desenhos destacando as formas de trabalho que realizam, bem como as formas de lazer ressaltando a importância de poder ser jovem curtindo os diversos momentos no seu cotidiano.

Os estudantes estavam bastante nervosos no momento das apresentações, mas logo criavam estratégias de apresentar os trabalhos fazendo algumas piadas ou brincadeiras, que lhes tirava um pouco da timidez diante dos colegas. Após a realização das apresentações fizemos um resumo daquilo que foi observado ao longo desses meses sobre os trabalhos realizados, os debates em sala, o estudo do conteúdo do livro e por fim, a socialização dos trabalhos.

Reforçamos que as produções realizadas pelos estudantes seriam transformadas em um vídeo e um caderno de experiências contando suas diversas experiências cotidianas sobre as temáticas de Juventude e Trabalho. Os estudantes ficaram empolgados com as propostas do vídeo e do caderno, perguntando quando estaria pronto para poderem assistir e pegar no material que produziram juntos.

Finalizamos as apresentações com agradecimentos a toda turma pela colaboração e paciência ao decorrer das aulas e no desenvolvimento dos trabalhos, bem como agradecimentos a professora por ter cedido suas aulas para realização do trabalho, e sua colaboração nas mesmas. O momento foi bastante emocionante, onde choramos juntos pelas diversas dificuldades encontradas para realizar o estágio docente, porem de uma forma ou outra não o impediram de ser concretizado.

Imagem 10: Socialização com a turma do 2º ano EE José Martins Ferreira



Fonte: Tamires Pereira Vieira, 2016

Os estudantes agradeceram pela escolha de sua turma para realizar o estágio, e se desculparam por muitas vezes não terem colaborado com o projeto, se colocando à disposição para o que precisar. Ao terminar, todos os agradecimentos registramos este momento com varais fotos, assim como partilhamos as coisas que havíamos levados para comer.

Observamos que muito do que planejamos não conseguimos realizar, muito menos dedicar-se ao conteúdo profundamente devido ao tempo que no ensino Médio é um fator precioso. Acreditamos ter deixado alguns apontamentos e debates que esperamos dar continuidade com as turmas sobre a categoria Juventude e Trabalho, percebendo o quanto estão imbricadas, principalmente quando pensamos no elemento da escola como articuladora desses dois conceitos.

# CAPÍTULO 4: REFLEXÕES SOBRE O CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO E JUVENTUDE NO CAMPO

O presente capitulo objetiva analisar qual o currículo do ensino médio encontramos nas escolas do campo, tendo como recorte a escola estadual José Martins Ferreira, bem como compreender qual o perfil de jovem temos no ensino médio, além de refletir sobre o perfil de jovem que o currículo está conseguindo formar. Dessa forma, o capitulo é composto analises sobre o perfil do jovem que o ensino médio está formando articulados com os estudos de alguns autores, tais como: Stropassolas (2006), Castro (2012) e Ribeiro (2011) sobre a juventude do campo; Dayrell, Carrano e Maia (2014), Rocha e Leão (2015) e Leão, Dayrell, e Reis (2011) sobre a juventude e o ensino médio.

Discutir sobre juventude não é um tema fácil. Falar de juventude implica em compreender quem são estes jovens, tendo em vista que o próprio conceito é amplo pois a juventude é diversa. É necessário compreender que falar de juventude, ou melhor de jovens implica em saber o contexto em que os jovens estão inseridos, bem como a própria invisibilidade construída acerca desses sujeitos.

Neste sentido Bourdieu (1983) descreve a juventude além de uma palavra, apontando muitos caminhos para compreender a juventude. A juventude como categoria diversa luta para se afirmar assumindo identidades heterogêneas. Desse modo, para compreender os jovens não se pode utilizar somente a construção da idade como um parâmetro que definirá quem é jovem e quem não é.

Para Leão e Rocha (2015, p. 19): "Precisamos olha-la enquanto um conjunto diversificado, que emitem muitas características expressas a partir do pertencimento a determinada classe social, a condição econômica e etc, e não nos prender somente ao recorte etário e geracional sobre a juventude." O recorte etário será uma das formas que articuladas as demais contribuirá na compreensão do conceito de juventude.

Assim, dentro das diversas identidades juvenis que vem travando lutas intensas para se afirmarem, vem se constituindo a categoria de juventude do campo, no qual segundo Figueiredo (2011, p. 59):

A invenção de uma identidade enseja, entre outras coisas, a criação de possibilidades para acessar as redes institucionais nas quais as pessoas estão interligadas, mas que não as compreendem de modo suficiente. A invenção da juventude camponesa como uma identidade territorial, desafia as noções binárias que povoam o imaginário presente no discurso sobre o desenvolvimento e a modernidade.

A invenção da categoria jovem do campo representará a voz dos jovens que historicamente não aparecem nas histórias e nas lutas sociais pelo território. Envolvido na categoria unidade familiar, o jovem começa a reivindicar sua identidade como jovem camponês na garantia do acesso a direitos básicos, dentre eles poderem permanecer no território. A garantia de permanecer no local que vive ocorrerá de diversas formas, dentre elas o acesso a educação com qualidade.

Contudo o ensino médio que se encontra no campo é repleto de problemas. O ensino médio no sudeste do Pará na modalidade do SOME é marcado por inúmeras tensões, sejam na oferta, no acesso e na permanência dos jovens, ou a relação do estado com os professores é marcada por intensas dificuldades. Percebemos que a Seduc juntamente com a 4ª URE não possuem um planejamento que aponte direcionamentos para o ensino médio na região.

Vale ressaltar que o SOME nasce como um projeto alternativo de acesso as comunidades rurais para a oferta do ensino médio. Ele chegou nas comunidades, no entanto provoca inúmeras dúvidas acerca do sua qualidade de ensino, da metodologia aplicada, dos materiais. O SOME se quer possui um projeto político pedagógico que direcione os professores nas suas práticas pedagógicas. Tais limites resultam de um processo de sucateamento dessa modalidade de oferta do ensino médio.

Avançamos na construção e aprovação de leis que regulam o ensino médio no Pará. No entanto, na pratica a situação está piorando, principalmente com as propostas manipuladoras de reforma do ensino médio apontadas pelo governo do estado do Pará. Sistemas que vão utilizar a tecnologia substituindo a presença do professor como saída proposta pelo governo de melhorar o ensino médio. Para se pensar qualquer mudança é necessário olhar para o chão que pisa, como Hage (2006, p. 166) reafirma a necessidade da construção de um projeto político pedagógico que considere o chão Amazônico como essencial em sua construção e implantação:

Destacamos a necessidade de que a experiências políticas e educacionais implementadas no campo na Amazônia, assumam um projeto politico pedagógico que expresse suas causas, os desafios, os sonhos, a história e a cultura das populações da Amazônia que são do campo e nele vivem; e que conceba a educação articulada a um projeto de desenvolvimento social que assuma princípios da sustentabilidade e da solidariedade como base para a construção de um projeto de sociedade inclusiva, plural e democrática.

Além da construção do projeto político pedagógico é necessário que se realize formações com os professores da rede estadual, que atuam nas comunidades sem saber quem são os estudantes e quais problemáticas estes enfrentam. Constroem planos de ensino sem saber quem são os sujeitos com quem vai atuar. Caso o professor seja sensível à mudanças, tentará fazer um planejamento prévio, conforme for conhecendo os estudantes, fará as mudanças necessárias; caso contrário, os professores executarão seu planejamento sem se quer saber porque os jovens chegam cansados na escola.

Diante das problemáticas do SOME, quem são os jovens que nele estão? Qual seu perfil? A partir da experiência do estágio docência na turma, articulada a alguns debates teóricos sobre a juventude, organizamos traços do perfil dos jovens que atualmente estão no ensino médio.

Observamos que a maioria dos jovens que chega no ensino médio tem de 16 a 35 anos. O que revela que a trajetória escolar de parte significativa desses jovens é marcada pela interrupção, em algum momento vivencia a experiência de interromper os estudos.

Considerando a distinção entre homens e mulheres. Vimos que em geral, os meninos apresentam mais dificuldade para prosseguir nos estudos, no caso, ingressar no ensino médio, geralmente porque frente às dificuldades de conciliar trabalho e estudo, arrumam trabalhos fixos ou com rendas maiores. Assumem a maioridade quando estão no ensino médio e com isso uma carga de responsabilidades ainda maior, seja na família, no trabalho. O que traz à tona a questão das baixas condições sócio econômicas dessa população.

Para Dayrell, Carrano e Reis (2011, p. 1071) em pesquisa realizada com os jovens do ensino médio paraense, afirmam que esta realidade é presente no cotidiano do jovem: "Para alguns, a iniciação ao trabalho ocorreu ainda na adolescência, por meio dos mais variados "biscates" caracterizando uma situação de instabilidade que tende a persistir ao longo da juventude. Mas isso não significava abandonar a escola, apesar de influenciar no percurso escolar."

Observamos que as interrupções no ensino de maneira geral são feitas pelos meninos. Com relação ao trabalho, os jovens do campo desde pequenos são socializadas nas praticas do trabalho realizado pela família. Vale ressaltar que serão os meninos com as idades maiores no ensino médio se comparado com as meninas. Logo enquanto criança assume papéis como o de levar comida e água para o pai na roça, cuidar das ferramentas de trabalho dentre outras funções. Segundo Stropassolas (2006, p. 211) "Importa salientar, também que estes afazeres realizados na infância, aparecem internalizados nas representações dos jovens, como ajuda e não como trabalho".

Percebemos que com as meninas tendem a assumir trabalhos em casa, como cuidar dos irmãos, realização dos afazeres domésticos, cuidado com as criações. Geralmente elas seguem os estudos sem nenhuma interrupção, chegando ao ensino médio sem defasagem idade serie. Geralmente, as meninas tendem a sair dos lotes para estudar fora. Todavia o fator da migração não pode ser entendida como uma característica das meninas, tendo em vista que os meninos também saem da vila, ou do lote em busca de emprego, ou para continuar os estudos.

Identificamos que a família ou as jovens não reconhecem as outras formas de atividade como trabalho, compreendidos como ajuda. A perspectiva do trabalho é compreendido somente como renda financeira, ocupando uma realização importante na vida do jovem, ainda que os deixem extremamente cansados.

Segundo Jeolás e Lima (2002, p. 39) o trabalho ganha várias denotações na vida do jovem, como condição de dignidade, autonomia, maturidade, além de garantir a vivencia da identidade social jovem a partir da aquisição de produtos, tal como afirmam:

A valorização do trabalho é enfatizada de diferentes maneiras pelos jovens: como condição de dignidade para o homem, adquirindo um se nítido moral; como instância socializadora, garantindo disciplina, maturidade e responsabilidade; como espaço de sociabilidade e de aquisição de novos conhecimentos; e como garantia de uma margem de autonomia em relação aos pais para as sumirem decisões sobre sua vida, sobre tudo, quanto à permanência na escola, ao consumo de produtos e marcas juvenis da moda e atividades de lazer - fatores fundamentais para a construção da identidade social do jovem.

O trabalho também é identificado como um dos fatores que levam os jovens a deixarem a comunidade, o lote, a vila para cidade. Contudo, analisando o perfil dos jovens do ensino médio de São Raimundo do Araguaia, se torna um fator variável. Os jovens não saem definitivamente dos seus territórios, pois sempre retornam a eles para visitar a família, ou até mesmo constituem família no campo e trabalham na cidade.

Neste sentido, os jovens sejam meninas ou meninos estão sempre transitando nos espaços da cidade e campo. Segundo Ribeiro (2015, p. 249) citando (HASBAERT, 2004): "Vive-se então uma busca de oportunidades, a qual os jovens integrados a uma determinada condição familiar sejam capazes de acionar para dar conta de sua reprodução social no espaço em meio ao sentido desterriorializante ou de uma múltiterritorialidade insegura."

Dessa forma, a migração do jovem não pode ser entendida como um fator de busca de emprego, pois historicamente a construção do conceito de camponês é permeada pelo fator da migração. Entretanto a migração das meninas para a cidade é maior do que a dos meninos. Ocorre um fator de masculinização do campo, que tende a fazer os jovens rapazes casar muito cedo e constituir família. Isso tende a ser uma das características que levam os meninos a desistirem dos estudos, principalmente por não conseguirem articular o trabalho com o estudo.

Percebemos que uma das características centrais na vida do jovem é a construção do projeto de vida. Para Dayrell, Carrano e Reis (2011, p. 1072): "A ideia de projeto de vida remete a um plano de ação que um indivíduo se propõe a realizar em relação a alguma esfera de sua vida (profissional, escolar, afetivo, etc) em um arco temporal mais ou menos largo, dependendo do contexto socioeconômico e cultural de cada jovem e a partir de suas experiências". A construção do projeto de vida é uma das características fundamentais para compreende-lo.

Contudo, como fazer um projeto de vida, tendo a realidade marcada de tensões? Para os jovens do campo, identificamos que o projeto de vida é algo articulado a escola. Todavia, os jovens vivem as incertezas constantes, em terminar os estudos, fazer uma faculdade, permanecer no lote, enfim, uma série de fatores que implicarão a construção do projeto de vida.

A construção de um projeto de vida para estes jovens implicará em uma nova conformação dos tempos. O passado será tomado como o exemplo daquilo que ser alcançar, ou dependendo de cada sujeito daquilo que se buscar esquecer. Neste sentido, segundo Dayrell, Carrano e Reis (2011, p. 1074) O futuro será baseado nas incertezas, tendo em vista que as certezas será uma possibilidade rara encontrada no jovem atualmente, pois para estes tudo muda muito rápido, sendo o presente o tempo chave das realizações para o jovem:

A ampliação das incertezas em todos os níveis da vida social se soma uma ampliação do sentimento e da ideia de risco. O futuro se torna passível de perder o seu sentido como um tempo progressivo, controlável e planificável. Diante de um cenário marcado pelas incertezas e pelos riscos, a busca de sentido é transferida para o presente, num eixo temporal curto que tornaria possível o seu controle.

A realidade vivenciada pelo jovem o levam a não ter clareza do que almejam, no qual demonstrar o quão problemática é a realidade do jovem. Chegamos a uma questão fundamental acerca do projeto de vida: o papel da escola. Como espaço de construção e socialização do saber os jovens acreditam no papel da escola em forma-los para assumir um emprego, melhorar de vida e etc.

Contudo, a escola do ensino médio no modelo atual não consegue enxergar a sua contribuição na construção do projeto de vida efetivo para juventude. Esta cega em seus conteúdos, tempos fechados, professores estressados, e os jovens vão construindo seus projetos de vida a partir das incertezas e duvidas constantes, como afirma Dayrell, Carrano e Reis (2011, p. 1079): "Os projetos de vida tendem a ser elaborados na medida da experimentação de si no contexto de um determinado campo de possibilidades, sem metas rígidas, em um processo de exploração marcado pela provisoriedade.

As dúvidas em relação ao que ser almeja para o futuro, ou a construção da noção de futuro, não é considerada pela escola. De maneira geral a escola vem atuando no não reconhecimento das vivências dos jovens, os vendo como estudante sem antes vê-lo como jovem. Perceber os jovens que estão na escola se faz extremamente urgente, pois esta reproduzindo visões negativas sobre os jovens, visões estas reproduzidas principalmente pela mídia.

Para Arroyo (2011, p. 243): "Os jovens e adolescentes são vistos nas escolas e na sociedade com a incorporação de transgressões, provocações e contestações e como exposições de desordem dos desejos, dos corpos, da intensidade passional, das reações e sentimentos irracionais. Violentos, indisciplinados". Parece-nos contraditório quando a escola reforça a importância do aluno, o estudante como o sujeito central, mas, na prática acaba reproduzindo discurso de segregação, exclusão sobre os jovens.

Neste sentido, concordando com o autor, vemos que a escola está excluindo os jovens ao invés de reconhecer suas especificidades e singularidades. Jovens estudantes que não conseguem demonstrar sua identidade nas aulas, nos conteúdos, pelo professor ou gestão da escola. São estudantes jovens do ensino médio que ao chegarem cansados na escola a noite, simplesmente são empurrados a fazer uma prova que se quer condiz com sua realidade.

De maneira geral os jovens do ensino médio são sujeitos de inúmeras identidades que assumem conforme o contexto e sua realidade, ora são estudantes, ou cantores na igreja, trabalhadores, afirmando a riqueza de entender a juventude em constante movimento repleta por suas especificidades e heterogeneidade. Contudo, também são jovens marcados pela desigualdade social, vistos na maioria das vezes pelo viés negativista, sendo transformados em problemas ambulantes.

Os jovens do campo estudantes do ensino médio vivem a migração mais intensamente, sendo às vezes obrigados a sair de seus territórios em busca de uma vida melhor nas grandes cidades, tornando-se vítimas fáceis da violência, prostituição e uso de drogas ilícitas. São estes os jovens que encontramos no ensino médio, cobertos pela capa de estudantes e na maioria das vezes sendo condicionados a igualdade excludente.

No tópico que segue analisaremos o perfil de jovem formado pelo ensino médio no campo. Compreenderemos quais as principais características do jovem egresso desse ensino médio, tendo em vista o perfil de jovem que este atende. Neste sentido analisamos qual o currículo está sendo ofertado pelo SOME.

Mobilizaremos Castro (2012) e Ribeiro (2011) sobre a juventude do campo além de retomar os documentos oficiais sobre o ensino médio e seus objetivos, tais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, o documento de regulamentação do Some, e a Lei de Regulamentação da Política de Educação do Campo e Pronera.

## 4.1 A EXPERIÊNCIA DO ENSINO MÉDIO A PARTIR DOS EGRESSOS DA ESCOLA JOSÉ MARTINS FERREIRA

Em trabalhos realizados com a turma do 2º ano da Escola Estadual José Martins Ferreira coletamos dados sobre o cotidiano dos jovens, a influência da família, as dificuldades e problemáticas enfrentadas pelos jovens do campo. Buscando complementar nossa pesquisa, realizamos e janeiro de 2017 um questionário com os estudantes que cursaram o 2º ano do ensino médio em 2016, contudo haviam finalizado o ensino médio em 2017. Sentimos a

necessidade de conhecer mais sobre os estudantes, percebendo que as informações que tínhamos sobre eles estavam incompletas.

Neste sentido, dos 10 estudantes da turma do 2º ano, conseguimos identificar e realizar o questionário com 06, tendo em vista que os 04 não foram localizados. Neste capítulo buscamos apresentar e discutir informações sobre o perfil atual quanto a idade, moradia, estado civil. Problematizando a opinião dos estudantes egressos quanto a experiência do ensino médio em sua formação.

A partir dos dados coletados na pesquisa, por conseguinte no questionário organizamos uma tabela que identifica o sexo dos estudantes, idade, com quem mora, o estado civil, se possuem filhos, e como fazem para deslocar-se até a escola.

**Quadro 08:** Perfil dos egressos do ensino médio da Escola José Martins Ferreira: referente sexo, idade, com quem mora, estado civil, se possuem filhos, e deslocamento até a escola.

Estudante/ Sexo	Idade	Mora Com	Estado Civil	Filhos	Desloc. Até Escola
J. O. M. (m)	23	Pai, mãe, irmã	Solteiro	N	A pé
D. G. S (f)	17	Pai, mãe, 3 irmãos	Solteira	N	A pé
M. D. S. P (f)	18	Mãe,irmã, padastro	Solteira	N	A pé
J. S. N (f)	22	Irmã	Solteiro	N	A pé
O. M. O (m)	20	Pai, irmã	Solteiro	N	A pé
S. M. C (m)	19	Nr	Solteiro	N	A pé

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Observando o quadro 04 sobre o perfil dos estudantes do 2º ano, verificamos que eles estão situados entre os jovens de 15 a 25 anos, no qual moram com os pais, são solteiros e sem filhos. Logo nossa afirmação partiria do princípio de que são jovens estudantes que dependentes financeiramente dos pais. Entretanto, essa afirmação reduziria nossa analise a respostas objetivas, tendendo a aceitar o senso comum sobre os jovens, afirmando que estes jovens não fazem nada, ou seja, não realizam nenhuma atividade dentro ou fora de casa.

Neste sentido, comparamos os dados do quadro 08 e construímos um quadro 09 em que os estudantes descrevem sobre o seu dia-a-dia, o que fazem em casa e fora de casa, levando em consideração que é necessário analisar o contexto em que o jovem esta inserido. Percebemos, varias contradições nas afirmações feitas pelos estudantes entre o quadro 08 quando dizem alguns não fazerem nada em comparação ao quadro 09 onde afirmam realizar atividades dentro e fora de casa.

**Quadro 09:** Sexo e Descrição das atividades realizadas dentro e fora de casa pelos jovens egressos do ensino médio

Sexo	Atividade na Família	Atividade Fora	Lazer	Como é o seu dia-a-dia? O que você
		De Casa		faz?

M	Ajuda o pai na fazenda	Não	Esportes	Estudo nas horas vagas, e jogo bola, trabalho com meu pai. Ajudo minha mãe em casa, e faço outras atividades físicas.
F	Nada	Nada	Vai a igreja	Ajudo nas tarefas de casa. Saio.
F	Não	Não	Não	Arrumo a casa, assisto, e vou pra igreja.
F	Limpa a casa e o quintal	Visita outras igrejas	Brinca com os amigos	Às vezes eu ando de bicicleta, eu gosto de ir à igreja, gosto de passear, fazer novas amizade, conhecer várias pessoas.
M	Hábito de ler	Perguntas e respostas com os colegas	Ler	Atualmente estou trabalhando em uma empresa de construção e nos dias que estou de folga pratico futebol.
M	Churrasco	Joga bola	Jogar bola no ginásio	Eu fico em casa durante a manhã, a tarde eu vou pro ginásio jogar bola. Eu jogo bastante, quando chega a noite eu tomo banho e mexo no celular.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Observaremos que os estudantes de ambos os sexos realizam atividades dentro e fora de casa. As afirmações feitas por alguns de não realizar nada em casa ou fora de casa, demonstram-se perigosas reafirmando uma invisibilidade acerca das tarefas realizadas pela juventude dentro e fora do núcleo familiar. Essa invisibilidade tende a consolidar senso comum de que a juventude não faz nada.

Este equivoco reproduz uma ideologia de que a juventude não contribui para a sociedade, não contribuindo com a família e com a sociedade é um vagabundo, um problema. Segundo Dayrell e Carrano (2014, p. 107) é necessário atenção em enxergar o jovem pelo viés negativista, como um problema, tendo em vista que os problemas enfrentados pela juventude já existiam antes mesmos destes atingirem a idade de jovem:

Enxergar o jovem pela ótica dos problemas é reduzir a complexidade desse momento da vida. É preciso cuidar para não transformar a juventude em idade problemática, confundindo-a com as dificuldades que possam afligi-la. É preciso dizer que muitos dos problemas que consideramos próprios dessa fase, não foram produzidos por jovens. Esses já existiam antes mesmo de o indivíduo chegar à idade da juventude.

Os problemas sociais precedem a juventude, não podendo enxergá-lo como um problema, mas como o sujeito impacto por tais problemas. Um aspecto que merece ser ressaltado é o lazer destes jovens, que em grande maioria acontece com os amigos. Neste sentido, os grupos em que os jovens estão inseridos serão importantes, configurando um espaço de troca de experiências, bem como um espaço de sociabilidade.

O grupo de amigos será um espaço de troca, construção coletiva, e de tensões em que os jovens vão se deparar. Concordando com Dayrell e Carrano (2014, p. 117) no qual afirmam que o grupo de amigos representa um espaço fundamental na construção do jovem e de sua identidade:

A turma de amigos cumpre um papel fundamental na trajetória da juventude, principalmente na adolescência. É um momento próprio de experimentações, de descobertas e testes das próprias potencialidades e de demandas de autonomia que se efetivam no exercício de escolhas. [...] A sociabilidade expressa uma dinâmica de relações com diferentes gradações que definem aqueles que são os mais próximos (os amigos do peito) e aqueles mais distantes (a colegagem), bem como o movimento constante de aproximações e afastamentos, numa mobilidade entre diferentes turmas ou galeras.

Os jovens encontram no grupo de amigos um importante aspecto, que é o lugar exprimem sua identidade juvenil. Inquietamo-nos em saber qual o papel da escola para os estudantes do 2º ano, no qual analisaremos as respostas dos estudantes no quadro 10 sobre a função da escola na vida dos estudantes:

**Quadro 10:** Papel da escola na opinião dos egressos do ensino médio da escola José Martins Ferreira

Sexo	O que acha da escola? Gosta ou não?
M	Sim. Porque lá aprendemos ser uma pessoa de bem. Educado e como viver no dia-a-
	dia. Arrumando um bom emprego e ser um filho melhor.
F	Sim. Porque a escola também é um ambiente de lazer, onde fazemos novas amizades.
F	Sim. Porque foi na escola que conheci meus amigos.
F	Não. Apesar dela estar com defeitos, de algum instante ela se desmoronar por cima da
	gente, o telhamento estar com defeitos, não prestar, grandes goteiras, madeira podre e
	varias rachaduras na paredes.
M	Sim. A escola é muita boa para todos que querem ter um conhecimento aprimorado. É
	onde você vai aprender, se educar, se comportar. É um ambiente que não trás tristeza e
	sim felicidade. A escola é sempre um lugar que você se sente muito bem.
M	Sim. Porque eu revejo os amigos, aprendo novas coisas, bagunço um pouco com meus
	amigos, estudo as matérias que os professores de fora vêm ensinar.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Analisando as respostas dos egressos percebemos que grande maioria afirma gostar da escola. Nesta perspectiva percebemos que quando os egressos explicam o porquê gostam da escola, observaremos inúmeras respostas, que podem ou não ser agrupadas. As respostas que se sobressaem é a escola como um espaço de encontro com os amigos, um lugar de lazer em que se encontra e se constrói novas amizades.

Segundo Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 1081) a escola possui um papel fundamental na vida dos jovens como também um espaço de expectativas: "Afirmamos que a escola é este espaço de profunda importância na vida dos jovens, sendo uma instituição para a qual dirigem muitas expectativas". Contudo, a vivência na escola pelos jovens é destacada como um espaço de encontro com os amigos, ou seja, um local de sociabilidade, onde os jovens podem se divertir, sonhar, um espaço em que o jovem possa vivenciar sua condição juvenil.

Contudo, a fala de um egresso traz elementos negativos sobre a escola, no qual afirma ser um espaço ruim, pois sua infraestrutura está precária. Neste sentido, mesmo a escola sendo o local de encontro importante na vida do jovem, pois é um espaço de possibilidades, ou seja,

de expectativas, ocupa um lugar de contradição dificultando a aprendizagem dos estudantes, bem como transformando este espaço como aquele em que os jovens não querem ficar.

Na pesquisa realizada com jovens paraenses estudantes do ensino médio, Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 1081) reafirmam a precariedade das escolas descritas pelos jovens:

Algumas escolas, não tinham higiene ou condições básicas ao conforto. Outras não possuíam laboratórios e bibliotecas adequadas. Segundo eles, é difícil observar essa diversidade de situações entre as escolas de uma mesma rede de ensino, e que deveriam oferecer condições mínimas de ensino.

O espaço da escola é um espaço de encontro, pois refletem sobre sua vida, suas angustias, seus sonhos e desafios, portanto um espaço com o mínimo de conforto na sua estrutura, com biblioteca e laboratórios, com merenda de qualidade, o que garantirá uma educação de qualidade para os jovens. Contudo é necessário ter cuidado, ao criar na escola essa ideologia de um espaço onde será possível de ser realizado, um espaço que garantirá um bom emprego, o ingresso a universidade, a possibilidade de melhorar de vida.

Tais afirmações tendem a criar no jovem determinadas expectativas que tenderão a leva-los a frustração caso tais objetivos ou expectativas não sejam alcançados. Ressaltamos que a escola possui papel fundamental na vida dos jovens, contudo, ainda possui inúmeras problemáticas desde a sua concepção até as regras que a gerem, pois está em disputa assim como qualquer instituição nesta sociedade.

Neste sentido, questionamos os estudantes acerca dos professores e de suas aulas, no qual percebemos uma divisão de opiniões entre os professores e os papeis desenvolvidos por eles em sala de aula. Além disso, os egressos se dividem ao definirem o perfil de professores que encontraram no ensino médio:

Quadro 11: Resposta dos egressos sobre os professores do Ensino Médio da Escola José Martins Ferreira.

### Como são os professores do EM? E suas aulas?

Meus professores foram ótimos. Muito bons. Porque sem eles nós não somos nada na vida.

São muito bons. Alguns faltam as aulas, misturam sua vida pessoal com a profissional.

Bom, alguns professores tem muita preguiça de dar aula, outros bebem, alguns são ignorantes, mas tem outros que são ótimos que não tem preguiça de ensinar, que é divertido.

Eram legais comigo e com os meus colegas, apesar que eu não estou estudando mais, que eu já completei o ensino médio, minhas aulas eram ótimas e legais.

Os professores são muito capacitados para a função, é certo que deveriam ser mais rígidos em suas aulas, mas não tenho nem o que falar sobre ele. As aulas são melhores ainda, porque você vê as coisas do dia-a-dia, você sempre tem que aprimorar.

Tem alguns professores legais que sabem explicar bem as matérias, mas também tem outros que são ignorantes que chegam na escola com raiva e descontam nos alunos, sendo que nós não tem haver com a vida deles.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Analisando o perfil dos professores descrito pelos egressos, enxergamos algumas lacunas. Segundo a maioria dos jovens estudantes, os professores são bons, legais, explicam bem os conteúdos, dominam sua disciplina. Contudo, alguns professores apresentam pouco zelo no exercício da profissão e nem sempre conseguem estabelecer uma relação respeitosa com os estudantes. O que chama atenção nos trechos é o fato de se referirem a professores reais. Não remete a uma visão de que são somente bonzinhos ou a uma visão de que são maldosos. Os trechos apresentam elementos que precisariam ser mais bem estudados a fim de compreendermos os seus sentidos. Isso remete para outro exercício de pesquisa, que não será possível nesse trabalho.

Segundo Freire (1987, p. 58) a educação não pode ser entendida como algo transferível de um para o outro, esta reprodução cria uma separação entre aqueles que sabem e por isso doam seu conhecimento para aqueles que não sabem e necessitam desse saber: "Na visão "bancária" da educação, o "saber" é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que se constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual está se encontra sempre no outro".

A afirmação de Freire sobre a alienação da ignorância aponta para uma concepção de educação, em que a centralidade é o professor, tendência perigosa por enxergará os estudantes como caixas em que se deposita o conhecimento. Nesta perspectiva, Krawczyk (2014, p. 90) afirma em discussão sobre o papel do professor, a necessidade de repensar não somente o papel do professor, mas o papel da escola: "O que a escola não conseguiu ainda é romper com essa imagem do docente "super -homem" e se convencer a formar o jovem oferecendo a possibilidade da reflexão, onde as perguntas e os questionamentos são mais valiosos porque permitem a redefinição de conhecimentos e valores já estabelecidos como "verdades", que nem sempre o são."

A questão levantada pela autora contribui no sentido de pensarmos o real papel não somente da escola mais do professor, ressaltando que antes de professor que chega na escola e enfrenta inúmeras dificuldades, problemas e tensões, este é um sujeito com vivencias e experiências. É necessário que a escola oferte ao professor condições melhores de trabalho, bem como, é fundamental que o professor busque compreender o estudante como um sujeito que chega ao ensino médio com incertezas, experiências, no qual ambos repensem a educação, a escola como um todo.

Nesta perspectiva, provocamos os egressos a dizerem qual a avaliação fazem sobre o ensino médio, refletindo sobre suas contribuições a sua vida como jovem. No quadro 12 deste

trabalho, percebemos que, assim como as experiências dos jovens ainda que vividas coletivamente, serão expressas de forma diversa.

**Quadro 12:** Respostas dos egressos acerca da avaliação e contribuição do EM da escola José Martins Ferreira

Qual sua avaliação sobre o EM?	Em sua opinião, o EM contribuiu em sua vida? Em quê?
Na minha opinião foram boas.	Eu era uma pessoa que não tinha conhecimento das palavras e nem se comportar na sociedade. Agora estou pronto pra ser uma pessoa melhor, com ajuda dos conhecimentos dos estudos na minha vida.
Bom, mas precisa melhorar. As salas estão em péssimo estado, mas os professores dão ótimas aulas.	Para o futuro, nos ajuda a lembrar das aulas dadas de 3 a 8 série.
O ensino médio é muito bom, mas eu acho que nós precisamos de mais tempo para estudar, porque é só três meses estudando duas ou três matérias, então fica difícil.	Sim.
Eu acho muito importante para nós, os alunos, um patrimônio cultural e eficaz, nos aprendemos mais do que nunca.	Sim. Em valorizar mais o estudo para que eu venha aprender mais, para que eu possa ir mais além do que imagino.
O ensino médio ao todo deveria ser mais valorizado, e que os gestores deveriam ter mais atenção. Tem que valorizar esse ensino, porque é daqui que esta saindo a maioria dos professores e empresários. Valorizando mais ainda, irá ficar melhor para todos nós.	Sim. Contribuiu no meu aprendizado e que futuramente irei fazer com que tudo que eu aprendi na minha humilde escola, vou por em pratica.
É legal porque me ajuda a ter conhecimento pra poder entra em uma boa faculdade. Mas, aqui em São Raimundo os professores dão aulas um mês, dois meses e vão embora e também não tem recurso para estudar.	Sim. Contribui para entrar em uma faculdade boa e ter mais conhecimento para que eu tenha uma ótima vida.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Na avaliação feita pelos estudantes sobre o ensino médio todos concordaram que o ensino médio significou algo importante em suas vidas. Esta etapa de ensino contribuiu significativamente na vida de cada estudante. Entretanto, os estudantes tecem algumas críticas sobre o ensino médio, ressaltando a precariedade da estrutura da escola, a não valorização do ensino ofertado na comunidade, bem como a não valorização dos professores, afirmando que é importante os gestores valorizar e zelar melhor pelo ensino médio.

Quando questionados sobre as contribuições do ensino médio na sua vida, observamos que as respostas também são diversas, pois exprimem os desejos de cada jovem. Ambos afirmam que o ensino médio contribuiu para poderem cursar uma universidade, melhorar sua aprendizagem, na valorização de poder estudar. A escola do ensino médio ainda que repleta de contradições é um espaço importante na vida dos jovens, pois os ajudam a pensar projeto de vidas futuros, mesmo que os projetos visualizam o futuro como algo distante.

Neste sentido, Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 1072) discutindo sobre o conceito de projeto de vida, concordam com a afirmação de Schutz (1979), no qual:

A ideia de projeto de vida remete a um plano de ação que um indivíduo se propõe a realizar em relação a alguma esfera de sua vida (profissional, escolar, afetivo, etc) em um arco temporal mais ou menos largo, dependendo do contexto socioeconômico e cultural de cada jovem e a partir de suas experiências.

Partindo desse princípio, a escola possuiu essa importância central na vida dos jovens pois tende a contribuir na projeção do projeto de vida dos estudantes.

Compreendendo que o projeto de vida é algo que vai se construindo conforme o amadurecimento do jovem estudante, tantas as experiências positivas, quanto as experiências frustrantes serão importantes na constituição do projeto de vida. Entretanto, esta tendência afeta significativamente os jovens estudantes que construirão seus projetos de vida nas incertezas, tal como observamos nas respostas dadas pelos estudantes.

O futuro como incerto para estes jovens advém de uma realidade em nada é certo, tudo está em constante transformação tendo este jovem muitas vezes adiar seus sonhos e desejos em cursar uma universidade para poder trabalhar. Nesta perspectiva, concordamos com as afirmações feitas Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 1079) no qual: "projetos de vida tendem a ser elaborados na medida da experimentação de si no contexto de um determinado campo de possibilidades, sem metas rígidas, em um processo de exploração marcado pela provisoriedade".

Perceberemos no quadro 13 as principais dificuldades enfrentadas pelos jovens ao estudarem no ensino médio noturno e modular. Atrelado a essa discussão, veremos as propostas dos estudantes acerca da melhoria do ensino médio.

**Quadro 13:** Dificuldades e sugestões de melhorias descritas pelos egressos da escola José Martins Ferreira

Quais as dificuldades que você enfrentou ao estudar no EM?	O que é preciso melhorar no EM?
Foi ter que trabalhar o dia, e estudar a noite	Conforto para nossos professores, para que se sintam-bem na escola.
Sem resposta	Sem resposta
Sem resposta	É preciso melhorar primeiramente a escola, ela está em péssimas condições, em segundo precisa melhorar a respeito da merenda, pois não é todo dia que tem, precisa melhorar os quadros da sala de aula, pois estão quebrados.
Em aprender falar em Inglês, porque não eu acho muito difícil para quem não estudou e também Química.	A educação, participação dos professores na escola mais e mais, a entrega de novos livros didáticos para os alunos, merenda escolar e etc.
Foram muitas as dificuldades, mas não de nenhuma disciplina. Foi de que precisamos de mais infraestrutura, para que nosso ensino melhore mais ainda.	Precisar ter mais atenção e ser mais valorizado, da qual muitos gestores não estou nem um pouco preocupado. Porque eu tenho pra mim que se fosse eles estudarem em uma escola como nesse estado

	que ela está, rápido eles tomavam providências.
Várias dificuldades, porque a escola está caído aos	Reformar a escola, trocar os livros, os quadros,
pedaços, corre o risco de uma telha cair na cabeça	cadeiras, comprar computadores para pesquisa,
de um aluno, não tem livros novos, tem muitos	compra novos alimentos, porque nos estamos
morcegos na escola.	cansados de comer bolacha seca, farofa, suco de
	cupu, acerola e também não e todo dia que tem
	lanche.

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2018

Dentre as dificuldades mencionadas, é ressaltada pelos egressos é a questão da infraestrutura da escola no qual também dificulta a aprendizagem e vontade de estar no espaço escolar, sendo este o aspecto mais comentado nas respostas. As péssimas condições da infraestrutura física representam o abandono o qual a educação escolar de adolescentes e jovens está submetida. É um atestado de esquecimento e pouca preocupação com a juventude. E que traz muitas inquietações sobre qual a importância que o Estado e a sociedade têm dado de fato às novas gerações? Os jovens acabam por assimilar uma percepção pouco acolhedora do espaço físico.

Algumas dificuldades dos estudantes são relacionadas a questão das disciplinas que exigem certos conhecimentos em que os estudantes não dominam bem nas quais se destacam Inglês e Química.

Também nos chamou atenção a resposta do primeiro egresso afirmando a dificuldade de relacionar estudo e trabalho. Avaliamos que essas respostas têm vínculos com aquelas que mencionam a necessidade de merenda escolar, visto que envolve as situações de estudantestrabalhadores.

Observamos a partir dos trabalhos realizados por Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 1082) no estado do Pará que esta realidade dos estudantes da cidade e do campo enfrentam a dificuldade de conciliar estudo e trabalho. Segundo os autores ocorre uma desvalorização do ensino médio noturno seja no campo ou na cidade, sendo alvo de muitas críticas feita pelos estudantes:

Contudo, o que apareceu como gritante, foi a desigualdade que se manifesta nos turnos com permanência histórica de uma política de desvalorização do ensino noturno. Isso ocorre tanto em escola da cidade quanto do campo, com agravamento a mais para o campo, muitos jovens moram longe da escola e quando tem transporte escolar, saem cedo para a escola, retornando tarde para suas moradias. Além da escola empobrecida em materiais, ela também carece nas relações humanas.

Nota-se que as críticas feitas pelos autores sobre a realidade do ensino médio noturno, bem como a dificuldade dos estudantes sobre determinadas disciplinas, além da dificuldade de relacionar trabalho e estudo, comprovam que o ensino médio noturno é repleto de crises, pois não é uma modalidade gerida com qualidade. O exemplo disso, o Sistema Organizacional

Modular de Ensino o SOME criado como uma política de expansão do acesso ao ensino médio para as comunidades do campo não teve o investimento necessário para suprir as lacunas, tendo em vista sendo criada na década de 1980 como uma modalidade alternativa, porem só teve uma legislação específica em no ano de 2014, mas novamente persiste a prática de não investimento na implementação da política.

Nesta perspectiva, os estudantes reforçam que é necessário melhorar a escola desde a estruturam, os livros didáticos, professores, merenda escolar, no qual acreditamos que a cobrança feita por eles em melhorar a escola, também é melhorar o currículo desta, pois o currículo envolve todos os aspectos para além do conteúdo.

Acreditamos que os estudantes conseguem imaginar a escola que querem, pois conseguem perceber as características da escola que não querem. A escola dos sonhos dos jovens reflete a escola que estes não têm, mas acreditam futuramente ser algo possível de ser materializado. No quadro 14 encontraremos as respostas dos estudantes acerca de como deveria ser escola, em que destacam questões já reforçadas em respostas anteriores.

Quadro 14: Opinião dos egressos do 2º ano sobre como deveria ser a escola

#### Como deveria ser a escola?

Limpa, com higiene e confortável e etc.

A escola deveria ter uma reforma, porque tem muito cupim e quando chove molha tudo. O quadro deveria ser no pincel, pois o quadro esta quebrado. A vam escolar deveria ser nova porque muitas vezes meus colegas não vão para a escola porque ela não foi buscar, pois aconteceu algum problema, então deveria melhorar tudo.

Ser mais civilizada, ser mais organizada e mais bonita e mais visitada.

A nossa escola deveria ser uma das melhores. Porem é ensino médio que mais sai os futuros professores e educadores. Vamos valorizar esse ensino, pois é neste que muitos estudou e chegaram muito longe.

A escola deveria ser limpa, deveria ser limpa, deveria ter quadra para nós praticar esporte, uma biblioteca melhor, novos lanches, cadeiras novas, quadros novos, ventiladores que prestam, portas novas, a escola tinha que ser toda reformada toda sem nenhuma exceção.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Perceberemos que a escola na opinião deveria sem um lugar bonito em que todos pudessem encontra-la limpo, confortável. A escola deveria ter espaço de leitura e estudo como uma biblioteca, com quadra de esporte para o lazer dos estudantes. A escola segundo os estudantes deveria representar o lugar de aprendizado, de lazer, de sociabilidade das experiências.

Debater sobre a função da escola necessariamente deveria inserir o jovem nesta construção. A construção de um ensino médio deve considerar a opinião dos jovens que estão chegando ou que deveriam chegar. Neste sentido, a tarefa de repensar o ensino médio na construção da escola em que os estudantes sejam protagonistas deve envolver os professores também como protagonistas, onde ambos aprenderão em comunhão.

A escola dos sonhos demonstra o desejo dos estudantes em repensar a escola em tempos de formação diferentes dos padrões atuais, com espaços que permitam as trocas e vivencias coletivas. Os conteúdos possibilitarão a troca de conhecimento com seu saber vivido, bem como contribuindo na construção do projeto de vida. Nesta perspectiva o jovem do ensino médio da modalidade modular enfrenta sérias dificuldades com a escola atual, seja na infraestrutura, com os conteúdos, os professores a forma de aprender.

Krawczyk (2014, p. 96) aponta algumas necessidades sobre a escola e o ensino, principalmente do envolvimento que escola deve estabelecer com a comunidade, ressaltando que é na escola que deve se discutir as contradições encontradas na realidade: "necessitamos que a escola se comprometa com a comunidade na qual está inserida, mas também com os desafios que a realidade (complexa e controvertida) nos apresenta, por mais difícil e desafiante que seja deixar o mundo e suas contradições entrarem na escola."

Neste sentido, acreditamos que a constituição da escola entenderá que os jovens estudantes possuem características, sonhos e problemáticas que chegarão a escola e demandarão a ela respostas. Cabe a esta escola não negar os estudantes, reconhecendo-os com sujeitos e não protótipos de alunos, reconhecendo neles a sua humanidade. Dessa forma, os estudantes serão protagonistas na construção dessa nova escola, desse novo saber, dessas novas práticas de educar e aprender.

No tópico seguinte, discutimos sobre o currículo da escola de ensino médio José Martins Ferreira. Abordamos alguns aspectos sobre a estrutura curricular da escola, fazendo relação aos dados pesquisados na 4ª Unidade Regional de Ensino de Marabá responsável por gerir o ensino médio nesta região, incluindo o município de Brejo Grande do Araguaia.

A partir das entrevistas realizadas com professores da rede estadual de ensino médio, analisaremos os conteúdos e as práticas que estão previstas para as turmas de 1° 2° e 3° ano relacionando com a Diretriz de regulamentação do Sistema Organizacional Modular de Ensino - SOME. Mobilizaremos as contribuições de Arroyo (2011) e Silva (2006) no debate sobre currículo.

## 4.2 O CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO: QUE PERFIL DE JOVENS EGRESSOS?

Qual o currículo do ensino médio? Qual o perfil de jovem formado por este ensino médio?

São questões difíceis de serem analisadas, tendo em vista que devemos questionar se o ensino médio possui um perfil de jovem que se pretende formar.

De maneira geral o ensino médio ao longo da história sofreu inúmeras mudanças. Seja na busca de uma identidade, nos objetivos, o ensino médio até os dias atuais será a modalidade de ensino que ainda divide opiniões sobre a perspectiva de formação que este deve seguir. Dessa forma, essa modalidade estará em constante transformações no seu bojo, de escola trabalho, para ensino médio inovador, integrado, ou formação politécnica, no qual dependendo do contexto histórico algumas características tendem a acentuar-se mais sobre o ensino médio,

Tomaremos como referências as DCNEM (2012) sobre a proposta de ensino médio que temos atualmente na sociedade. Conforme as DCNEM independente da forma de oferta ou organização do ensino médio, este deverá garantir a formação integral do estudante, interdisciplinaridade e contextualização do conhecimento, a integração do trabalho, ciência e tecnologia como bases estruturantes do conhecimento bem como a garantia do acesso a cultura no sentido material e nas expressões dos valores. Em suma o currículo do ensino médio tomará como base:

Art. 6º O currículo é conceituado como a proposta de ação educativa constituída pela seleção de conhecimentos construídos pela sociedade, expressando-se por práticas escolares que se desdobram em torno de conhecimentos relevantes e pertinentes, permeadas pelas relações sociais, articulando vivências e saberes dos estudantes e contribuindo para o desenvolvimento de suas identidades e condições cognitivas e sócio-afetivas.

Segundo a proposta para o ensino médio conforme as DCNEM, o currículo terá papel central na seleção dos conhecimentos, na articulação dos conhecimentos e experiências dos estudantes contribuindo na formação e desenvolvimento do estudante de maneira cognitiva e sócio-afetivas. Neste sentido, o currículo terá como ponto chave os sujeitos da formação, como estudantes que não chegam vazios neste ensino médio, importando a escola a tarefa de dialogar com estes jovens respeitando suas especificidades e formas de organização.

Destacamos no tópico anterior o perfil dos jovens desse ensino médio, onde a escola precisa os reconhecer como jovens como todas as suas identidades, pluralidades e tensões. Cabe ressaltar que recentemente estes jovens conseguirão chegar no ensino médio no qual foi pensado estruturalmente para os filhos das classes abastadas. Assim afirma Arroyo (2011, p. 225): "Até que enfim chegam os Outros que nunca chegaram. São os filhos(as) dos setores populares que nunca antes entravam na escola. Se sua entrada física é um avanço, entretanto está deixando exposto que precisamos reconhecê-los como Outros".

Neste sentido, o autor chama atenção para o ensino médio como um espaço de sujeitos que historicamente foram negados a educação, além de outras políticas públicas que são direitos conquistados a partir de inúmeros enfrentamentos. Se reconhecer os sujeitos nas suas

especificidades é necessário para construir a educação de nível médio, esta também deverá se construir a partir de singularidades que presente estes sujeitos da cidade e do campo.

Assim, tivemos um avanço nas políticas públicas para a educação do campo com a aprovação da Política de Educação do Campo e o Pronera (2010) tendo como objetivo: "ampliação e qualificação de oferta de educação básica e superior às populações do campo, e será desenvolvida pela união em regime de colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios" (BRASIL, 2010, p. 01). Esses avanços encontram-se em constante disputa.

Neste sentido, observamos que ao longo dos anos mesmo que lentamente tivemos avanços significativo na legislação acerca da educação do campo e seus direitos. Contudo, na pratica esses avanços ainda não ocorreram de forma efetiva. Observando o ensino médio nesta região do sudeste paraense vimos inúmeras lacunas, dentre elas a constituição de um currículo que envolva os sujeitos do campo.

Destacamos duas tensões: a primeira é não reconhecimento dos sujeitos do ensino médio. A segunda ocorre na constituição do currículo. O avanço na consolidação da educação de nível médio nesta região ainda é repleto de problemáticas, mesmo que esta modalidade ainda que com problemas tenha chegado no campo. Vale ressaltar que o ensino médio é ofertado e gestado pela 4ª Unidade Regional de Ensino em 13 municípios do sudeste paraense. Esta oferta o ensino médio na modalidade regular e modular.

O ensino regular geralmente é ofertado nas escolas da cidade, e o modular através do Sistema Organizacional de Ensino Médio. Teoricamente são duas modalidades completamente diferentes e compostas por realidade totalmente específicas. Todavia, segundo entrevista com o ex-professor do Some, o ensino médio é gerido da mesma maneira não tendo nenhuma diferenciação por parte da 4ª URE com o SOME e o regular:

No entanto não existia nenhuma diferenciação pedagógica, de formação em relação ao ensino modular e o ensino regular. A Seduc sempre tratou os dois como se fosse uma coisa só, e a gente sabe que são situações totalmente diferenciadas que merecem um olhar especifico, porque o público da educação é um e da educação urbana são outro. São situações totalmente adversas mas que o estado nunca reconheceu essa situação (Ex-professor do SOME, formado em geografia, entrevista concedida em janeiro de 2018).

Com base na afirmação do professor bem como em pesquisas realizadas na 4ª URE, de fato não se tem um modelo de ensino, assim como não se tem um currículo especifico voltado para os sujeitos do campo. Por mais que em 2014 tenha sido aprovada a lei de Regulamentação e oferta do SOME, a Seduc através da 4ª não possuem um plano de formação que atenda os sujeitos do campo a partir da sua diversidade. O que é possível observar que é essa regulamentação foi definitivamente engavetada.

A atuação da 4ª URE não reconhece as especificidades do campo e de seus sujeitos. Sendo assim, a tendência será a escola reproduzir um curricular que não identificará os jovens a partir de um contexto social, além de os professores realizarem práticas pedagógicas educativas sem minimamente saber a juventude que se encontra no ensino médio.

Identificamos a falta de uma estrutura organizacional na própria unidade regional de ensino. A 4ª URE não possui uma autonomia própria junto a Seduc sendo subordinada a esta na solicitação de documentos, na gestão das informações, na organização do quadro de funcionários e na própria proposta de organiza-se pedagogicamente. Ocorre uma espera na resolução dos problemas onde a 4ª URE. Espera-se que a Seduc resolva os problemas, mas a Seduc afirma que a URE deve solucionar, prejudicando a escola que acaba sem solução alguma das suas problemáticas.

Um outro agravamento percebido são as relações entre Seduc, 4ª URE e Prefeituras. Segundo a Lei do SOME: "Art. 17. A Secretaria de Estado de Educação poderá celebrar convênio de cooperação técnica com os municípios, visando desenvolver o Sistema de Organização Modular de Ensino" (BRASIL, 2014, p. 05). Conforme o artigo os convênios serão essenciais na consolidação do ensino médio nas comunidades rurais.

Entretanto os convênios acabam sendo uma transposição de deveres, no qual a URE juntamente com a Seduc se exime de vários problemas como a moradia dos professores, garantia da contribuição no transporte escolar e da merenda, deixando a cargo das prefeituras assumirem o ensino médio. As prefeituras irão assumir o ensino médio ofertando, transporte escolar, merenda, funcionários para a escola, material didático dentre outras questões. Atualmente a única responsabilidade assumida pela 4ª URE com as escolas é oferta dos professores.

Os professores são enviados para as comunidades sem minimamente conhecê-las, no qual identificamos um grave problema. Os professores do SOME realizam seus planejamentos de aulas baseados em suposições acerca do perfil dos estudantes. Ressaltamos que alguns professores buscarão realizar nas primeiras aulas um diagnóstico para saber quem ao os estudantes, além de identificar certas problemáticas e possibilidades de trabalho com a turma. No entanto grande parte dos professores tendem a construir suas aulas a partir de um imaginário acerca dos estudantes que encontrarão.

Contudo as DCNEM orientam que a organização curricular deve perceber os estudantes com suas diversas características, no qual enfatiza a idade, a especificidades sociais e culturais:

XI - a organização curricular do Ensino Médio deve oferecer tempos e espaços próprios para estudos e atividades que permitam itinerários formativos opcionais diversificados, a fim de melhor responder à heterogeneidade e pluralidade de condições, múltiplos interesses e aspirações dos estudantes, com suas especificidades etárias, sociais e culturais, bem como sua fase de desenvolvimento; (BRASIL, 2012, p. 06)

Em suma as propostas da DCNEM, Política de Educação do Campo não acontecem na realidade como deveriam ser. Vemos que os jovens não são considerados em suas identidades coletivas, na sua característica social, econômica, de gênero, cultural. O currículo escolar tenderá a construir um perfil homogeneizante sobre a juventude, principalmente em reproduzir um discurso de analise rasa.

Nesta perspectiva aparece na fala dos professores e da própria escola um perfil de jovem preguiçoso, no qual sempre chega na escola cansando não conseguindo acompanhar o conteúdo. Este jovem geralmente já contribui financeiramente com a família, trabalhando fora de casa o dia todo e chegando extremamente cansado na escola. As DCNEM afirmam que o ensino médio no período noturno como é caso do SOME, deve ser adequado a realidade dos jovens, no qual grande maioria são trabalhadores:

IV - no Ensino Médio regular noturno, adequado às condições de trabalhadores, respeitados os mínimos de duração e de carga horária, o projeto político-pedagógico deve atender, com qualidade, a sua singularidade, especificando uma organização curricular e metodológica diferenciada, e pode, para garantir a permanência e o sucesso destes estudantes: (BRASIL, 2012, p. 06)

Entretanto os jovens do modular enfrentam sérias problemáticas para cursarem o ensino médio que tende a ser precário na maioria das escolas. Estes encontram escolas precárias sem o mínimo do saneamento básico, professores e gestores que dificilmente olharão para eles como os sujeitos principais da formação com vivencias e experiências essências para a construção do ensino médio.

O currículo baseado principalmente nos conteúdos disciplinares, em que geralmente não se tempo para aprender tudo, deixando sempre os jovens com sem o conteúdo completo. Assim, uma questão central emergem: qual o perfil do jovem egresso do ensino médio? Para Weller (2014, p. 139):

A escola enquanto instância de socialização secundária desempenha, juntamente com a família, um importante papel na elaboração de projetos. Mas, em alguns contextos sociais nos quais a escola está inserida, vem sendo atribuída pouca prioridade a essa função, julgando que a elaboração de projetos de vida é papel das famílias e que as instituições de ensino devem concentrar seus esforços na preparação do jovem para a inserção no mercado de trabalho.

Segundo a afirmação feita pela autora a escola cumpre um papel importante na vida do jovem, pois possibilitaria a construção do projeto de vida. No entanto como Weller afirma a

escola tende a deixar que a família assuma esta tarefa sozinha, assumido a formação para o mercado de trabalho. Contudo, o que observamos que nem para o mercado de trabalho a escola está conseguindo formar. Os jovens acabam se submetendo a emprego de meio período ou bicos, ganhando menos de um salário mínimo.

Segundo as DCNEM os jovens do ensino médio seriam preparados para a formação integral, tendo o trabalho como um dos princípio formativos: "II - o trabalho como princípio educativo, para a compreensão do processo histórico de produção científica e tecnológica, desenvolvida e apropriada socialmente para a transformação das condições naturais da vida e a ampliação das capacidades, das potencialidades e dos sentidos humanos" (BRASIL, 2012, p. 04)

O trabalho nesse sentido como parte do ser humano, indissociável da sua vida, elemento formativo e construtivo da própria formação humana. Contudo, os jovens ao saírem escola mesmo aqueles que buscam logo ingressar no ensino superior são seriamente questionados a buscar um emprego. Os educadores tendem a reproduzir esta afirmação, no qual para Ramos (2011, p. 785):

Do ponto de vista pratico, os educadores brasileiros do ensino médio e da educação profissional, assim como a própria sociedade em geral, não incorporaram como sua a concepção de ensino médio integrado na perspectiva da formação omnilateral e politécnica. Ao contrário, predomina uma visão retrograda vinculada ao ensino médio profissionalizante e compensatória ou, ainda, a defesa de um ensino médio propedêutico e da profissionalização como processo específico e independente.

Segundo a autora mesmo com a difusão da perspectiva formativa do trabalho, os professores internalizam a perspectiva do trabalho para o mercado, ressaltando o viés econômico. Cabe ressaltar que essa perspectiva difundida pela maioria dos professores parte de uma construção histórica em que os filhos das camadas mais pobres ao alcançarem determinado nível de formação, assumirão as tarefas do mercado de trabalho, diga-se de passagem, as funções de mais sobrecarga, nunca os que exigirão mais domínio técnico ou científico.

Até os dias atuais essa perspectiva do ensino médio como a preparação para o mercado de trabalho está presente, provocando na juventude essa modalidade inúmeras incertezas acerca da profissão que almejam seguir, bem como, da compreensão do trabalho como formativo. Neste sentido, os jovens do campo do ensino médio tenderão após finalizar esta etapa ter que optar em permanecer ou ficar no campo.

Construirão seus projetos de vida baseados nas esperanças de mudar de vida ao chegar na cidade como descreve a estudante quando questionada se pretende continuar na vila São Raimundo do Araguaia: "não porque aqui por enquanto não ta adquirindo coisa nenhuma e ai

pra gente crescer e ser alguém na vida a gente tem que sair conhecer coisas novas, fazer coisas novas depois quem sabe eu volte" (Estudante A. M. C, entrevista concedida em outubro de 2016).

A construção de uma melhoria de vida ocorrerá assim que ela migrar para a cidade, pois é o local ideal para conhecer coisas novas, assim como conseguir um trabalho. No entanto o que se percebe são estudantes do campo que ao finalizarem o ensino médio e sair para a cidade, defrontam-se com uma realidade complexa e diversa, bem diferente da encontrada no campo, tal como afirma Ribeiro (2015, p. 250):

Outro fato que esta chamando-nos atenção nestas cidades, são as constantes notícias dos jornais locais sobre a morte de jovens com faixa entre os 15 e 24 anos, negros e de origem camponesa, em sua maioria negros com algum vinculo ou com alguma relação com o campo. São pessoas errantes, vivendo processos de desterritorialização do cotidiano, ganhando um troco, pedindo um pouco, roubando, ficando louco, rodando o trecho.

Concordamos em parte com a afirmação da autora, quando afirma que a realidade sonhada ou contada aos jovens do campo como o lugar da realização dos sonhos, acaba na grande maioria se tornando pesadelo. Se observarmos as periferias das cidades, veremos que temos uma parcela significativa dos jovens oriundos do campo vivendo nela. Assumem trabalhos de meio período, ou enfrentam dificuldades com relação a exclusão, reclusão, provação, morte, prostituição, álcool, drogas, além de estarem constantemente ameaçados por grupos de extermínio.

Entretanto, é necessário extremo cuidado em afirmar que a maioria dos jovens possui esse destino ao migrarem para cidade, pois nem sempre estão nas periferias, ou vão enfrentar algumas das problemáticas acima, contudo, estão é uma possibilidade constante na vida dos jovens, pois estão expostos cotidianamente a este tipo de violência. Aos jovens que optam por ficarem no campo terão que enfrentar dificuldades no acesso ao trabalho formal, bem como a continuação dos estudos na comunidade, pois isso não lhe é ofertado. Para se manter, este jovem assumirá trabalhos que exigem esforço físico enorme, as vezes se submetendo a trabalhos de 10 a 12 horas sem parar.

Os conhecimentos observados no currículo dificilmente dialogarão com a vida deste jovem. O jovem que se forma no ensino médio pelo SOME possuem inúmeras dificuldades de ler e escrever. Não consegue assim interpretar questões do vestibular, reprovando ou tirando notas baixas, dados estes que são bastante reforçados pela mídia e reproduzidos pela escola.

Os jovens do ensino médio do modular dificilmente conseguirão construir textos dissertativos, analíticos ou quem sabe se sair bem na redação do Enem. Pois ao chegarem na escola com muita dificuldade, vindos de vicinais e assentamentos para estudar numa escola

com uma estrutura deficiente, encontrarão professores interessados em passar o conteúdo. Seja o de português, matemática, história ou artes, não os levarão a pensar criticamente, mas reproduz conceitos chaves, porque o tempo é pouco para construir outras metodologias na aula, como assistir um vídeo sobre o assunto, realizar uma pesquisa de campo.

Nossa questão é entender quem são os jovens que saem do ensino médio. Em suma são estudantes que possuem direitos no papel, mas, na prática esses direitos lhes são negados. Segundo Arroyo (2011, 121): "O significado dos conhecimentos não vem apenas nem principalmente de sua aplicabilidade para a vida, mas de estar enraizados nas experiências e nas mais radicais indagações da condição humana".

Observamos que temos uma grandeza de leis, diretrizes que tenderão a dizer o que se deve ensinar, e como deve-se ensinar. No entanto, em concordância a afirmação autor o conhecimento vai para além dos conteúdos, além das leis que o regulam. Se os jovens não puderem ter vez nos currículos, suas experiências e incertezas, as tensões constantes, o ensino médio continuará a formar estudantes robôs. Igualmente, precisam ter vez na dimensão socioeconômica no sentido de terem saciados suas necessidades básicas como moradia, trabalho, alimentação, saúde, acolhimento.

Neste sentido, é necessário que os currículos do ensino médio reconheçam os jovens que nele estão. Compreenda suas especificidades, além de contribuir de forma efetiva na construção dos projetos de vida desses jovens. Além disso, é necessário que a 4ª URE construa um plano de formação especifico para as escolas do campo levando em consideração o modelo de sistema que está implantado nas escolas. A construção de um Projeto político Pedagógico é extremamente urgente, para que se tenha direcionamentos de qual perfil de sujeitos e pretende formar.

Nesta perspectiva compreender o jovem que saí do ensino médio, exige uma análise do ensino médio que temos, além do contexto em que o jovem está inserido, levando em consideração suas perspectivas de vida, futuro, relações sociais, problemáticas. Percebemos portanto, que esta é uma empreitada que tentamos iniciar nesse trabalho, mas que se pode ser concluído nele. O ensino médio deve ser ressignificado pelos os jovens, professores que contribuirão na construção de um currículo que tenha vinculo nas suas experiências formativas como um todo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Fizemos o empenho de entender qual o currículo do ensino médio ofertado pelo Sistema Organizacional Modular de Ensino na Escola José Martins Ferreira, bem como de compreender qual o perfil de sujeito este ensino médio pretende formar.

Vários resultados foram alcançados a partir dos objetivos proposto. Em primeiro lugar a compreensão acerca do conceito de juventude enquanto uma categoria histórica e transitória, não podendo ser definida utilizando a característica da faixa etária como definidor desta, tendo em vista que este será um dos fatores que atrelados a outros contribuirão na constituição da categoria juventude. A compreensão sobre a juventude do campo como uma categoria constitui-se atrelada as lutas acerca do território.

Segundo, a juventude do campo que também está no ensino médio necessita ser reconhecida a partir de suas especificidades, não podendo criar conceitos homogêneos mesmo tendo características comuns entre elas e eles. Assim o ensino médio coincidirá com o período próprio da juventude, sendo assim caracterizado pela juventude estar no ensino médio, neste sentido algumas tensões foram sentidas acerca do currículo do ensino médio proposto, bem como, do ensino médio ofertado no campo.

Neste sentido, conceituar juventude apenas a partir da característica da idade tende a levar uma homogeneização dessa juventude, construindo um conceito universal. Observamos que a juventude é uma categoria que deve ser compreendida a partir do contexto que ela está inserida, não existindo uma única juventude, mas a juventude no plural. Assim, as juventudes serão representadas por diversas identidades, que neste caso podem ser assumidas todas de uma vez.

O jovem pode ao mesmo tempo ser estudante, agricultor e jovem sendo a identidade um fator construído individualmente ou coletivamente. Nesta perspectiva a identidade de juvenil poderá ser compreendida a partir das relações que o jovem estabelecerá com ele mesmo, com a família, os amigos e os espaços em que ele estiver inserido.

Dessa forma compreendemos que a juventude do campo será principalmente a questão da família como uma unidade importante na vida dos jovens, pois será a partir dela que este será socializado desde sua terra infância ao trabalho. O trabalho na perspectiva do jovem do campo como sentido formativo, pois através dele transforma a natureza e a si próprio. Outra questão que cabe ressaltar sobre o jovem do campo é a relação entre campo e cidade. Teremos uma divisão de ideias sobre a cidade e o campo.

A cidade para alguns jovens ainda é o lugar onde irão melhorar de vida pois ela propiciará as condições necessárias para que jovem possa viver sua identidade juvenil. No entanto, a cidade também será o palco das incertezas na vida do jovem do campo, não sabendo se ao chegar nela, de fato lhe será propiciado tudo. Permanecer no campo implica para o jovem assumir trabalhos que demandam bastante esforço físico.

O jovem do campo assumirá trabalhos de meio período e bicos no campo, criando alternativas de permanência do campo. Neste sentido, um fator nem tão incomum são de os meninos jovens casarem muito cedo, e as meninas jovens terem filho muito cedo. Entretanto, são perspectivas que constituem a juventude e permite que estes possam permanecer no campo.

Considerando os jovens da turma do 2º ano do ensino médio da Escola José Martins Ferreira da vila São Raimundo do Araguaia na idade de 15 a 23 anos, reafirmando que para considerar a juventude é necessário constatar outras características, em defini-la tendo cuidado para não construir uma categoria homogeneizante, um perfil de jovem universal. Dessa forma, são jovens que realizam trabalhos dentro ou fora da unidade familiar, sendo estes socializados com o trabalho desde a infância.

Destaca-se a diversidade de trabalhos em que os jovens desenvolvem e estão inseridos. Teremos jovens que se dedicam aos trabalhos domésticos enquanto os pais trabalham fora de casa, no cuidado com os irmãos, bem como teremos jovens que estão inseridos em empresas de construção. Identificamos que todos os jovens residem na vila, são solteiros e moram com a família pai, mãe e irmãos.

Os jovens são solteiros sendo ao todo 10 estudantes pesquisados, 06 jovens do sexo masculino e 04 do sexo feminino. Percebemos que a perspectiva dos jovens ao terminarem o ensino médio seria de sair da vila, tendo em vista que a maioria dos jovens tinham perspectiva de ingressar na universidade, fazer cursinhos técnicos ou assumir empregos formais. Identificamos que é uma pratica bastante recorrente na comunidade, os jovens finalizarem o ensino médio e irem embora, no qual dificilmente retornam para morar, mas para ver os pais, visitar outros parentes.

Observamos que a tendência é dos jovens meninos permanecer na vila morando com a família, ou logo casando-se muito cedo e das jovens meninas saírem da comunidade. Contudo este dado pode variar, pois percebe-se que os meninos também estão saindo mais, em busca de emprego, e as meninas estão permanecendo na comunidade. Neste sentido, não podemos generalizar que ocorre uma intensa masculinização no campo, no entanto encontrar-se o número significativo de jovens meninos maior que o número de jovens meninas.

Em se tratando dos jovens estudantes e a escola José Martins Ferreira, identificamos algumas tensões acerca desta relação. Os jovens estudantes afirmaram gostar no espaço da escola, pois ele propicia novas aprendizagens, o encontro com os amigos e a possibilidade de conseguir um trabalho que exija menos esforço físico. A escola neste sentido na visão dos jovens é um espaço importante, pois contribui na constituição das relações de amizade, bem como um espaço de socialização de conhecimento. No entanto, com relação a estrutura da escola os jovens estudantes afirmam que deveria ser melhorado, contribuindo negativamente para sua aprendizagem.

Em relação aos conteúdos proposto pelo ensino médio e a relação com os professores, segundo os estudantes afirmam ter uma disciplina favorita e gostar dos professores. Contudo, alguns professores de maneira grosseira com os estudantes que segundo eles acabam tendo medo desse tipo de professor. As disciplinas favoritas dos estudantes eram português e matemática, pois segundo eles são disciplinas que contribuem para sua aprendizagem.

Inquietou-nos saber o porquê disciplinas da área das ciências humanas como geografia e história, não foram citadas pelos estudantes como importantes. De forma consensual os estudantes afirmavam que estas "outras disciplinas" não traziam conhecimentos de sua realidade e, portanto, elas não tinham tanto valor quanto a de português e matemática.

Acreditamos que essa reprodução no discurso dos estudantes vai de encontro com as propostas de Reforma do Ensino Médio a nível estadual e federal. A escola reforça a ideia que saber ler e escrever além de resolver cálculos são os conhecimentos necessários para a formação do jovem.

As demais disciplinas que contribui para repensar as relações sociais, o acesso à (s) cultura(s) são tidas como optativas. Dessa forma a escola acaba reproduzindo um discurso minimalista da preparação dos jovens somente para decodificação de informações, não importando a formação integral deste, seja pelo viés da cultura, das artes, ou das disciplinas que vão discutir a sociedade e as relações.

Quando questionados sobre a importância do ensino médio em suas vidas, os estudantes afirmaram mesmo diante das dificuldades o ensino médio simbolizou uma etapa de avanço nos conhecimentos, na formação de novas amizades e socialização de saberes, bem como na preparação ao ingresso a universidade e ao mercado de trabalho. Contudo ressaltam que se precisa melhorar o espaço da escola, a oferta de livros didáticos, a reforma das casas dos professores.

Em entrevistas aos professores do ensino médio as informações descritas pelos estudantes então em contradição. Segundo os professores o ensino médio no Pará em

especifico na modalidade do SOME enfrenta inúmeras problemáticas. Destacam-se a falta de cuidado e organização das escolas do campo que grande maioria estão em péssimas condições, além da falta de material didático como livro, papel, giz e outros. Para eles a relação com a 4ª URE acaba transparecendo uma relação de poder coercitiva e de descaso, no qual o professor é enviado para as comunidades sem minimamente saber quem são os estudantes, permanecendo em casas insalubres sem as mínimas condições de permanecer na residência pelos 50 dias letivos do modulo.

Além disso a 4ª URE não tem um projeto político pedagógico que reflita sobre as especificidades dos sujeitos do campo tratando-os da mesma maneira. No que tange a legislação do ensino médio do campo, o estado do Pará desde 1980 onde implementa-se o Sistema Organizacional Modular de Ensino – SOME, somente em 2014 foi criada uma lei de regulamentação dessa modalidade ensino. Em mais de 34 anos o ensino médio modular não possuiu uma diretriz que o regulamentasse.

A nível nacional tivemos como base principal as DCNEM (2012), e a Política de Educação do Campo e Pronera (2010). Percebemos que muito se avanço na construção de leis que discutem sobre o ensino médio. Contudo, dependendo do momento histórico algumas terão mais foco do que outras. Basta observamos as Reformas que estão ocorrendo no Ensino médio, no qual refletem a própria LDB de 1971 em que o ensino médio prepara para o trabalho.

Dessa forma, o que percebemos que tais leis e diretrizes afastaram-se de fato do contexto social e das lutas sociais. Ora, em nenhum deles é reconhecido a juventude como uma categoria fundamental para se pensar o ensino médio, assim como, nenhuma delas propõe ao professor perspectivas de ensino que reconheçam as vivencias dos jovens. Sempre pensados em nível macro, tendem a não ser tomadas como referência de luta para garantia dos direitos. Com essa afirmação, não estamos dizendo que devemos esquecer tais legislações, ao contrário é necessário repensa-las, melhora-las e aprofunda-las trazendo sentido a elas.

Em suma o que está evidente é a necessidade de uma ressignificação do ensino médio e de seu currículo. Primeiramente é necessário perceber a juventude do campo como uma categoria que vai se formando em meio a tantas outras, gestando uma identidade que faz relação a luta e pertencimento ao território. Nesse sentido concordamos com Castro (2015) quando conceitua a juventude quanto uma categoria social, analítica e política. Esta se forma a partir dos embates sociais, colocando-se em meios as tensões de como pensar e gerir o território.

Assim, os jovens do campo necessitam serem reconhecidos nos currículos como sujeitos que enfrentam tensões cotidianas, mas que no seu cerce devem pensar e conduzir a escola, suas vidas, experiências e problemáticas, além de suas singularidades devem estar no currículo.

Em segundo lugar o SOME precisa ser repensado. Na atual conjuntura o SOME não possui se quer um projeto educativo que norteie as práticas pedagógicas dos professores tendo como foco um perfil de estudantes que se almejam forma. Faz-se necessário uma construção coletiva dos processos pedagógicos educativos, tais como a construção de um PPP para a 4ª URE, com participação dos professores e estudantes, que a partir das suas experiências farão suas contribuições.

Neste sentido, repensar o conceito de currículo concordando com Arroyo (2011) este em constante disputa, bem como em concordância com Silva (2007) representa a luta pelo saber, e poder. Os estudantes, os professores que chegam ao ensino médio são outros, o currículo estão será outro, disputado por estes sujeitos que historicamente tiveram negado o direito de acesso à educação, a ter suas experiências no currículo.

Para não concluir, a escola deve ser constituída por estes jovens estudantes que encontram nela espaço especial de construção de projeto de vida, baseado nas certezas. O professore será o mediador nesta relação, trazendo suas experiências individuais e coletivas para o debate. O ensino médio, será a modalidade em que os jovens que vai ao encontro a suas identidades e características juvenis que vão ao encontro à perspectiva de formação humana que considere outros tempos e outros modelos formativos.

Em suma, o currículo abrangerá todos estes sujeitos e suas perspectivas enfatizando para além do conteúdo a vida desses sujeitos, possibilitando outras pesquisas e trabalhos sobre a juventude do campo, o ensino médio e o currículo.

# REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. Entrevista com Pierre Bourdieu. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. P. 112-121.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez T.; REIS, Juliana B. **Juventude, projetos de vida e ensino médio**. Educação Sociologia. Campinas, 2011. v 32, n. 117, p. 1067 – 1084, outubro – dezembro.

STROPASSOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, (2006).

MARINHO, Dalcione Lima. **Rompendo cercas e construindo saberes:** a juventude na construção da educação profissional no Sudeste do Pará. Imprima, Recife, 2016.

CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

LEÃO, Geraldo; ROCHA, Maria Izabel Antunes. **Juventudes do Campo**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015. 1. ed. (Coleção Caminhos da Educação do Campo)

RIBEIRO, Beatriz Maria de Figueiredo. **Aqui não tem esse negócio de herança. Hoje eu quero uma terra pra mim!** relações intergeracionais na luta camponesa. Tese (Doutorado em Geografia) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. 364f

SPOSITO, Marília P.; CARRANO, Paulo C. R. **Juventude e políticas públicas no Brasil. Revista Brasileira de educação** Set /Out /Nov /Dez 2003 No 24. Dezembro de 2003.

NOSSELA, Paolo. **Ensino Médio: em busca do principio pedagógico.** *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 117, 2011 p. 1051-1066, out.-dez. Disponível em <a href="http://www.cedes.unicamp.br">http://www.cedes.unicamp.br</a>

MARTINS, José de Souza. **Fronteira:** A degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: EDITORA HUCITEC, 1997.

HÉBETT, Jean. **Cruzando Fronteira:** 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia. Bélem: EDUFPA, 2004. vol II.

BONDÍA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira Educação, n. 19 p. 20-28, 2002.

ARROYO, Miguel G. Currículo, território em disputa. Petrópolis, RJ: Vozes. 2011

SILVA, Tomaz T. **O currículo como fetiche: a poética e a política do teto escola.** Belo Horizonte: Autêntica 2006.

SILVA, Tomaz T. **Documentos de identidade: uma introdução as teorias do currículo**. Belo Horizonte, Autentica, 2007. 2 ed, 11<sup>a</sup> reimp.

HAGE, Salomão A. M. **Por uma educação do campo na Amazônia:** Currículo e diversidade cultural in CORRÊA, Paulo Sergio Almeida (org). A Educação, o currículo e a formação de educadores. Belém: EDUFPA, 2006. p. 149 a 170.

Freire (1996): **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. (org). **Juventude e ensino médio:** sujeitos e currículos em dialogo. Belo Horizonte: editora UFMG, 2014.

JEOLÁS, Leila S.; LIMA, Maria H. M. S. S. **Juventude e Trabalho:** entre "fazer o que gosta" e "gostar do que faz". **Revista Mediações**, Londrina v.7, n.2, p 35-62, julho/dez, 2002.

CALDART, Roseli (Org.). Caminhos para transformação da escola: reflexões desde práticas da licenciatura em Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. **Trabalho como princípio educativo**. In: CALDART, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

RAMOS, Marise N. **O currículo para o ensino médio em suas diferentes modalidades:** concepções, propostas e problemas. *Educ. Soc.*, Campinas, 2011. v. 32, n. 116, p. 771-788, jul.-set. Disponível em <a href="http://www.cedes.unicamp.br">http://www.cedes.unicamp.br</a>

MARX, Karl; Friedrich, Engels. **O manifesto comunista**. [tradução de Maria Lucia Como]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. Coleção Leitura.

THIOLLENT, Michel. Construção do conhecimento e metodologia da extensão. Congresso Brasileiro de Extensão Universitária - João Pessoa — PB, em 10 de novembro de 2002.

MIRANDA, Marilia G.; RESENDE, Anita C. A. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. Revista Brasileira de Educação. v. 11 n. 33 set./dez. 2006

Santos, Luciano Laurindo dos. **Sujeitos assentados e sua relação com a educação formal no campo**: um estudo de caso no assentamento 26 de março em Marabá. / Luciano Laurindo dos Santos. — 2015.

BRASIL, LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, LDB (1996). Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 23/12/1996, Página 27833 (Publicação Original)

BRASIL, LEI Nº 5.692 de 11 de AGOSTO de 1971. Estabelece Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus, e dá outras Providências. Legislação citada anexada pela coordenação de estudos legislativos — CEDI **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 12/8/1971, Página 6377 (Publicação Original) (Revogada pela Lei n. 9.394, de 20-12-1996) Disponível em <a href="http://www.camara.gov.br/sileg/integras/136683.pdf">http://www.camara.gov.br/sileg/integras/136683.pdf</a>

BRASIL, LEI N. 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. <a href="http://www.camara.gov.br/sileg/integras/441224.pdf">http://www.camara.gov.br/sileg/integras/441224.pdf</a>.

BRASIL, Resolução Nº 2, dE 30 dE Janeiro 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. **Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação**. Câmara de Educação Básica.

BRASIL, Decreto 7.352, de 04 de Novembro de 2010. Estabelece a Política de Educação do Campo e Pronera. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 5/11/2010, Página 1 (Publicação Original).

Brasil. Resolução Cne/Ceb 1, De 3 De Abril De 2002. Estabelece Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo 2002. Disponível em <a href="http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file">http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file</a>

Resolução N° 001 de 05 de janeiro de 2010. Dispõe sobre a regulamentação e a consolidação das normas estaduais e nacionais aplicáveis à Educação Básica no Sistema Estadual de Ensino do Pará. Governo do Estado do Pará. **Conselho Estadual De Educação**. Disponível em <a href="http://www.cee.pa.gov.br/sites/default/files/RESOLUCAO">http://www.cee.pa.gov.br/sites/default/files/RESOLUCAO</a> 001\_2010\_REGULAMENTACA O EDUC\_BAS-1.pdf

Resolução N°. 485 De 15 de dezembro de 2009. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de Instituições de Educação Básica no Sistema Estadual de Ensino do Pará. Disponível em <a href="http://www.cee.pa.gov.br/sites/default/files/RESOLU%C3%87%C3%83O%20485.09.%20REGULA%C3%87%C3%83O%20DA%20EDUCACAO%20BASICA.%20atualizada.07.2011%282%29\_0.pdf">http://www.cee.pa.gov.br/sites/default/files/RESOLU%C3%87%C3%83O%20485.09.%20REGULA%C3%87%C3%83O%20DA%20EDUCACAO%20BASICA.%20atualizada.07.2011%282%29\_0.pdf</a>

LEI Nº 7.806, de 29 de Abril de 2014. Dispõe sobre a regulamentação e o funcionamento do Sistema de Organização Modular de Ensino — SOME. <a href="http://www.pge.pa.gov.br/sites/default/files/lo7806.pdf">http://www.pge.pa.gov.br/sites/default/files/lo7806.pdf</a>

Portal SEDUC http://intranet.seduc.pa.gov.br/loginIntranet/index.php